

CLAVIS LIBRI · GUIA DE LEITURA

O VERMELHO E O NEGRO

Stendhal · 1830

O filho de um carpinteiro quer subir na França da Restauração, e escolhe a batina porque a farda já não serve.

A OBRA

TÍTULO ORIGINAL	Le Rouge et le Noir
PUBLICAÇÃO	1830
GÊNERO	Romance realista, crônica de costumes
CENÁRIO	Verrières (cidade inventada, no Franco-Condado), Besançon e Paris
ÉPOCA	A Restauração francesa, por volta de 1830
NARRADOR	Terceira pessoa, com intervenções irônicas do narrador
PROTAGONISTA	Julien Sorel

A TESE, EM UMA FRASE

Um rapaz pobre e inteligente descobre que a época fechou a porta pela qual ele entraria, e passa o livro inteiro entrando pela janela, até descobrir no fim que só foi feliz nas poucas horas em que não estava calculando.

O livro não explica o título; a leitura que o faz mapa da carreira é esta: o vermelho é a farda, que fazia general aos trinta anos no tempo de Napoleão, e o negro é a batina, que é o que sobrou depois da Restauração para quem quer subir sem nascer em berço. Julien enuncia isso como cálculo frio, não como vocação.

A frase que resume o eixo do livro inteiro não usa as palavras "vermelho" e "negro", mas é elas: “Hoje em dia vemos padres de quarenta anos recebendo cem mil francos de vencimentos, ou seja, três vezes mais do que os famosos generais de divisão de Napoleão. [...] É preciso ser padre.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

E o mundo que ele quer escalar se resume numa expressão que Stendhal põe em maiúsculas logo na abertura, porque é a régua de Verrières inteira.

O narrador entrega a chave da cidade numa única frase maiúscula, que funciona como epígrafe interna do capítulo II: “Eis a grande palavra que decide tudo em Verrières: DAR LUCRO. Por si só representa o pensamento habitual de mais de três quartos dos habitantes.”

Livro I, capítulo 2: Um prefeito

O ARGUMENTO, PARTE A PARTE

Livro I, caps I a XV. Verrières, a casa dos Rênal, a formação de Julien entre a serraria e o Memorial de Santa Helena. O amor com a senhora de Rênal nasce como conquista a ser vencida, não como afeto, e a casa inteira vira campo de guerra: quando arranca o aumento do patrão, é o próprio Julien quem chama a vitória de batalha.

Cap. X. Depois de arrancar o aumento, Julien sobe ao bosque e dá nome ao que fez no vocabulário do chefe que admira, a guerra: “Ganhei uma batalha, disse a si mesmo tão logo se viu no bosque e longe do olhar dos homens. Ganhei uma batalha!”

Livro I, caps XVI a XXX. A carta anônima, a saída de Verrières e o seminário de Besançon, onde o mérito é suspeito e a inteligência é perigo. O apelido que os colegas lhe dão diz tudo sobre o que uma instituição faz com quem raciocina.

“apelidaram-no MARTINHO LUTERO; sobretudo, diziam, por causa dessa lógica infernal de que se orgulhava tanto.”

Livro II, caps I a XV. Paris, o palácio de La Mole, a descoberta de que ali a origem pesa mais que qualquer serviço prestado. É a parte mais política do romance.

Livro II, caps XVI a XXX. Mathilde, e o amor como guerra de vaidades, oposto exato do que aconteceu no Livro I. Julien nomeia a diferença sem meias palavras, e é a passagem que sustenta qualquer discussão sobre os dois amores do livro.

“A sra. de Rênal encontrava razões para fazer o que seu coração lhe ditava; essa moça da alta sociedade só deixa o coração se comover depois de encontrar boas razões para que se comova.”

E o romance para no meio da conspiração para dizer o que está fazendo, num diálogo fingido entre autor e editor, que é a chave que autoriza ler o livro inteiro pelo eixo político.

“A política”, continua o autor, “é uma pedra amarrada no pescoço da literatura e que, em menos de seis meses, a faz submergir. A política, entre os interesses da imaginação, é um tiro de pistola no meio de um concerto. Esse ruído é dissonante sem ser enérgico. Não se harmoniza com o som de nenhum instrumento. Essa política vai ofender mortalmente metade dos leitores e aborrecer a outra metade, que a achou bem mais interessante e vibrante no jornal da manhã.” “Se seus personagens não falarem de política”, continua o editor, “não serão mais franceses de 1830, e seu livro não será mais um espelho conforme o senhor queria...”

O argumento do editor é o que vence, e o livro o cumpre: sem política os personagens deixam de ser franceses de 1830, e o subtítulo deixa de valer. Quem lê a obra só como história de ambição amorosa fica com metade dela, e é a metade menos original, porque a ambição de Julien só tem a forma que tem por causa das portas que a Restauração fechou.

Livro II, caps XXXI a XLV. A carta da senhora de Rênal derruba tudo às vésperas do triunfo, vem o tiro na igreja, o processo e a prisão. No tribunal Julien para de se defender e acusa, e é o trecho mais citado da obra.

“Senhores, não tenho a honra de pertencer à sua classe, os senhores veem em mim um camponês que se revoltou contra a baixaza de sua sorte.”

E a inversão final, que é o que salva o livro de ser apenas a crônica de um arrivista: preso e sem futuro, ele descobre que a única coisa verdadeira que teve estava atrás, e não adiante.

“Não poderíamos passar dois meses juntos de uma maneira deliciosa? Dois meses são muitos dias. Nunca terei sido tão feliz.”

Livro II, capítulo 43

UMA LEITURA

O livro não julga Julien, e essa é a dificuldade de conduzi-lo. Stendhal mostra o cálculo por dentro, com simpatia e sem absolvição, e quem lê rápido sai achando que o romance defende a hipocrisia ou que a condena. Ele faz outra coisa: mostra o preço de cada caminho numa sociedade que fechou os caminhos honestos, e deixa a conta para o leitor.

Os dois amores são o experimento central. A senhora de Rênal ama sem saber que ama, e Mathilde ama a própria coragem de amar abaixo da classe dela. Um é natureza, o outro é literatura vivida como projeto, e o livro só se fecha quando Julien, na prisão, escolhe o primeiro depois de uma vida inteira apostando no segundo.

O subtítulo é instrução de leitura, não enfeite. Crônica de 1830 avisa que a matéria é a França da Restauração, com o clero, a Congregação e a nobreza que voltou fingindo que a Revolução não aconteceu. Sem esse pano de fundo, metade da ironia passa batido, e é por isso que a edição com notas importa na primeira leitura.

O QUE A CRÍTICA JÁ FIZERAM COM ELE

Erich Auerbach dedica a este romance a abertura do capítulo do Mimesis sobre o realismo moderno, e o título do capítulo é o endereço de Julien em Paris. A tese dele não é estética, é biográfica: o realismo de Stendhal nasce do atrito entre o escritor e uma época em que ele não achava lugar.

“A literatura realista de Stendhal brotou do seu mal-estar no mundo pós-napoleônico, assim como da consciência de não pertencer ao mesmo e de não ter nem um lugar certo.”, p. 409

Mimesis - Cap. 18 - Na mansão de La Mole

E dessa origem Auerbach tira o juízo que separa Julien de toda a geração seguinte de personagens franceses:

“Julien Sorel é muito mais “herói” do que as figuras de Balzac ou de Flaubert.”, p. 414

Mimesis - Cap. 18 - Na mansão de La Mole

As duas leituras batem no mesmo ponto por caminhos opostos.

Olavo de Carvalho o lê como o primeiro dos dois romances em que o mito da autorrealização fracassa, ao lado das *Ilusões Perdidas* de Balzac, em *O Jardim das Aflições*:

Entre Goethe e Dostoiévski, Olavo situa dois romances que mostram o mesmo mito fracassando, e o primeiro é *O Vermelho e o Negro*. “Em *Le Rouge et le Noir*, o gênio de Stendhal narra a história de um típico arrivista dos novos tempos, que fracassa tragicamente apesar de todo o talento e dos mais tenazes esforços.” O segundo é *Illusions Perdues*, de Balzac, cujo título ele chama de resumo de milhares de vidas de jovens que acreditaram no apelo prometeico da Revolução.

O Jardim das Aflições - Livro V - César redivivus

E acrescenta uma acusação que vale discutir contra o próprio desfecho:

Mas o juízo não para no diagnóstico, e é ele que separa os dois franceses de Goethe e de Dostoiévski. “Mas nem Stendhal nem Balzac enxergavam muito além do círculo histórico-cósmico onde se desenrolavam as vidas de seus personagens: em Balzac o drama permanece inconcluso, e Stendhal encontra alívio no esteticismo cético e diletante.”

O Jardim das Aflições - Livro V - César redivivus

O TESTE MAIS DURO QUE ESTE ROMANCE JÁ PASSOU

Anne Applebaum registra, em Gulag, que contar enredos de romances de cor era estratégia de sobrevivência nos campos, e nomeia este entre os que foram contados assim.

Os títulos que Applebaum nomeia nessa prática são clássicos, e ela registra que funcionavam melhor que os romances soviéticos recentes: “Aleksander Wat contou *O vermelho e o negro*, de Stendhal, para um grupo de bandidos quando estava na prisão.” Na mesma página entram *Os miseráveis*, contado por Alexander Dolgun, e *Os três mosqueteiros*, por Janusz Bardach, que diz ter sentido o próprio status crescer a cada dobra do enredo.

Gulag - 17 - Estratégias de sobrevivência

Sem o texto, sem o estilo e sem a ironia do narrador, sobra o enredo puro, e ele ainda segurou a atenção de um público sem nenhuma disposição literária. É o argumento mais concreto contra a ideia de que o livro se sustenta pelas discussões e pelo ambiente: o que prendeu foi a história de Julien subindo e caindo.

ENREDO

Na França da Restauração, um filho de carpinteiro sonha com a glória napoleônica e descobre que o único caminho aberto à sua ambição é a batina. O romance acompanha essa ascensão e a queda que a encerra.

LIVRO I

Em Verrières, cidadezinha do Franco-Condado, o prefeito Monsieur de Rênal resolve contratar como preceptor dos filhos o jovem Julien Sorel, filho do serrador Sorel, que estuda teologia e sabe de cor o Novo Testamento em latim. Frágil, desprezado pelo pai e pelos irmãos, Julien guarda escondidos o retrato de Napoleão e o Memorial de Santa Helena, e entra na casa dos Rênal como quem entra em território inimigo. A dona da casa, Madame de Rênal, esperava um padre sujo e encontra um rapaz pálido que a encanta.

Na propriedade de Vergy, Julien impõe-se o dever de tomar a mão da patroa sob a tília e, depois de uma viagem à casa do amigo Fouqué, que lhe oferece sociedade no comércio de madeira e é recusado, torna-se seu amante. A paixão, de início feita de vaidade e ambição, vira amor verdadeiro. Quando o filho caçula adoece, Madame de Rênal vê na febre um castigo divino, e a criada Elisa, a quem Julien recusou, denuncia o caso. Uma carta anônima chega ao prefeito, e Madame de Rênal consegue desviar a suspeita do marido para o rival dele, o diretor do asilo, Valenod. Mas o escândalo cresce, e o cura Abade Chélan, protetor de Julien, ordena que ele parta para o seminário de Besançon.

No seminário, Julien conclui que ser o primeiro nos estudos é pecado e que uma cara de fé cega vale mais do que saber. Isolado dos trezentos e vinte e um colegas, só encontra apoio no diretor, o abade Pirard, que o nomeia explicador do Novo e do Velho Testamento. Julien brilha nos exames, mas um examinador ligado ao vigário-geral Frilair lhe arma uma cilada. Quando Pirard deixa o seminário, recomenda Julien como secretário ao Marquês de La Mole, poderoso aristocrata de Paris. Antes de partir, Julien volta a Verrières, entra de madrugada, por uma escada, no quarto de Madame de Rênal e passa o dia escondido, até fugir sob tiros.

LIVRO II

Em Paris, Julien se instala na mansão de La Mole e vira secretário de confiança do marquês, que o manda a Londres e lhe dá uma condecoração. Na biblioteca e no salão, conhece a filha do marquês, a altiva Mathilde de La Mole, que se entedia entre os pretendentes de sua classe, o marquês de Croisenois e os outros. Fascinada pela memória de um antepassado decapitado e por qualquer coisa que lembre grandeza heroica, Mathilde decide que ama Julien, escreve-lhe uma declaração e o convida a subir por uma escada ao seu quarto. Julien sobe de pistola na mão, desconfiando de uma armadilha. Mathilde cumpre a resolução de se entregar, mas logo se arrepende e o humilha, e Julien aceita a receita do príncipe russo Korasoff: fingir interesse pela marechala de Fervaques e copiar-lhe cartas de amor prontas. O ciúme devolve Mathilde, que se entrega por completo e engravida.

O marquês, furioso por saber que a filha vai se chamar sra. Sorel e não duquesa, acaba cedendo, dá a Julien terras no Languedoc, o nome de cavaleiro Julien Sorel de La Vernaye e uma patente de tenente de hussardos. Julien já se vê com um futuro quando recebe a notícia que desfaz tudo: o marquês pediu

informações a Madame de Rênal, e a carta dela, redigida pelo conselheiro espiritual e copiada por ela, descreve Julien como um hipócrita que seduz a mulher mais influente de cada casa para dispor do dono e da fortuna dele. Julien corre a Verrières, compra pistolas e, durante a missa, atira duas vezes na mulher que mais amou. Ela é ferida no ombro, mas sobrevive.

Preso, Julien declara a premeditação ao juiz, só se arrepende quando sabe que Madame de Rênal não morreu e é levado a um torreão em Besançon. Recebe a visita do velho Chélan e de Fouqué, que quer subornar o carcereiro. Mathilde, vestida de camponesa, vem salvá-lo, procura Frilair e consegue, junto com a marechala de Fervagues, a promessa de um júri favorável. Julien, no entanto, perdeu a ambição e só pensa em Vergy, e recusa com fúria alegar o ciúme que o advogado sugere. No julgamento, discursa diante de um público comovido, assume a premeditação e diz que querem puni-lo por sua origem. O júri, em que figura Valenod, o declara culpado, e a pena de morte é pronunciada.

Na cela dos condenados, Madame de Rênal reaparece, suplica que ele apele, e os dois se perdoam; Julien assina a apelação. Tem medo da morte pela primeira vez, dispensa um padre intrigante, recebe o pai com suas contas e, aos poucos, aceita o fim. Recusa converter-se com alarde para obter o perdão e proíbe Madame de Rênal de ir pedir clemência ao rei. Na manhã da execução, morre sem afetação. Fouqué compra o corpo para a gruta da montanha que domina Verrières, e Mathilde beija a cabeça de Julien e acompanha o enterro. Madame de Rênal, que jurou viver para o filho de Mathilde, cumpre a promessa, mas morre três dias depois, abraçada aos filhos.

RESUMO E ANÁLISE

LIVRO 1 - CAPÍTULO 1: UMA CIDADEZINHA

O romance abre pela cidade, não pelo herói: Verrières, no Franco-Condado, com suas casas brancas de telhado vermelho, o Doubs, as serrarias e a fábrica de pregos que ensurdece quem sobe a rua principal, propriedade do prefeito, o **Monsieur de Rênal**, homem cujo talento se resume a cobrar pontualmente o que lhe devem e a pagar o mais tarde possível. Para completar o jardim de muros em terraço (quanto mais muros, mais respeito dos vizinhos), Rênal comprou a peso de ouro o terreno onde ficava a serraria do velho Sorel, que mudou a usina de lugar e ainda arrancou dele seis mil francos (ver **Sorel pai**). A troca foi criticada na cidade, e o prefeito passou a achar que poderia ter pago menos desde o domingo em que viu Sorel sorrir para ele, de longe, rodeado pelos filhos.

Cap. I. O narrador, sobre a opinião na província: “tirania da opinião, e que opinião!, é tão burra nas cidadezinhas da França quanto nos Estados Unidos da América.”

A ação se passa sob a Restauração (o desvio do riacho de Sorel foi concedido depois das eleições de 182*, que a edição identifica como as de Villèle, em 1824): a monarquia voltou com Luís XVIII e depois Carlos X, a nobreza e o alto clero recuperaram posições, e ser napoleônico é, na Verrières do romance, motivo de suspeita.

Para pensar: Stendhal abre o romance por uma cidade e só depois chega ao herói. O que o retrato de Verrières, com suas serrarias, a fábrica de pregos do prefeito e o jardim de muros em terraço, já diz sobre o tipo de mundo em que Julien terá de abrir caminho?

Para pensar: Rênal passa a achar que poderia ter pago menos pelo terreno desde o domingo em que viu o velho Sorel sorrir para ele de longe, e o narrador fala em "tirania da opinião". O que esse medo de um sorriso mostra sobre quem, de fato, manda numa cidade pequena?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 2: UM PREFEITO

Rênal imortaliza a própria administração com um muro de arrimo para o passeio público, a Alameda da Fidelidade, obra que lhe custou três viagens a Paris, e manda podar duas vezes por ano os plátanos da comuna. Ao velho cirurgião-mor que reclama da poda, responde que gosta de sombra e que, ao contrário da útil nogueira, uma árvore que não dá lucro não tem razão de ser. Num dia de outono ele passeia na alameda com a mulher e os três filhos e se queixa do "fulano de Paris", o sr. Appert, que dois dias antes entrou na prisão, no asilo de mendicância e no hospital de Verrières. A **Madame de Rênal** pergunta que mal esse senhor pode fazer a quem administra o bem dos pobres com probidade, e o marido responde que ele veio só para lançar censuras que a imprensa liberal vai publicar, e que nunca perdoará o cura.

O narrador entrega a chave da cidade numa única frase maiúscula, que funciona como epígrafe interna do capítulo II: “Eis a grande palavra que decide tudo em Verrières: DAR LUCRO. Por si só

representa o pensamento habitual de mais de três quartos dos habitantes.”

Tudo o que virá depois, o preceptorado de **Julien Sorel** incluído, vai ser negociado dentro dessa gramática: mesmo o afeto, na casa de Rênal, se traduz primeiro em francos.

O asilo de mendicidade que o **Valenod** dirige em Verrières é instituição real da época: “Os abrigos para mendigos, criados por Luís XVI e extintos com a Revolução, foram revividos com Napoleão, em 1808, e paulatinamente abolidos com a Restauração. Em 1830, havia somente seis no país.”

Para pensar: O narrador chama de "grande palavra" de Verrières a expressão "DAR LUCRO" e diz que ela resume o pensamento habitual de mais de três quartos dos habitantes. O que significa, para quem vive ali, ter uma única medida para decidir tudo?

Para pensar: Rênal manda podar os plátanos até o limite e, ao cirurgião-mor que reclama, responde que gosta da sombra e que, ao contrário da útil noqueira, a árvore que não dá lucro só serve para dar sombra. O que esse argumento revela sobre o jeito como ele olha para a beleza e para o que é público?

LIVRO I - CAPÍTULO 3: UM CURA

O cura **Abade Chélan**, velho de oitenta anos que tem o direito de visitar a prisão, o hospital e o asilo a qualquer hora, leva o sr. Appert, recomendado pelo **Marquês de La Mole**, aos três estabelecimentos e lhe pede que não emita opinião diante do carcereiro e dos inspetores; o carcereiro, que recebera ordem de barrar Appert, cede diante do direito do cura, mas lembra que depende do emprego. Rênal e **Valenod** vão ao presbitério expressar descontentamento, e Chélan, que se diz pronto a ser o terceiro cura de oitenta anos destituído na região, responde com os cinquenta e seis anos que passou na cidade: é a única figura de Verrières que não mede as coisas em dinheiro, e é por isso que perde o cargo. De volta ao passeio, a travessura do segundo filho, que sobe no parapeito do muro, muda o rumo da conversa, e Rênal resolve contratar como preceptor Sorel, o filho do serrador que estuda teologia há três anos: trezentos francos e comida. O argumento é de prestígio, não de afeto: Valenod acaba de comprar dois cavalos normandos e não tem preceptor para os filhos.

Cap. III. O **Monsieur de Rênal**, seguido do **Valenod**, vai à casa do cura expressar descontentamento, e o cura responde com a única medida que tem, a do tempo que passou na cidade:

Há cinquenta e seis anos que estou aqui; batizei quase todos os habitantes da cidade, que não passava de um vilarejo quando cheguei. Faço todos os dias o casamento de jovens cujos avós foram casados por mim. Verrières é minha família

A decisão de contratar **Julien Sorel**, no capítulo III, nasce menos do afeto que da disputa de prestígio entre os dois homens fortes da cidade: “o Valenod está muito orgulhoso dos dois belos cavalos normandos que acaba de comprar para sua caleche. Mas não tem preceptor para os filhos.”

O prefeito e o diretor do asilo de mendicidade competem pelos mesmos símbolos de status, cavalos, caleche, preceptor, e cada aquisição de um força a resposta do outro: a política de província, em Verrières, se decide nesse jogo de espelhos entre cargos públicos.

A própria **Madame de Rênal**, ao pensar no futuro dos filhos, reproduz sem perceber a régua de carreiras fechadas que rege toda a cidade: “Gostava do sr. de Rênal sobretudo quando ele lhe falava de seus projetos para os filhos, destinando um deles às armas, o segundo à magistratura e o terceiro à Igreja.”

As armas, a magistratura e a Igreja são, na Restauração, as três portas oficiais para um filho de família burguesa, e é a mesma tríade, vista de baixo e sem escolha possível, que Julien vai reduzir a uma só, a batina (ver **A farda e a batina**), no **capítulo 5 do Livro I**.

Para pensar: Se "dar lucro" é o critério moral de Verrières, o que dizer da hipocrisia de Julien, que também mede tudo por cálculo? A diferença entre os dois é de grau, de consciência do próprio jogo, ou de outra coisa?

Para pensar: Diante das queixas de Rênal e de Valenod, o cura Chélan responde com os cinquenta e seis anos em que batizou e casou os moradores e se diz pronto a ser destituído. Que tipo de autoridade é essa, que não se mede em dinheiro, e será que ela basta para proteger quem a tem?

LIVRO I - CAPÍTULO 4: UM PAI E UM FILHO

No dia seguinte, às seis da manhã, Rênal desce à serraria e propõe ao **Sorel pai** o filho Julien como preceptor: trezentos francos por ano, comida e roupa; o camponês esconde a satisfação sob um ar de tristeza insatisfeita, e Rênal, que o supõe cortejado por outra oferta, o vê pedir para consultar o filho. **Julien Sorel** é encontrado a cinco ou seis pés de altura, montado numa viga do telhado, lendo, surdo ao chamado do pai por causa do livro, e leva um golpe que derruba no riacho o *Memorial de Santa Helena* (ver **O Memorial de Santa Helena**), o livro que mais preza. A cena fixa de saída a hierarquia da casa: o pai camponês, rude e calculista, despreza no filho exatamente o que o distingue, a inteligência aplicada à leitura em vez do trabalho braçal. O narrador descreve o rapaz frágil de dezoito ou dezenove anos, desprezado pelos irmãos, que idolatrou o velho cirurgião-mor que lhe ensinou latim e história e lhe deixou a condecoração da Legião de Honra e os livros; o capítulo termina com o pai agarrando-o para interrogá-lo.

Cap. IV. Empurrado para casa pelo pai, Julien ainda olha para trás:

olhou tristemente o riacho onde caíra o livro; de todos, era o que mais prezava, o *Memorial de Santa Helena*.

Para pensar: Julien é encontrado montado numa viga da serraria, lendo, surdo ao chamado do pai, e leva um golpe que derruba o livro no riacho. Por que o pai despreza no filho justamente a leitura, e o que a cena mostra sobre o que cada um dos dois chama de trabalho?

Para pensar: Quando Rênal propõe trezentos francos por ano, comida e roupa, Sorel pai o escuta "com aquele ar de tristeza insatisfeita" e pede para consultar o filho. O que esse jeito de negociar mostra sobre como um camponês esperto trata quem é mais rico e mais poderoso do que ele?

LIVRO I - CAPÍTULO 5: UMA NEGOCIAÇÃO

O pai interroga **Julien Sorel** sobre o que ele sabe da **Madame de Rênal**, conclui que há tratativa e lhe comunica a proposta; Julien recusa ser criado e pergunta com quem comerá, o que desconcerta o velho. Depois de duas horas de negociação, em que o camponês regateia até chegar a quatrocentos francos por ano, pagos adiantados no primeiro dia de cada mês, Rênal recolhe os cem francos que dera para o traje preto e decide ir ele mesmo com o rapaz à loja do sr. Durand. Julien, que pusera a salvo na casa do amigo Fouqué os livros e a condecoração, passa pela igreja de Verrières a caminho da casa de Rênal e, ao sair, vence o terror e segue para lá. No meio desse percurso o narrador recua para explicar a formação do rapaz e como ele chegou ao projeto de ser padre.

O capítulo V retrocede e explica a formação de Julien: o velho cirurgião-mor da Legião de Honra, veterano das campanhas napoleônicas na Itália, foi seu único mestre de afeto, e lhe deixou os livros; os três em que Julien crê são as *Confissões* de Rousseau, os boletins do Grande Exército e o *Memorial de Santa Helena* ("corão" é o Alcorão, a escritura dele): "A coleção de boletins do Grande Exército e o Memorial de Santa Helena completavam seu corão. Ele se deixaria matar por essas três obras. Nunca acreditara em nenhuma outra."

Cap. V. Na negociação do salário do filho, o **Sorel pai** leva a melhor sobre o prefeito: "a astúcia do camponês venceu a astúcia do homem rico, que não precisa dela para viver."

Depois dos catorze anos, porém, Julien vira a admiração por Napoleão em vocação fingida para o sacerdócio, no instante em que percebe, vendo o velho juiz de paz se desonrar por medo de desagradar um jovem vigário, que a carreira das armas que fez Bonaparte já não está aberta a um pobre: a batina (ver **A farda e a batina**) é o único caminho que resta para subir.

O episódio das colunas de mármore nomeia o poder que decide essa disputa: "tornaram-se célebres na região, pelo ódio mortal que suscitaram entre o juiz de paz e o jovem vigário enviado de Besançon, tido como espia da congregação."

A Congregação é a rede clerical ultrarrealista que Stendhal nomeia de passagem aqui e vai encarnar de corpo inteiro no **Abade de Frilair**, no seminário (ver **O seminário de Besançon**) de Besançon: não é um homem que quase custa o cargo ao juiz de paz, é essa rede, e o próprio juiz, uma vez intimidado, passa a julgar contra os moradores que leem *Le Constitutionnel*.

Cântico das missões populares: "Para sempre, na França, os Bourbons e a Fé!"

História da Igreja VIII - Cap. 3 - Uma Contra-Revolução Falhada

Cap. V. A igreja nova de Verrières, começada quando Julien tinha catorze anos, entra na decisão dele junto com as sentenças do juiz de paz:

A construção da igreja e as sentenças do juiz de paz de súbito o esclareceram

A frase que resume o eixo do livro inteiro não usa as palavras "vermelho" e "negro", mas é elas: "Hoje em dia vemos padres de quarenta anos recebendo cem mil francos de vencimentos, ou seja, três vezes

mais do que os famosos generais de divisão de Napoleão. [...] É preciso ser padre.”

O uniforme vermelho do soldado napoleônico e a batina negra do clero da Restauração são as duas únicas escadas sociais que a época oferece a um filho de carpinteiro; Julien escolhe a segunda por cálculo, não por fé, e o livro inteiro vai cobrar essa escolha.

Antes disso, no mesmo capítulo, vem a explicação do método: “A palavra surpreende os leitores? Até chegar a essa palavra horrível, a alma do jovem camponês teve de percorrer um bom caminho.”

A “palavra horrível” é hipocrisia, e o narrador a introduz como resultado de um raciocínio, não como vício de nascença: Julien decora o Novo Testamento em latim e o livro *Sobre o papa* do sr. de Maistre sem acreditar num nem noutro, porque a memória e a encenação são as únicas armas que tem contra a pobreza.

Para pensar: Julien admira Napoleão como modelo de ascensão por mérito próprio, mas o esconde e finge devoção. É possível separar, nele, a ambição legítima (subir por talento, numa sociedade que fecha as portas ao pobre) da ambição corrompida (subir por qualquer meio, inclusive a mentira)? Onde, neste capítulo e no anterior, o texto já mostra a fresta entre as duas?

Uma passagem breve, quase perdida no meio do capítulo, funciona como presságio: na igreja de Verrières (ver **A igreja de Verrières**), Julien encontra um papel de jornal esquecido no genuflexório, sobre a execução de um certo Louis Jenrel, anagrama do próprio nome de Julien Sorel. “Detalhes da execução e dos últimos momentos de Louis Jenrel, executado em Besançon no dia...”

Julien reage com uma frase que soa a presságio: “Pobre infeliz [...], seu nome acaba como o meu...”

O leitor de primeira viagem não sabe ainda o que essa coincidência anuncia; quem já terminou o romance sabe que Stendhal plantou o fim no início.

Cap. V. Na saída da mesma visita, com as janelas da igreja cobertas de tecido carmesim por causa de uma festa:

Ao sair, Julien acreditou ver sangue perto da pia de água benta; era a água que se derramara: o reflexo das cortinas vermelhas que cobriam as janelas fazia com que parecesse sangue.

Para pensar: Julien decora o Novo Testamento em latim sem acreditar nele, e o narrador pede paciência ao leitor com a “palavra horrível” a que o rapaz chegou. Ao explicar o caminho da alma de Julien até ali, o narrador o condena, o desculpa ou faz outra coisa?

LIVRO I - CAPÍTULO 6: O TÉDIO

A **Madame de Rênal**, que esperava um padre sujo e malvestido, encontra à porta um rapaz quase menina, pálido, que acabou de chorar e tem dezenove anos em breve, e logo se encanta com ele; ao jurar que jamais baterá nos filhos dela, **Julien Sorel** ousa beijar-lhe a mão. Rênal fala com Julien numa sala, retendo a mulher, entrega-lhe os trinta e seis francos do primeiro mês, exige que deixe de ver parentes e o leva à loja do sr. Durand para vesti-lo de preto. Apresentado às crianças, Julien recita de cor a Bíblia em latim diante dos criados maravilhados e do **Valenod** e do subgovernador Maugiron, e a cena lhe vale o título de senhor; à noite, Verrières em peso vai

à casa do prefeito ver a maravilha. Poucos dias depois ele recusa o contrato de dois anos que Rênal lhe propõe.

O próprio Julien registra, sem dramatizar, a régua que vai usar dali por diante: “Que diferença em relação a mim, pensou Julien. Ontem mesmo meu pai me bateu. Como essa gente rica é feliz!”

A comparação entre a casa do pai e a casa de Rênal não é sobre afeto, é sobre violência versus conforto, e organiza toda a leitura que Julien faz da classe alta: não a inveja pelo que ela é, mas pelo que ela poupa a quem nasce nela.

Cap. VI. No primeiro encontro, Julien usa a vocação como escudo contra o exame de latim do **Monsieur de Rênal**: “O amor-próprio do sr. de Rênal o deixava inquieto; em vez de pensar em examinar o preceptor, concentrava-se em procurar na memória algumas palavras latinas; finalmente pôde dizer um verso de Horácio. Julien só sabia o latim de sua Bíblia. Respondeu franzindo as sobrancelhas: — O santo ministério a que me destino proibiu-me de ler poeta tão profano.”

Para pensar: A sra. de Rênal se apaixona pela delicadeza física de Julien antes de saber quem ele é; Julien calcula cada gesto diante dela desde o primeiro dia. O leitor deve confiar em algum ponto de espontaneidade real da parte dele, ou tudo, já no capítulo VI, é encenação?

Para pensar: Julien chega à casa de Rênal e logo pensa: "Como essa gente rica é feliz!". De que modo a felicidade que ele vê nos outros, e que atribui à riqueza, pode estar moldando aquilo que ele vai querer conquistar?

LIVRO I · CAPÍTULO 7: AS AFINIDADES ELETIVAS

Preceptor frio, justo e impassível, mas amado porque sua chegada expulsou o tédio da casa, **Julien Sorel** sente ódio pela sociedade que o admite na outra ponta da mesa, sobretudo por **Valenod**, e é espancado pelos irmãos no bosque do Belvedere, onde a **Madame de Rênal** o julga morto. Comovida com a pobreza dele, ela quer dar-lhe roupas; o marido responde que não se presenteia quem serve direito, e quando ela oferece alguns luíses ao próprio Julien, ele os recusa, ofendido, e se diz pronto a mostrar a Rênal o livro de despesas. Rênal chama Julien de criado e lhe dá cem francos, que Julien relata à sra. de Rênal com um sorriso amargo, e ela compensa comprando, em dez luíses, os livros que ele deseja para os filhos; aos poucos Julien consegue que o prefeito aceite uma assinatura do livreiro em nome do mais baixo criado. Sozinhos, os dois mergulham num silêncio embaraçado, e a sra. de Rênal, que nunca sentira nada que se parecesse com o amor, não se faz censura alguma.

O narrador resume o preceptor em uma frase que é também um diagnóstico de personagem: “As crianças o adoravam, ele não gostava delas; seu pensamento estava em outro lugar. [...] Frio, justo, impassível e contudo amado, porque sua chegada de alguma forma expulsara o tédio da casa, foi um bom preceptor.”

Julien é eficiente e distante ao mesmo tempo, e essa distância, que deveria afastar a sra. de Rênal, é justamente o que a atrai: ela nunca tinha visto, nos homens de sua vida, alguém que não a tratasse

como frágil ou como propriedade.

Cap. VII. A sra. de Rênal e o marido diante da pobreza de Julien: “o nome de Julien e a sensação de uma alegria pura e intelectual eram sinônimos para ela. Atormentada pela ideia da pobreza do rapaz, a sra. de Rênal falou com o marido sobre presentear-lo com roupas: — Que bobagem! — ele respondeu. — Que nada! Dar presentes a um homem com o qual estamos absolutamente satisfeitos? E que nos serve direito? Só se ele se tornasse negligente seria necessário estimular seu zelo.”

Para pensar: A sra. de Rênal ama em Julien "a generosidade, a nobreza da alma, a humanidade" que ela não vê em mais ninguém à sua volta. Ela está certa sobre o caráter dele, ou está projetando num rapaz calculista as virtudes que faltam ao próprio marido?

O **Monsieur de Rênal** cita, para justificar que Julien é um criado, uma frase do príncipe de Condé que leu nas Memórias de Besenval: "Toda essa gente", ele disse, "são nossos criados". É uma referência histórica real (o barão de Besenval, memorialista da corte de Luís XVI), e Stendhal a usa para mostrar que a hierarquia do Antigo Regime sobrevive intacta sob o verniz burguês da Restauração, só que agora paga em francos, não em títulos.

Cap. VII. O narrador sobre a formação sentimental da sra. de Rênal: “A sra. de Rênal, rica herdeira de uma tia devota, casada aos dezesseis anos com um bom fidalgo, nunca na vida sentira ou vira nada que se parecesse minimamente com o amor.”

Cap. VII. A frase seguinte diz quem foi a única fonte dela sobre o assunto, e é o cura:

O bom cura Chélan, seu confessor, fora o único que lhe falara do amor, a propósito do assédio do sr. Valenod, e lhe pintara um quadro tão repugnante que para ela a palavra representava a mais abjeta libertinagem.

Para pensar: Rênal responde à ideia de presentear Julien com roupas dizendo que não se dá presente a "um homem com o qual estamos absolutamente satisfeitos", e que só se estimula o zelo de quem se torna negligente. Que ideia de trabalho e de gratidão está embutida nessa lógica, e o que ela deixa para quem serve?

LIVRO I · CAPÍTULO 8: PEQUENOS ACONTECIMENTOS

Elisa, a criada, recebe uma herança e conta ao cura **Abade Chélan** que quer casar com **Julien Sorel**; Chélan adverte o rapaz de que, sendo padre, terá de escolher entre fazer fortuna neste mundo ou no outro, e Julien, para recusar a moça, inventa uma calúnia contra ela. Ao ouvir de Elisa que Julien a rejeita, a **Madame de Rênal** quase perde a razão de tanta felicidade, defende a causa da rival por uma hora e, depois de passar mal, pergunta-se se ama Julien. Em Vergy, onde Rênal instala a família na primavera, ela e Julien abrem um caminho de areia sob as nogueiras, caçam borboletas com as crianças e recebem a prima, a sra. Derville. Nas noites de calor sob a tília, Julien toca a mão da sra. de Rênal, que a retira depressa, e decide que é seu dever fazer com que ela não a retire mais.

Cap. VIII. Quando Julien recusa casar com Élisabeth, a criada: “A sra. de Rênal já não ouvia nada; o excesso de felicidade quase lhe tirava o uso da razão. Fez a moça confirmar várias vezes que Julien a rejeitara definitivamente e que não reconsideraria a resolução mais sensata.”

Cap. VIII. A ideia que a sra. de Rênal fazia das paixões: “ela pensava nas paixões como nós pensamos na loteria: engodo certo e felicidade buscada por loucos.”

Cap. VIII. Julien lendo às escondidas o livro que o guia: “Quando o sr. de Rênal estava na cidade, o que acontecia com frequência, arriscava-se a ler; dentro de pouco tempo, em vez de ler à noite, e tomando o cuidado de esconder a lâmpada num vaso de flores emborcado, pôde se entregar ao sono; de dia, no intervalo das lições das crianças, ia aos rochedos com o livro que era sua única regra de conduta e objeto exclusivo de seu arrebatamento. Encontrava nele, a um só tempo, felicidade, êxtase e consolo nas horas de desânimo.”

Para pensar: Ao saber que Élisabeth quer casar com ele, Julien ouve de Chélan que, sendo padre, terá de "fazer fortuna neste mundo ou no outro", e para recusar a moça inventa uma calúnia contra ela. O que o conselho do cura e o meio que Julien escolhe para se livrar de Élisabeth já mostram do jeito dele de decidir?

Para pensar: A sra. de Rênal pensa nas paixões como nós pensamos na loteria, e o excesso de felicidade ao saber que Julien recusou a criada quase lhe tira o uso da razão. O que o texto sugere sobre a distância entre o que ela julga saber do amor e o que já está sentindo?

LIVRO I - CAPÍTULO 9: UMA NOITE NO CAMPO

No dia seguinte ao toque na tília, Julien Sorel decide que naquela noite a Madame de Rênal lhe entregará a mão e se impõe um prazo: quando soarem as dez horas no relógio do castelo, ou executa o que prometeu, ou sobe ao quarto para estourar os miolos. Ele toma a mão dela, que a retira, toma de novo e a mão por fim fica, e a sra. de Rênal, de mãos dadas com ele sob a tília, não pensa em nada e se deixa viver. Na manhã seguinte, Rênal, que voltou de Verrières, repreende Julien por passar a manhã sem ocupar-se das crianças; Julien responde com desprezo, rejeita o braço da sra. de Rênal e encara com frieza a sra. Derville, que lhe pede que se controle. Em seguida pede à sra. de Rênal que busque no colchão dele uma caixinha de papelão preto com um retrato, sem olhar; ela supõe o retrato da mulher que ele ama e sofre de ciúme ao trazê-la, e Julien queima a caixa, que guardava um retrato de Napoleão e linhas escritas por ele.

Cap. IX. Na noite no jardim, depois de segurar a mão da sra. de Rênal: “— Para falar a verdade, estou me sentindo um pouco indisposta, mas o ar fresco me faz bem. Essas palavras confirmaram a felicidade de Julien, que nesse momento era extrema: falou, esqueceu de fingir, pareceu um homem amabilíssimo às duas amigas que o escutavam.”

Cap. IX. Na mesma noite, do lado dela: “Quanto à sra. de Rênal, de mãos dadas com Julien, esta não pensava em nada, deixava-se viver.”

Cap. IX. Diante da grosseria do marido: “Pela primeira vez na vida a sra. de Rênal sentiu uma espécie de desejo de vingança contra o marido.”

Cap. IX. Julien queimando o retrato de Napoleão escondido no colchão: “Toda a minha reputação destruída, aniquilada num segundo!, pensava Julien enquanto via a caixa queimar, e minha reputação é o meu único bem, é só por ela que vivo... E ainda assim, que vida, meu Deus!”

Para pensar: Julien se impõe um prazo: quando soarem as dez horas, ou toma a mão da sra. de Rênal, ou sobe ao quarto e estoura os miolos. Por que ele trata um gesto de sedução como questão de honra, e o que isso diz sobre o que ele busca nela?

Para pensar: De mãos dadas com Julien sob a tília, a sra. de Rênal “não pensava em nada, deixava-se viver”, enquanto ele passou o dia calculando. Que contraste o capítulo monta entre os dois, e quem, ali, está mais perto do que se costuma chamar de amor?

LIVRO I - CAPÍTULO IO: UM GRANDE CORAÇÃO

Rênal entra no quarto das crianças com os criados que carregam os colchões, e Julien Sorel, fora de si, o enfrenta: pergunta se outro preceptor teria feito os filhos progredirem tanto, diz que pode viver sem ele e que, saindo daquela casa, sabe para onde ir. Rênal, que logo imagina Julien instalado na casa de Valenod, concede cinquenta francos por mês, e as crianças correm a contar à mãe. Julien avisa que precisa falar de consciência com o cura Abade Chélan e sobe pelos bosques até uma rocha isolada: ali, longe dos homens, diz a si mesmo que ganhou uma batalha e se pergunta de que o homem poderoso teve medo. Observando um gavião, inveja-lhe a força e o isolamento e pergunta-se se o destino de Napoleão será o seu.

Cap. X. Depois de arrancar o aumento, Julien sobe ao bosque e dá nome ao que fez no vocabulário do chefe que admira, a guerra: “Ganhei uma batalha, disse a si mesmo tão logo se viu no bosque e longe do olhar dos homens. Ganhei uma batalha!”

A metáfora militar não é acidental, é o vocabulário napoleônico do capítulo 5 do Livro I aplicado agora às relações de poder na casa: Julien trata a concessão de Rênal como terreno ganho que é preciso aproveitar, e no capítulo seguinte (Livro I, capítulo 11: Uma noite) dirá que isso é puro Napoleão.

Para pensar: Julien enfrenta Rênal diante dos criados, arranca o aumento e, no bosque, diz a si mesmo: “Ganhei uma batalha!”. Por que ele descreve uma discussão sobre salário como batalha, e o que se ganha, e o que se perde, ao enxergar a vida desse modo?

Para pensar: No alto da rocha, Julien inveja a força e o isolamento de um gavião e se pergunta se o destino de Napoleão será o seu. O que a imagem da ave de rapina diz sobre o tipo de grandeza que ele deseja, e o que ela deixa de fora?

LIVRO I - CAPÍTULO II: UMA NOITE

Ao sair do presbitério, Julien Sorel encontra Valenod e se apressa em contar-lhe o aumento de salário. À noite, no jardim, tenta pegar a mão da Madame de Rênal, que a retira, mas, ao ouvir Rênal aproximar-se falando de política com raiva, resolve tomar a mão dela diante do próprio marido e beija-lhe o braço e a mão, que ela, assustada, acaba entregando. A sra. de Rênal, que

passara o dia atormentada pela suspeita de que Julien amasse outra, descobre que está apaixonada e, de volta ao quarto, é tomada pelo terror da palavra adultério, a ponto de gritar e acordar Elisa; resolve tratá-lo com perfeita frieza. Julien, no quarto, resolve aproveitar a vitória, que chama de puro Napoleão, e pedir ao patrão uma folga de três dias para visitar Fouqué.

A ameaça que paira sobre o **Monsieur de Rênal** não é só de fortuna, é política: “O sr. de Rênal falava de política com raiva: dois ou três industriais de Verrières estavam se tornando decididamente mais ricos do que ele e queriam enfrentá-lo nas eleições.”

A posição de Rênal em Verrières não está garantida, os rivais o enfrentam nas eleições, e é o mesmo dinheiro que dá lucro na alameda da Fidelidade que compra a eleição seguinte.

Cap. XI. A sra. de Rênal, já sem culpa diante do marido: “Que importam a meu marido os sentimentos que eu possa nutrir por esse rapaz?”

Para pensar: Julien resolve tomar a mão da sra. de Rênal diante do próprio marido, que fala de política com raiva, e depois chama a vitória de "puro Napoleão". O que significa tratar uma sedução como campanha militar, e o que o narrador parece pensar disso?

Para pensar: Ao descobrir que está apaixonada, a sra. de Rênal é tomada pelo terror da palavra "adultério" e resolve tratar Julien com perfeita frieza. Por que ela sente o amor primeiro como ameaça de castigo público, e o que isso mostra da educação que recebeu?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 12: UMA VIAGEM

Às cinco da manhã **Julien Sorel** obtém de Rênal a folga de três dias; a **Madame de Rênal** o recebe com uma frieza forçada, ele responde com altivez e parte sem lhe falar da viagem, e ela só fica sabendo da partida pelo filho e vai para a cama, desolada. Julien sobe a grande montanha, passa o fim da tarde numa gruta onde escreve seus pensamentos, que queima antes de partir, e chega à uma da manhã à casa de Fouqué, jovem comerciante de madeira. Fouqué lhe propõe sociedade no negócio, com quatro mil francos por ano, e Julien, depois de pesar a proposta, recusa dizendo que a vocação para o santo ministério não lhe permite aceitar, o que o amigo não consegue entender.

Cap. XII. Na gruta, a caminho da casa de Fouqué, sozinho e longe de qualquer olhar, Julien conhece a maior felicidade que teve até ali, e ela vem da liberdade, não de uma conquista:

Com a cabeça apoiada nas mãos, Julien sentiu-se mais feliz na gruta do que jamais fora em toda a vida, agitado pelos devaneios e pelo gozo da liberdade.

Cap. XII. A razão que Julien procurava para recusar a sociedade de Fouqué não é a vocação que ele invoca em voz alta, é a medida de Bonaparte:

Ora, eu perderia covardemente sete ou oito anos! Chegaria assim aos vinte e oito, mas, com essa idade, Bonaparte já havia realizado seus maiores feitos!

Para pensar: Julien recusa a sociedade de Fouqué, que lhe daria quatro mil francos por ano, dizendo que a vocação para o santo ministério não lhe permite aceitar. Que razão parece mover de fato o rapaz, e por que ele escolhe justamente a vocação como desculpa?

Para pensar: Sozinho e longe de qualquer olhar, Julien conhece a maior felicidade que teve até ali, feita de devaneios e do "gozo da liberdade". Por que a maior felicidade dele aparece onde não há ninguém para vê-lo, e o que isso diz sobre a vida que escolheu levar entre os outros?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 13: AS MEIAS RENDADAS

Ao voltar, **Julien Sorel** nota que desde a antevéspera não pensara uma vez na **Madame de Rênal**; ela, que passou a ausência em supícios e adoeceu, ouve o relato da viagem com extrema perturbação e aparece de meias rendadas, sapatinhos de Paris e vestido novo, o que a sra. Derville lê como sinal de que a amiga está amando. Quando ela, com voz trêmula, pergunta se ele vai deixar os alunos por outra colocação, Julien responde que talvez seja necessário e, ao dizer "tão bem-nascidos", sente que aos olhos dela não é bem-nascido. À noite, no jardim, depois de largar distraído a mão dela e vê-la retomá-la, ele decide por vaidade e por dever ser seu amante, e à meia-noite lhe diz que precisa partir porque a ama com paixão; ela resolve que Julien será apenas um amigo.

Cap. XIII. O narrador sobre o que isolava Julien do mundo: "Sua vida solitária, feita de imaginação e desconfiança, afastara-o de tudo o que podia esclarecê-lo."

Cap. XIII. Julien desconfiando da sra. de Rênal: "Sabe Deus quantos amantes já não teve! Talvez só se decida a meu favor por causa da facilidade dos encontros."

Para pensar: De volta, Julien percebe que desde a antevéspera não pensou uma única vez na sra. de Rênal, enquanto ela, que passou a ausência em supícios, aparece de meias rendadas e sapatinhos de Paris. O que cada um revela de si por esses gestos, e por que o capítulo acentua essa diferença entre os dois?

Para pensar: Julien desconfia da sra. de Rênal ("Sabe Deus quantos amantes já não teve!") e, ao dizer "tão bem-nascidos", sente que aos olhos dela não é bem-nascido. De que modo a classe contamina, em Julien, a leitura que ele faz dos sentimentos dos outros?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 14: A TESOURA INGLESA

Para **Julien Sorel** a oferta de Fouqué acabou com a felicidade, e ele, sem decidir nada, redige um plano de sedução detalhado. Quando a **Madame de Rênal** lhe pergunta se não tem outro nome além de Julien, ele não sabe responder, tenta reparar o fracasso beijando-a numa passagem de um aposento a outro, quase sendo visto, e ela, assustada e lembrada do **Valenod**, passa a manter sempre um dos filhos ao lado. Depois do almoço, diante do subgovernador Maugiron, Julien adianta a bota e toca o pé da sra. de Rênal, que deixa cair a tesoura inglesa, a qual se quebra, e ela lhe diz: "Seja prudente, é uma ordem!". À noite Julien vai a Verrières e encontra o cura **Abade Chélan** arrumando a mudança, destituído e substituído pelo vigário Maslon, e aproveita o

episódio para escrever a Fouqué que a injustiça talvez torne mais vantajoso que sua salvação não dependa de nenhuma ordem religiosa.

Cap. XIV. O cálculo precede o gesto, e é ele que atrapalha: o orgulho de Julien não admite improvisado, e o plano escrito é o que o torna desajeitado diante da sra. de Rênal:

Seu orgulho não queria deixar nada ao acaso, nem à inspiração do momento. De acordo com as confidências de Fouqué e com o pouco que lera sobre o amor em sua Bíblia, traçou um plano de campanha bastante detalhado.

Cap. XIV. Julien repete com raiva um verso que a sra. Derville lhe ensinou e que ele toma por Corneille, mas a edição informa que é de Jean Rotrou (1609-50), autor que Stendhal lia com assiduidade; a confusão de autoria viria da sra. Derville ou do próprio Julien:

“O amor cria igualdades e não as procura”

Para pensar: Julien redige um "plano de campanha" porque seu orgulho "não queria deixar nada ao acaso", e é o plano que o deixa desajeitado diante da sra. de Rênal. Por que o cálculo atrapalha justamente onde ele mais quer ter sucesso?

Para pensar: A sra. de Rênal pergunta se ele não tem outro nome além de Julien, e ele não sabe o que responder; mais tarde ela lhe diz "Seja prudente, é uma ordem!". O que as duas cenas mostram sobre quem conduz a relação nesse momento, e sobre o que Julien não sabe fazer?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 15: O CANTO DO GALO

A ausência fizera esquecer os disparates do dia anterior, mas à noite **Julien Sorel**, sem esperar escurecer, diz ao ouvido da **Madame de Rênal** que irá ao quarto dela às duas horas, e ela responde com indignação verdadeira. Ele passa a noite infeliz e, quando as duas badaladas o acordam como o canto do galo acordou São Pedro, vai descalço pelo corredor, trêmulo, e abre a porta do quarto, onde ardia uma lamparina. Ela salta da cama e o chama de desgraçado; Julien, esquecendo os planos, cai a seus pés e desfaz-se em lágrimas, e a sra. de Rênal, que se julga condenada, o afasta e logo se atira nos braços dele. De volta ao seu quarto, Julien repassa a própria conduta como o soldado ao voltar da parada.

A vitória não lhe traz o que ele esperava:

Meu Deus! Ser feliz, ser amado, é só isto?

A pergunta de Julien, ao sair do quarto, não é retórica: é o primeiro sinal de que a ambição que o move não sabe o que fazer diante do próprio sucesso. A cena termina não em êxtase, mas em autoavaliação de desempenho: “E que papel? O de homem acostumado a ser brilhante com as mulheres.”

Até no amor conquistado, Julien continua atuando para uma plateia que só existe na própria cabeça.

Para pensar: Se nem a conquista da sra. de Rênal, o primeiro grande sucesso do livro, dá a Julien a felicidade que ele esperava, o que isso antecipa sobre o tipo de ambição que o move: ele quer alguma coisa em si, ou só quer não perder?

Para pensar: Julien chega ao quarto da sra. de Rênal trêmulo, esquece os planos, cai aos pés dela em lágrimas, e é então que ela o aceita. Por que o gesto sem cálculo é o que funciona, depois de tantos planos que só o deixaram desajeitado?

LIVRO 1 · CAPÍTULO 16: O DIA SEGUINTE

No dia seguinte à primeira noite, **Madame de Rênal** mal consegue olhar para **Julien Sorel** sem corar, e Julien, que estuda cada gesto como um papel, conduz o almoço com uma prudência de obra-prima. Alarmada com o único olhar que ele lhe dirige, ela teme já não ser amada por ter dez anos a mais, enquanto a sra. Derville tenta lhe pintar o perigo que corre. Julien só aparece no quarto dela à uma hora da manhã, fiel ao dever que se impôs, e dessa vez pensa menos no papel e encontra maior felicidade. Em poucos dias está perdidamente apaixonado, embora o amor dele ainda seja, em boa parte, ambição, e a proposta de Fouqué continua a perturbá-lo quando fica sozinho.

Em poucos dias o cálculo cede, e o narrador marca a virada com uma frase que resume todo o livro: “Seu amor ainda era ambição; era a alegria de ele, pobre criatura infeliz e tão desprezada, possuir uma mulher tão nobre e tão bela.”

O amor de Julien nasce contaminado pela conquista de classe, e o livro nunca deixa o leitor esquecer isso, mesmo quando a paixão parece genuína.

Para pensar: No almoço do dia seguinte, a conduta de Julien foi "uma obra-prima de prudência", enquanto a sra. de Rênal não conseguia fitá-lo sem corar. Que diferença essa cena marca entre amar e representar, e o que cada um dos dois arrisca ao se comportar assim?

Para pensar: O narrador diz que o amor de Julien "ainda era ambição", feito da alegria de possuir uma mulher tão nobre e tão bela. Esse amor vale menos por nascer da ambição, ou o romance sugere que nenhum amor nasce puro?

LIVRO 1 · CAPÍTULO 17: O PRIMEIRO-ADJUNTO

Num fim de tarde no pomar, **Julien Sorel** sonha com a dificuldade de conseguir uma boa colocação e solta um arroubo a favor de Napoleão, e a **Madame de Rênal** franze as sobrancelhas e adota um ar frio, porque para ela aquilo soa a pensamento de criado. Ele se salva atribuindo a frase ao raciocínio dos ímpios que ouviu na viagem à casa do amigo comerciante de madeira, mas sente no franzir o primeiro revés da ilusão. Com a educação que recebe dela, Julien enfim entende as intrigas de Verrières, onde se tenta fazer do devoto Moirod o primeiro-adjunto do prefeito, e a própria sra. de Rênal chega a vê-lo papa ou primeiro-ministro como Richelieu.

O roubo de Julien, que ele precisa desmentir na hora: “como Napoleão foi mesmo o homem enviado por Deus para os jovens franceses! Quem vai substituí-lo?”

O franzir de sobrancelhas mostra a Julien de que lado ela foi educada: “Ela é boa e gentil, tem por mim uma afeição viva, mas foi criada em campo inimigo.”

A intriga que Julien enfim decifra vale mais, aos olhos dele, do que a batalha de Fontenoy: “Tratava-se de fazer do sr. de Moirod — o homem mais devoto da região — o primeiro e não o segundo-adjunto do prefeito de Verrières.”

Por trás da devoção está o interesse: três casas de Moirod, e nove de gente grávida de Verrières, têm de recuar por causa do alargamento da rua principal, e um primeiro-adjunto complacente, mais tarde prefeito, deixaria que elas ficassem onde estão por mais cem anos.

Para pensar: Quando Julien elogia Napoleão no pomar, a sra. de Rênal franze as sobrancelhas, e ele conclui que ela “foi criada em campo inimigo”. Pode haver amor entre duas pessoas que veem o mundo de lados opostos, e como o capítulo mostra os dois contornando isso?

Para pensar: Julien aprende com a sra. de Rênal as intrigas de Verrières e descobre que a disputa pelo posto de primeiro-adjunto, travada entre devotos, esconde o interesse de quem não quer que as casas recuem com o alargamento da rua. Por que, na cidade, devoção e interesse andam juntos, e o que Julien aprende ao perceber isso?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 18: UM REI EM VERRIÈRES

Em 3 de setembro um guarda anuncia que o rei de *** visitará Verrières no domingo, e o prefeito trata de conseguir o comando da guarda de honra para o devoto e medroso Moirod, enquanto a sra. de Rênal obtém que **Julien Sorel** seja nomeado guarda de honra no lugar de filhos de fabricantes ricos e manda confeccionar o uniforme dele em Besançon. Julien desfila a cavalo, num dos cavalos normandos de **Valenod**, sob a indignação da cidade, e por um instante se sente ordenança de Napoleão. Depois troca a farda pela batina e acompanha o padre Chélan a Bray-le-Haut, onde o jovem bispo de Agde, sobrinho do **Marquês de La Mole**, mostra ao rei a relíquia de São Clemente, e Julien o surpreende ensaiando bênçãos diante do espelho. A cerimônia tem o Te Deum e termina com as moças de Verrières prometendo ódio ao ímpio, e o marquês distribui dez mil garrafas de vinho aos camponeses.

O anúncio da visita do rei mobiliza Verrières num só golpe: “Em 3 de setembro, às dez horas da noite, um guarda despertou a cidade de Verrières ao subir a rua principal a galope; trazia a notícia de que sua majestade, o rei de ***, chegaria no domingo seguinte, e já era terça-feira. O governador autorizava, isto é, requisitava a formação de uma guarda de honra; era preciso ostentar toda a pompa possível.”

A **Madame de Rênal** usa toda a influência que tem para tirar Julien das roupas pretas (ver **A farda e a batina**) por um dia, e consegue mais do que imaginava: “obteve primeiro do sr. Moirod, e em seguida do subgovernador de Maugiron, que Julien fosse nomeado guarda de honra em prejuízo de cinco ou

seis filhos de fabricantes muito abastados, e dos quais pelo menos dois eram de uma piedade exemplar.”

Um filho de carpinteiro veste a farda azul-celeste de coronel e desfila a cavalo diante do rei, no lugar de rapazes ricos e devotos, e a cidade inteira lê isso como afronta: é a fantasia napoleônica do livro, o vermelho, posta em cena por um dia, dentro da própria cerimônia que celebra a Restauração.

A mesma cerimônia leva Julien à antiga abadia de Bray-le-Haut, onde a Restauração encena o culto ao trono e ao altar ao mesmo tempo: “o rei de *** não queria passar em Verrières sem visitar a famosa relíquia de São Clemente conservada em Bray-le-Haut, a uma légua apenas da cidade.”

O ódio entre o clero ultrarrealista e o jansenismo, que vai definir todo o seminário de Besançon (ver **O seminário de Besançon**), já aparece aqui em ponto pequeno, na recusa do padre Maslon a receber o cura **Abade Chélan** no cortejo: “— Estarei desonrado aqui e em Besançon — o padre Maslon respondeu — se ele aparecer em meu clero. Um jansenista, santo Deus!”

Antes do cortejo, Julien surpreende o jovem bispo de Agde treinando o gesto que vai fazer diante do rei: “O rei de *** está acostumado com um clero venerável e sem dúvida muito grave. Eu não queria parecer muito leviano, sobretudo devido à idade.”

A bênção é ensaiada como número de teatro, com a mitra mal embalada em Paris, o espelho de acaju trazido da cidade e a preocupação de não parecer leviano diante do rei, e a polidez do moço, tão distinta da do **Monsieur de Rênal**, deslumbra Julien, que passa a pensar em quanto rende o bispado.

Na igreja, diante do rei ajoelhado, a cerimônia chega ao êxtase religioso e político ao mesmo tempo: “Houve um Te Deum, nuvens de incenso, infinitas descargas de mosquetes e de artilharia; os camponeses estavam ébrios de felicidade e devoção. Um dia assim desfaz a obra de cem números de jornais jacobinos.”

A frase final não é comentário do narrador sobre religião, é comentário sobre propaganda: um Te Deum bem armado vale, aos olhos do poder, mais do que cem edições de jornal de oposição.

Diante da relíquia, o jovem bispo de Agde fecha a visita com um sermão às moças ajoelhadas: “o bispo de Agde pediu ao rei permissão para falar. Concluiu com palavras simples um pequeno discurso muito comovente, garantindo assim o melhor efeito. — Não esqueçam jamais, jovens cristãs, que viram um dos maiores reis da terra ajoelhar-se perante os servos deste Deus todo-poderoso e terrível. Fracos, perseguidos, assassinados sobre a terra, como veem pela chaga de São Clemente, que ainda sangra, os servos triunfam no céu.”

Para pensar: Julien desfila como guarda de honra, num dos cavalos normandos de Valenod, e por um instante se sente ordenança de Napoleão; depois troca a farda pela batina. O que o episódio diz sobre a relação do rapaz com as duas roupas, e o que a cidade enxerga ao vê-lo vestido assim?

Para pensar: Julien surpreende o jovem bispo de Agde ensaiando bênçãos diante do espelho e, em vez de se decepcionar, sai deslumbrado. O que ele vê ali, e por que o ensaio, que parece desmascarar o teatro, não abala o prestígio da Igreja aos olhos dele?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 19: PENSAR FAZ SOFRER

Ao arrumar o quarto onde dormiu o marquês de La Mole, Julien Sorel encontra a petição servil de um tal Cholin, que pede a agência de loteria de Verrières, e a cidade passa oito dias indignada por ele ter sido guarda de honra. Quando o caçula Stanislas adoece, a Madame de Rênal é tomada de remorso, lê a febre como castigo de Deus pelo adultério e pede a Julien que vá embora; uma noite quase confessa tudo ao marido, que a toma por romanesca. Julien parte e é chamado de volta dois dias depois, e a crise muda o amor deles, que fica mais intenso e sombrio. A criada Elisa, que Julien recusou como marido, conta tudo a Valenod, e o Monsieur de Rênal recebe uma longa carta anônima.

Cholin, súdito de Verrières, escreve ao Marquês de La Mole para pedir emprego pela lealdade demonstrada, não pelo mérito: “Peço ao senhor marquês a agência de loteria de Verrières, que em breve certamente estará vaga de um modo ou de outro, já que o titular se acha muito doente e, aliás, vota mal nas eleições etc.”

A carta de Cholin ao marquês de La Mole é a caça aos cargos em estado puro: comunhão, missa todo domingo, procissão sob o pálio, círio pago do próprio bolso e voto correto nas eleições viram, na petição, moeda de troca por um emprego público, com o próprio titular do cargo despachado por doença e má votação.

Com a doença do filho, o remorso da sra. de Rênal: “a sra. de Rênal de repente sucumbiu a um terrível remorso. Pela primeira vez, censurou-se firmemente por seu amor; pareceu compreender, como por milagre, o logro enorme a que se deixara arrastar. Embora de um caráter profundamente religioso, até então ela não pensara na dimensão de seu crime aos olhos de Deus.”

Julien diante desse remorso: “É sem dúvida o remorso que a mata; isso, sim, é grandeza de sentimentos. Mas pobre como sou, pouco instruído, tão ignorante, às vezes tão grosseiro em meus modos, como pude inspirar tamanho amor?”

A sra. de Rênal, ao contrário de Cholin, não tem essa distância. A cena do quarto do menino, com ela se lançando aos pés do marido para confessar tudo e sendo detida só porque ele a acha "romanesca" e vai dormir, é o ponto em que a culpa dela deixa de ser moral e vira teologia de barganha: sacrificar o amante, ou sacrificar a si mesma, como moeda para comprar a saúde do filho.

Para pensar: A sra. de Rênal trata o adultério como crime e ao mesmo tempo diz que o cometeria de novo; dá para sustentar as duas coisas ao mesmo tempo, ou uma delas é para os outros ver?

Para pensar: Na petição de Cholin, o titular da agência de loteria deve ser substituído porque está muito doente e "vota mal nas eleições". O que o pedido mostra sobre o que Verrières entende por mérito, e o que isso significa para um rapaz como Julien, que também precisa conquistar um lugar pela aparência de devoção?

LIVRO I - CAPÍTULO 20: AS CARTAS ANÔNIMAS

Perto da meia-noite Julien Sorel avisa à Madame de Rênal que o marido deve ter lido uma carta anônima e que não se verá naquela noite; ela, pensando que o aviso é pretexto para evitá-lo, ainda vai à porta dele à hora de sempre. Na manhã seguinte a cozinheira lhe entrega um livro com a inscrição em italiano que manda ver a página 130, onde está uma carta dela, escrita às pressas e cheia de erros de ortografia. Nela a sra. de Rênal diz que dirá ao marido ter recebido ela mesma uma carta anônima, propõe que Julien se instale em Verrières e faça amizade com todos, e dita o plano: a carta anônima será dele, feita de palavras recortadas de um livro e coladas em papel azulado vindo da casa de Valenod, para que o marido acredite que o autor da primeira é o rival. Combina ainda um sinal, um lenço branco no pombal.

A sra. de Rênal deixa de ser personagem passiva e passa a estrategista da própria sobrevivência: “O único objetivo de minha conduta é fazer meu marido pensar que a carta vem do sr. Valenod”

A mulher que um capítulo antes se via condenada passa a dar ordens com precisão de ofício: “É você quem vai providenciar a carta anônima; arme-se de paciência e de uma tesoura.”

Para pensar: A sra. de Rênal, que um capítulo antes se via condenada, escreve a Julien um plano com ordens precisas, até "arme-se de paciência e de uma tesoura". O que essa mudança mostra sobre o modo como a culpa e a ação convivem nela?

Para pensar: Para livrar Julien, a sra. de Rênal monta uma segunda carta anônima, recortada e colada em papel que veio da casa de Valenod, a fim de que o marido acuse o rival. O que a facilidade dessa mentira diz sobre a mulher que a inventa e sobre o mundo em que ela vive?

LIVRO I - CAPÍTULO 21: DIÁLOGO COM UM MESTRE

Julien Sorel passa uma hora recortando palavras para a carta anônima, e a Madame de Rênal a recebe dele com uma calma que o assusta e lhe entrega um estojo de joias para enterrar na montanha, caso tudo dê errado. O Monsieur de Rênal passa a noite em claro, imaginando matar a mulher, expulsá-la ou fingir que nada sabe, e conclui que o escândalo lhe sairia caro, entre a herança da tia dela em Besançon e a zombaria de Verrières. De manhã ela o aborda no jardim, entrega a segunda carta como se um desconhecido a tivesse dado, exige a partida de Julien e, insinuando um amorzinho platônico de Valenod por ela e as cartas galantes dele, desvia a fúria do marido para o diretor do asilo, até ele constatar que as cartas e o anônimo estão no mesmo papel. Ela amarra o lenço branco no pombal e, à noite, comunica que Julien terá quinze dias de licença em Verrières, que o marido, a contragosto, reduz a uma semana.

Entre os amigos que o sr. de Rênal afastou por arrogância está Falcoz, que abriu um jornal liberal, e o narrador nomeia quem cuidou do resto: “A congregação resolvera arruiná-lo: seu jornal foi condenado, sua licença de impressor, cancelada.”

A resposta que o prefeito deu ao amigo arruinado, e de que hoje se lembra com horror, trata a imprensa como ameaça a ser esmagada: “responder como um velho romano: “Se o ministro do rei

fizesse a honra de me consultar, eu lhe diria: Arruíne sem piedade todos os impressores da província e faça da imprensa um monopólio como o tabaco”.

O sr. de Rênal passa a noite deliberando entre matar a mulher, expulsá-la ou fingir não saber de nada; vence o cálculo de fortuna e reputação, não a paixão nem o perdão: “Estou acostumado com Louise [...]; se eu estivesse livre para me casar amanhã, não encontraria quem a substituísse.”

A resolução do caso não é moral, é contábil.

O mesmo devaneio, em que ele chega a examinar a faca de caça, nomeia a rede que o protegeria se o caso chegasse a sangue: “O Código Penal está a meu favor e, o que quer que aconteça, nossa congregação e meus amigos do júri me salvarão.”

A Congregação não é pano de fundo abstrato: é o mesmo mecanismo, visto de dois ângulos, que cassa a licença de um impressor liberal e que salvaria o marido caso ele decidisse matar a mulher; júri e rede clerical formam, em Verrières, uma engrenagem só.

O sr. de Rênal descarregando a raiva sobre a mulher: “Sua negligência, sua preguiça só permitem a atividade da caça às borboletas, criaturas fracas que temos a infelicidade de ter em nossas famílias!... A sra. de Rênal o deixava falar, e ele falou bastante; ele punha a raiva para fora, como dizem na região.”

O plano funciona quando o marido, sem que ela precise dizer, chega sozinho à conclusão que ela preparou: “a carta anônima impressa e as cartas do Valenod estão escritas no mesmo papel!”

O mesmo instinto que a faz confessar a Deus a faz mentir com sangue-frio ao marido; a cena é uma aula de como a hipocrisia de província é coisa de casal, não só de padre.

O narrador diz o que a posição dela explica: “É a golpes de desprezo público que um marido mata sua mulher no século XIX, fechando-lhe as portas dos salões.”

Para pensar: Rênal passa a noite imaginando matar a mulher, expulsá-la ou fingir que nada sabe, e conclui que o escândalo lhe sairia caro. O que a decisão dele mostra sobre o que ele ama e sobre o que o contém?

Para pensar: O narrador diz que “é a golpes de desprezo público que um marido mata sua mulher”, fechando-lhe as portas dos salões. O que essa frase explica sobre o medo que move tanto a sra. de Rênal quanto o marido?

LIVRO I - CAPÍTULO 22: MANEIRAS DE AGIR EM 1830

Em Verrières, Julien Sorel se arrepende de ter sido injusto com a Madame de Rênal e, para mostrar à cidade o que é um padre, constrói com as próprias mãos uma estante para os livros do Abade Chélan, que a destituição afastou do presbitério. O subgovernador Maugiron lhe faz, em nome de um funcionário que não nomeia, a oferta de oitocentos francos pagos por trimestre, e Valenod o convida para almoçar: Julien recita o Novo Testamento em latim diante dos convidados e vira moda, mas chora ao ouvir o diretor do asilo dizer que mandou calar o preso que cantava. O Monsieur de Rênal e Valenod passam a disputar o preceptor, o primeiro humilhado por ter o nome na última linha das coletas das confrarias, o segundo dependente do

vigário-geral **Abade de Frilair** desde que pediu a destituição de Chélan. A sra. de Rênal vem à cidade e desperta Julien com as mãos nos olhos, e o caçula Stanislas, ainda doente, quer vender os talheres de prata e dar o valor a Julien, para que ele não saia perdendo ao ficar com eles.

No almoço na casa de Valenod, diretor do asilo de mendicidade: “Julien, já muito pouco à vontade, pensou que do outro lado da parede da sala de jantar se encontravam pobres detentos cuja porção de carne talvez tivesse sido subtraída para comprar todo esse luxo de mau gosto com o qual queriam aturdi-lo. Talvez tenham fome agora mesmo, disse consigo mesmo; ficou com o coração apertado, não pôde comer e quase não conseguiu falar.”

O contraste com a casa dos Rênal aparece com clareza total no jantar na casa do sr. Valenod, ainda em Verrières, mas que já antecipa o seminário (ver **O seminário de Besançon**): ao pedir que calem um preso que cantava, Valenod expõe a mesma engrenagem que Julien vai encontrar em Besançon, poder que se exerce sobre quem não pode responder.

Não estão mais cantando aquela canção desagradável. [...] Ora, com certeza! [...] mandei calar os vagabundos.

Ali a hipocrisia treinada de Julien racha, e ele chora escondido atrás do copo de vinho.

O narrador mostra como Valenod montou o poder que disputa o preceptor com o prefeito: “Deem-me os dois mais tolos dentre vocês; aos homens da lei: Indiquem-me os dois mais ignaros; aos funcionários da saúde: Designem os dois maiores charlatões. Quando conseguira reunir os mais descarados de cada ofício, dissera-lhes: Reinemos juntos.”

Para pensar: Na casa de Valenod, Julien recita o Novo Testamento e vira moda, mas chora ao ouvir o diretor do asilo dizer que mandou calar o preso que cantava. O que esse choro revela sobre os limites da hipocrisia de Julien?

Para pensar: Rênal e Valenod passam a disputar Julien como preceptor, um humilhado por ver o próprio nome na última linha das coletas das confrarias, o outro dependente do vigário-geral. O que a disputa mostra sobre quem tem poder em Verrières, e o que ela torna possível para Julien?

LIVRO I · CAPÍTULO 23: DISSABORES DE UM FUNCIONÁRIO

A casa grande do município, que o **Monsieur de Rênal** manda pôr em leilão, intriga **Julien Sorel**, que a visita e assiste ao pregão: é tomado por espião do prefeito quando a casa é alugada por nove anos, por trezentos e trinta francos, ao sr. de Saint-Giraud, tido como da Congregação. À noite chega o cantor napolitano signor Geronimo, que transforma a casa triste numa festa e conta como driblou o severo Zingarelli para cantar no teatro San Carlino. A criada Elisa confessa os amores de Julien aos dois curas, e **Abade Chélan** lhe ordena que em três dias parta para o seminário (ver **O seminário de Besançon**) de Besançon ou para a casa de Fouqué; o sr. de Rênal ameaça se bater com **Valenod** por uma nova carta anônima, e a mulher, para evitar o duelo, o leva a oferecer seiscentos francos a Julien para um ano de seminário. Julien recusa o

dinheiro e parte, mas volta no terceiro dia para uma noite de despedida em que a **Madame de Rênal**, gelada, parece um cadáver vivo.

O narrador abre o capítulo, sobre o prefeito e os homens como ele, com um aforismo: “Infeliz quem se distingue!”

O cantor que ganha sessenta mil francos por uma esperteza de teatro faz Julien trocar de inveja: “Por Deus, eu bem que achava melhor ser um Geronimo do que um Rênal.”

O padre Chélan, avisado por Elisa, ordena a Julien que deixe Verrières em três dias, para o seminário ou para a casa de Fouqué.

Para pensar: O padre Chélan resolve o problema de Julien mandando-o embora sem discutir o pecado com ele; é proteção ou é a Igreja despachando um problema para outra porta?

A última noite, que ela supõe ser a derradeira, deixa Julien desolado: “Julien espantou-se com os abraços sem calor daquele cadáver vivo; não conseguiu pensar em outra coisa durante muitas léguas.”

Para pensar: Diante do cantor Geronimo, que ganha sessenta mil francos por uma esperteza de teatro, Julien pensa que "melhor ser um Geronimo do que um Rênal". O que o cantor oferece como modelo, e como ele ilumina a ideia que Julien faz de sucesso?

LVRO I · CAPÍTULO 24: UMA CAPITAL

Com roupas civis, **Julien Sorel** chega a Besançon e, antes de se fechar no seminário (ver **O seminário de Besançon**), percorre as muralhas e a fortaleza, sonhando com a farda de subtenente. No grande café do bulevar a moça do balcão, Amanda Binet, o acolhe, marca com ele um desjejum para o dia seguinte e lhe ensina a se dizer primo da mãe dela, de Genlis; Julien lhe recita a Nova Heloísa de cor, mas quase se bate com um dos amantes dela, que Amanda apresenta como cunhado. Ele guarda o traje civil na estalagem da hoteleira dos Embaixadores e se dirige ao seminário.

A primeira imagem de Besançon já traz a fantasia militar, o vermelho do título, contra o hábito que o espera: “Quanta diferença para mim, disse suspirando, se chegasse a essa nobre cidade para ser subtenente num dos regimentos encarregados de defendê-la!”

A passagem por Besançon é curta e funciona como último respiro de mundo antes do seminário: Julien se apaixona de leve por Amanda, cita de improviso a Nova Heloísa para seduzi-la e quase se mete num duelo por orgulho. A cena serve de contraste calculado: dali a poucas páginas, todo movimento de Julien passa a ser calculado.

Sem padrinhos e sem dinheiro, o seminário já lhe parece uma cela: “Para um pobre-diabo como eu, pensou Julien, sem padrinhos e sem dinheiro, não deve haver muita diferença entre o seminário e a prisão”

Para pensar: Julien chega a Besançon à paisana e, diante das muralhas, sonha com a farda de subtenente. Por que ele ainda vê o mundo pela farda quando está prestes a entrar para a batina?

Para pensar: Em Besançon, Julien recita a Nova Heloísa de cor para seduzir Amanda, quase se bate com um dos amantes dela e logo pensa que entre o seminário e a prisão "não deve haver muita diferença". Que mundo ele sente que deixa para trás, e o que ele teme encontrar?

LIVRO 1 • CAPÍTULO 25: O SEMINÁRIO

Julien Sorel toca à porta do seminário (ver *O seminário de Besançon*) de Besançon, é conduzido por um porteiro de olhar de gato a uma sala nua e fica de pé, sem ser notado, diante do abade Pirard, que escreve em quadradinhos de papel. Quando o diretor o encara e lhe pergunta o nome, Julien desmaia; ao voltar a si, ouve a carta de recomendação do Abade Chélan e é submetido a um exame de teologia em latim, que revela conhecimento largo da Escritura, ignorância dos Padres da Igreja e todo o livro de Maistre sobre o papa recitado de cor. Pirard o proíbe de entrar em qualquer sociedade secreta sem o consentimento dele, manda anotar o uso dos trinta e cinco francos que Julien tem e lhe dá a cela 103, onde ele adormece e perde o jantar.

A chegada de Julien ao seminário, diante do Abade Pirard: “O homem não notou a presença de Julien. Que se mantinha imóvel, de pé no meio do quarto, onde o deixara o porteiro, que ao sair fechou a porta. Dez minutos se passaram; o homem malvestido ainda escrevia. A emoção e o terror de Julien eram tamanhos que ele sentia que poderia desabar a qualquer momento. Um filósofo teria dito, enganando-se talvez: Eis a violenta impressão da feiura sobre uma alma feita para amar o que é belo.”

O exame de teologia com o abade Pirard: “O abade Pirard submeteu Julien a um exame em teologia, e ficou surpreso com a extensão de seus conhecimentos. Seu espanto aumentou quando o interrogou sobre a Sagrada Escritura. Mas, quando chegou às questões sobre as doutrinas dos Padres da Igreja, percebeu que Julien mal conhecia os nomes de são Jerônimo, santo Agostinho, são Boaventura, são Basílio etc. etc. Com efeito, pensou o abade Pirard, eis aí a tendência fatal ao protestantismo que sempre reprovei em Chélan. Um conhecimento profundo e demasiado profundo da Sagrada Escritura.”

Tudo na entrada é ritual de aniquilamento: o porteiro de olhos de gato, a sala nua, o abade Pirard que o deixa de pé por mais de dez minutos, o faz desmaiar com um olhar e o submete a uma sessão de três horas. Mas Pirard, apesar da severidade, aceita Julien por causa de Chélan e logo o adverte contra as sociedades secretas.

Para pensar: Julien desmaia quando o abade Pirard o encara e pergunta o nome, e o narrador cita a explicação de um filósofo, "a violenta impressão da feiura sobre uma alma feita para amar o que é belo", acrescentando que o filósofo talvez se engane. Que outra explicação o texto permite para o desmaio?

Para pensar: Pirard se surpreende com a extensão do conhecimento que Julien tem da Escritura, mas estranha que ele mal conheça os Padres da Igreja, e vê nisso "a tendência fatal ao protestantismo" que reprova em Chélan. Por que saber muito da Bíblia e pouco da tradição é suspeito, e o que isso mostra sobre a Igreja em que Julien está entrando?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 26: O MUNDO OU O QUE FALTA AO RICO

Julien Sorel chega atrasado ao primeiro dia no seminário (ver *O seminário de Besançon*), responde à repreensão com um *Peccavi*, *pater optime!* e passa a tratar os trezentos e vinte e um colegas como inimigos; escolhe o *Abade Pirard* por confessor sem saber que isso o põe contra o vice-diretor Castanède. Aos poucos descobre que ali ser o primeiro nos estudos é pecado e que uma cara de fé cega vale mais do que saber, e se dedica a compor uma personalidade nova, até no modo de olhar e de comer. Fouqué o visita e lhe diz que a *Madame de Rênal* virou devota, enquanto Pirard, sem que ele saiba, intercepta as cartas de Dijon em que a paixão luta com o remorso. Por fim Pirard o convoca por causa de um endereço de Amanda Binet escrito numa carta de baralho que a polícia de Castanède tirou da mala dele, acredita no relato e o previne de que guardar aquilo foi imprudência.

Julien no seminário, entre inimigos: “Seguindo as máximas que se impusera, considerou seus trezentos e vinte e um colegas inimigos, sendo o mais perigoso de todos o abade Pirard. Poucos dias depois, Julien precisou escolher um confessor e lhe apresentaram uma lista. Ah, meu Deus! Por quem me tomam?, ele pensou. Será que acham que não sei onde estou pisando? Escolheu o abade Pirard.”

Julien percebe que seus primeiros passos foram equivocados: a ciência e a lógica, que o distinguiram em Verrières, aqui não valem, e o momento em que ele entende a regra do lugar está nesta constatação amarga: “Então a ciência não vale nada aqui? [...] Meu único mérito consistia em [...] captar essas baboseiras. [...] E eu era tolo em me orgulhar!”

No seminário não se premia quem pensa, premia-se quem obedece sem parecer pensar: Chazel, que sabe mais do que Julien, planta uma asneira em cada composição e fica em quinquagésimo lugar, e se chega ao primeiro, diz Julien, é por distração.

Aos poucos Julien reconstrói a própria personalidade em minúcia: aprende a olhar para baixo, a não se destacar nos estudos, a fingir êxtase onde sente tédio, a treinar até o modo de comer um ovo quente, e falha justamente onde tenta passar despercebido, pois sua insensibilidade à linguagem com chucrute que os colegas devoram lhe rende novos inimigos.

Para pensar: Se hipocrisia bem-sucedida exige treinar até o modo de comer um ovo, o que sobra de Julien quando ele finalmente aprender a fazer tudo isso sem esforço?

Para pensar: Ao ver que no seminário a ciência vale pouco, Julien pensa: "E eu era tolo em me orgulhar!", falando de sua facilidade em captar baboseiras. O que o seminário premia que Verrières não premiava, e o que Julien perde ou ganha ao descobrir isso?

LIVRO 1 - CAPÍTULO 27: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DA VIDA

O narrador avisa que dirá pouco desta época sombria. *Julien Sorel*, que mal progride na hipocrisia de gestos, passa pela maior provação de sua vida, cogitando alistar-se ou virar professor de latim, e descobre que diferença gera ódio quando um aluno em olor de santidade o repele ao primeiro trovão. O padre Castanède ensina que o governo só tem poder legítimo por delegação do papa, os colegas só falam de curatos gordos e de coelhos dados a criadas de curas

velhos, e Julien, que tenta tirar partido do livro de Maistre sobre o papa, ganha o apelido de Martinho Lutero por sua lógica. Isolado como ovelha sarnenta, chega a se armar de um compasso de ferro contra os colegas mais fortes que queriam espancá-lo.

O desânimo de Julien no seminário (ver **O seminário de Besançon**): “Poderia se tornar professor de latim; precisava de tão pouco para sua subsistência! Mas então, adeus carreira, adeus o futuro de sua imaginação: era como morrer. Eis os detalhes de um de seus tristes dias.”

A cena da tempestade é o retrato mais seco desse mundo: Julien caminha com um colega em olor de santidade quando começa a trovejar, e o santo o repele sem cerimônia.

Escute aqui: cada um por si neste mundo, não quero ser atingido pelo raio; Deus pode fulminá-lo como a um ímpio, como a um Voltaire.

A santidade de fachada não sobrevive ao primeiro trovão; é o oposto exato da devoção da **Madame de Rênal**, que era sincera até doer.

O hábito de raciocinar, que ninguém avisou a Julien ser um crime: “Após ter lhe inculcado o hábito de raciocinar corretamente e de não se contentar com palavras vãs, não teve o cuidado de lhe dizer que, em quem não é muito considerado, esse hábito é um crime; pois todo bom raciocínio ofende.”

Julien descobre que qualquer raciocínio bem construído, ali, é lido como afronta, e os colegas o apelidam pelo motivo declarado.

apelidaram-no MARTINHO LUTERO; sobretudo, diziam, por causa dessa lógica infernal de que se orgulhava tanto.

Para pensar: O narrador diz que, em quem não é muito considerado, o hábito de raciocinar é um crime, "pois todo bom raciocínio ofende", e os colegas apelidam Julien de Martinho Lutero por causa da lógica dele. Por que pensar bem é perigoso nesse lugar, e quem sai mais desprotegido, quem raciocina ou quem obedece?

Para pensar: Ao primeiro trovão, o colega "em olor de santidade" afasta Julien dizendo "cada um por si neste mundo". O que essa cena mostra sobre a devoção do seminário, quando posta ao lado da fé que Julien viu na sra. de Rênal?

LVRO I - CAPÍTULO 28: UMA PROCISSÃO

Julien Sorel percebe que nenhum professor aprecia sua humildade, exceto o padre Chas-Bernard, diretor do cerimonial da catedral, que lhe fala por horas dos paramentos e da velha presidenta de Rubempré; na véspera do Corpus Domini, **Abade Pirard** o manda ajudá-lo a ornamentar a catedral. Julien trabalha nas escadas, sobe ao dossel do altar-mor para pôr os buquês de plumas onde os tapeceiros parisienses não se atreveram e divide com ele uma refeição alegre. Durante a procissão, vigiando a ala norte da igreja vazia, reconhece a **Madame**

de Rênal, que desmaia ao ouvir seus passos, e a sra. Derville o expulsa com dureza. Chas-Bernard, ao ver Julien pálido, desiste de apresentá-lo ao bispo.

A exceção humana nesse mundo é o padre Chas-Bernard, diretor do cerimonial, cuja vaidade de ofício (as vestes, os castiçais, os paramentos da catedral) é ingênua e sincera, não calculada. Julien, treinado a farejar segundas intenções em todo mundo, espera o golpe que nunca vem, e conclui: “E, contudo, ele trabalhou muito, está feliz [...]. Que homem! Que exemplo para mim!”

É um elogio sem ironia a um homem de Igreja, justamente porque Chas-Bernard não finge nada.

A sra. Derville, que sempre desconfiou do caso, diz a Julien o que ele passou a ser para a mulher que ama: “Sua presença deve causar-lhe horror, ela era tão feliz antes de conhecê-lo!”

A cena não muda o rumo da trama, mas confirma que a ferida de Verrières continua aberta sob o hábito preto.

Para pensar: Julien observa o padre Chas-Bernard, feliz com paramentos e castiçais, espera o golpe que não vem e conclui: "Que homem! Que exemplo para mim!". Por que um rapaz que desconfia de todos reconhece nesse padre algo que admira, e o que lhe falta para imitá-lo?

Para pensar: A sra. Derville diz a Julien que "sua presença deve causar-lhe horror", falando da sra. de Rênal, que desmaiou ao ouvir os passos dele. Ela tem razão, e o que o desmaio diz sobre o assunto?

LIVRO I - CAPÍTULO 29: A PRIMEIRA PROMOÇÃO

Com uma carta de Chas-Bernard em favor de Julien Sorel na mão, Abade Pirard, prestes a deixar o seminário (ver O seminário de Besançon) depois de quinze anos, nomeia-o explicador do Novo e do Velho Testamento e o previne de que a inveja o perseguirá; Julien passa a jantar sozinho, ganha o respeito dos colegas quando Fouqué manda um cervo e um javali em nome de seus pais e brilha nos exames, mas um examinador nomeado por Abade de Frilair lhe arma uma cilada com Horácio, e o vigário-geral escreve de próprio punho o número 198 ao lado do nome dele. Chega uma letra de câmbio de quinhentos francos, que Julien julga ser da Madame de Rênal e que na verdade vem do Marquês de La Mole, em processo contra Frilair por um terreno e a quem Pirard serve. Quando o marquês o chama a Paris, Pirard escreve a própria demissão e manda Julien levá-la ao bispo; Julien conquista o prelado recitando Horácio e sai com um Tácito de presente. Pirard deixa o seminário depois de uma severa alocução aos alunos e é nomeado para uma rica paróquia a quatro léguas de Paris.

Pirard, apesar da severidade, é quem trata Julien sem cálculo: aceitou-o por causa de Abade Chélan, advertiu-o contra as sociedades secretas e agora o avisa sem rodeios. É ele, o mais rígido de todos, quem primeiro diz a Julien a verdade sobre o que o espera: “seus companheiros jamais o olharão sem odiá-lo; se fingirem amá-lo, será para melhor traí-lo.”

Essa frase é o resumo antecipado de tudo que Julien vai viver no seminário e, depois, em Paris.

A virada de sorte vem por dois canais que nada têm de santidade: a promoção a explicador, que Pirard concede com uma carta de Chas-Bernard na mão, e o cervo e o javali que Fouqué manda ao seminário em nome dos pais de Julien, que comprem a ele mais respeito dos colegas do que qualquer exame. Houve, nesse meio-tempo, um recrutamento militar do qual Julien foi isento por ser seminarista.

Julien ouve por acaso, no jardim, os pedreiros do claustro comentarem o recrutamento, e a conversa deles nomeia sem rodeios o que a Restauração fechou: “No tempo do outro, aí sim! Um pedreiro se tornava oficial, se tornava general, a gente via isso acontecer.”

Ao se afastar, Julien repete baixinho a mesma nostalgia dos pedreiros, prova de que seu bonapartismo não é peculiaridade de leitura, é sentimento vivo na rua: “O único rei de que o povo se lembra!”

Admirar Napoleão Bonaparte não é gosto literário, é posição política, e o retrato que Julien escondeu no colchão, no **capítulo 9 do Livro I**, já tinha avisado disso: em 1830, essa lealdade se guarda em segredo, não se declara.

No exame geral, um examinador nomeado por Frilair arma uma cilada: deixa Julien recitar Horácio com entusiasmo por vinte minutos e depois o repreende por esses estudos profanos, e o vigário-geral escreve o número 198 ao lado do nome dele, por vingança contra Pirard, num conflito que corre em paralelo ao processo entre Frilair e o marquês de La Mole por um terreno, o fio que no fim conecta o seminário a Paris.

O alcance da rede que arma essa vingança é descrito sem meias palavras: “aquele homem hábil que organizara tão sabiamente a rede da congregação de Besançon e cujas missivas para Paris faziam tremer juízes, o governador e até os oficiais da guarnição, escrevesse, de próprio punho, o número 198 ao lado do nome de Julien.”

Um vigário-geral capaz de intimidar juízes, governador e guarnição não administra só almas, administra carreiras, e é essa rede, chamada aqui pelo próprio nome, Congregação, que decide quem sobe e quem cai em toda a Restauração de província, dentro e fora do seminário.

O próprio abade Pirard nomeia o que o move, num pensamento que o livro não deixa em subtexto: “Impeço o progresso do jesuitismo e da idolatria, ele pensava.”

O adversário devolve a acusação com o mesmo vocabulário de facção: “Este se sentiu ultrajado com a insolência, ainda por cima por parte de um jansenistazinho!”

Na residência episcopal, a conversa com o bispo de Besançon vira lição de história que Julien não acompanha: “O prelado, cada vez mais contente do fim de noite, falou um pouco da história eclesiástica. Notou que Julien não estava entendendo. Passou a comentar o estado moral do Império Romano, na época dos imperadores do século de Constantino. O fim do paganismo viera acompanhado por aquele estado de inquietude e de dúvida que, no século XIX, desola os espíritos tristes e enfadados. Monsenhor observou que Julien mal conhecia o nome de Tácito.”

O bispo, encantado com o latim e as odes de Horácio que Julien recita de improviso, presenteia-o com um Tácito e o trata com uma polidez que espanta Julien.

É sugestivo que a polidez mais descuidada que Julien encontra neste capítulo venha de um velho bispo que pouco se preocupa com o que acontecerá dali a dez anos, isto é, de alguém sem mais nada a

disputar.

Pirard fica com o primeiro volume do Tácito, cuja dedicatória do bispo será o para-raios de Julien no seminário, e se despede com um aviso em latim sobre o sucessor: “Erit tibi, fili mi, successor meus tanquam leo quærens quem devoret.” (Pois para ti, meu filho, meu sucessor será como um leão furioso, e que procura alguém para devorar.)

Para pensar: Pirard avisa Julien de que os companheiros jamais o olharão sem odiá-lo e que, se fingirem amá-lo, será para melhor traí-lo. Por que é o homem mais rígido do seminário quem lhe fala com franqueza, e em que essa franqueza difere do cuidado que Julien encontra nos outros?

Para pensar: Os pedreiros do claustro lembram que no tempo de Napoleão se tornava oficial quem era pedreiro, e Julien repete a nostalgia deles em voz baixa. O que muda quando o bonapartismo dele deixa de ser gosto de leitor e aparece como sentimento de gente do povo?

LIVRO 1 · CAPÍTULO 30: UM AMBICIOSO

O Marquês de La Mole recebe Abade Pirard em Paris sem cerimônia e lhe oferece o posto de secretário, que ele recusa; Pirard sugere então Julien Sorel, rapaz de coração altivo que será perseguido no seminário (ver O seminário de Besançon), e o marquês aceita fazer dele companheiro do filho e manda mil francos de viático. Julien recebe a carta de Châlons com a folha de árvore, o sinal combinado com Pirard, o bispo o cumprimenta pelo destino que o espera em Paris e o prefeito traz um passaporte em branco, enquanto Fouqué desaprova. Em Verrières o Abade Chélan o recebe com severidade, só fala de teologia e o faz deixar a cidade a cavalo sem ver ninguém; Julien dispensa o cavalo, compra uma escada de um camponês e entra de madrugada no quarto da Madame de Rênal, que o repele com horror religioso mas cede quando ele anuncia, com frieza calculada, que parte para sempre. Passa o dia escondido no quarto da sra. Derville, quase descoberto pelo criado e pelo marido, e na noite seguinte foge pela janela sob tiros, rumo à estrada de Genebra.

Antes de rever a sra. de Rênal, Julien só vê no aviso de Fouqué a pequenez de um burguês provinciano: “Julien só viu em tudo aquilo a pequenez de espírito de um burguês provinciano. Ia finalmente atuar no palco dos grandes acontecimentos.”

Na escuridão do quarto, o amor de Julien vira cálculo outra vez: “ele teve a desventura de se transformar num político frio, quase tão calculista e tão frio como quando, no pátio do seminário, era alvo de alguma brincadeira maldosa de um colega mais forte que ele.”

O narrador pesa o preço da vitória: “Se a volta aos sentimentos ternos e o eclipse dos remorsos da sra. de Rênal tivessem chegado um pouco antes, teriam sido uma felicidade divina; obtidos assim, mediante artifício, não passaram de um prazer.”

Para pensar: Julien só vê no aviso de Fouqué a "pequenez de espírito de um burguês provinciano", pois ia finalmente atuar no "palco dos grandes acontecimentos". O que ele ganha, e o que perde, ao enxergar a própria vida como um palco?

Para pensar: Julien só vence a resistência da sra. de Rênal quando anuncia, com frieza calculada, que parte para sempre, e o narrador diz que a volta dela aos sentimentos ternos e o apagamento dos remorsos, obtidos mediante artifício, "não passaram de um prazer". Ele ganhou ou perdeu nessa noite?

LIVRO II - CAPÍTULO I: OS PRAZERES DO CAMPO

Na diligência para Paris, **Julien Sorel** escuta o bonapartista Falcoz e o filósofo Saint-Giraud, que vende suas terras e foge da província: o vigário o persegue porque ele recusa donativos, e os liberais, porque recusa o voto. Em Paris, Julien chora diante de Malmaison e só no terceiro dia se apresenta ao **Abade Pirard**.

A cena se passa às vésperas da Revolução de Julho de 1830: o mesmo evento que, ao explodir quando o livro já estava no prelo, suspendeu a impressão por alguns dias (nota 80 da edição, do editor original, no capítulo VIII).

Saint-Giraud resume o mecanismo que expulsa o homem de bem da província, e Julien, que acabou de deixar Verrières, absorve cada palavra:

Bonaparte, que o céu o fulmine e sua tralha monárquica, tornou possível o reino dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reino dos Valenod e dos Maslon.

Pirard explica a vida que o espera na casa do **Marquês de La Mole**: secretário a cem luíses de ordenado, com estudos de teologia três vezes por semana. Avisa que o conde Norbert, filho do marquês, o desprezará por ser um pequeno-burguês, e que a marquesa, filha do velho duque de Chaulnes, só dá valor a ancestrais que foram às Cruzadas.

Cap. I. O **Abade Pirard** descrevendo a família de La Mole: "Ele tem dois filhos, uma filha e um filho de dezenove anos, elegante por excelência, um extravagante que nunca sabe ao meio-dia o que fará às duas horas."

O ancestral que dá nome à família é histórico: Boniface de La Mole, decapitado por conspiração em 1574 (nota 88 da edição, no capítulo X confirma o rigor histórico do episódio, retomado por Dumas quinze anos depois de Stendhal).

O ancestral dele era da corte e teve a honra de ter a cabeça cortada na Place de Grève, no dia 26 de abril de 1574, por causa de uma intriga política. O senhor é filho de um carpinteiro de Verrières e, ainda por cima, a serviço do pai dele.

A carruagem para diante da mansão de La Mole, com o nome da família gravado em mármore negro sobre a porta.

O primeiro juízo político de Julien sobre a nobreza parisiense chega antes de qualquer jantar de salão, na própria porta da mansão, onde o nome da família está gravado em mármore negro para que ninguém tenha dúvida de quem mora ali.

Tal ostentação desagradou a Julien. Eles têm tanto medo dos jacobinos! Veem um Robespierre e sua carroça atrás de cada sebe; estão sempre zombando de tudo e exibem dessa forma sua casa para que a canalha a reconheça, em caso de tumulto, e a pilhe.

A classe que Julien vai servir daqui a poucas páginas como secretário, e mais tarde como emissário de uma conspiração, vive instalada sobre um medo concreto: o de uma segunda Revolução Francesa, vinte anos depois da primeira. A Restauração devolveu o nome de mármore à porta, mas não devolveu a segurança de quem o leva.

Para pensar: Na diligência, Saint-Giraud diz que Bonaparte "tornou possível o reino dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reino dos Valenod e dos Maslon". Que cadeia de causas ele traça, e como Julien, que venera Napoleão, pode receber essa conta?

Para pensar: Diante do nome da família gravado em mármore negro sobre a porta da mansão, Julien pensa: "Eles têm tanto medo dos jacobinos!". Como esse medo explica o jeito de essa gente se exhibir, e o que ele revela sobre o mundo em que Julien vai servir?

LIVRO II - CAPÍTULO 2: INGRESSO NA SOCIEDADE

Abade Pirard apresenta Julien Sorel ao Marquês de La Mole, um homenzinho magro de peruca loira, e lhe dá dois dias livres em Paris: Julien perde o relógio para um liberal prestativo no cemitério e vê o sapateiro registrá-lo como sr. Julien de Sorel. O marquês o instala numa mansarda e manda que compre mais vinte e duas camisas, e Julien fica deslumbrado com a biblioteca. Mas o marquês desanima ("É tempo perdido toda essa experiência") ao ver que ele escreve "isso" com um só s.

No jantar, Julien conhece a marquesa, o conde Norbert e Mathilde de La Mole, cujos olhos belos e frios não lhe agradam. Uma discussão sobre Horácio com um acadêmico lhe devolve a segurança e conquista a estima do marquês.

Cap. II. Na biblioteca do palácio de La Mole: "Terminada a tarefa, Julien ousou se aproximar dos livros: quase enlouqueceu de alegria ao encontrar uma edição de Voltaire."

A arma que salvou Julien no seminário (ver O seminário de Besançon) e na casa de Rênal, memória, latim, trabalho obstinado, não é moeda em Paris: aqui o capital é o nascimento, e o mérito só compra alguma coisa quando embrulhado em maneiras que ninguém ensinou a Julien.

Para pensar: O marquês se encanta com a biblioteca e com o latim de Julien, mas se desanima ao ver que ele erra a ortografia de uma palavra, e pensa que toda a experiência foi tempo perdido. O que a cena sugere sobre o que conta como saber na casa de La Mole?

Para pensar: No primeiro jantar, uma discussão sobre Horácio devolve a Julien a segurança e a estima do marquês. Por que é justamente o latim, e não a conversa de salão, que lhe dá voz ali, e o que isso diz sobre o lugar que ele ocupa na casa?

LIVRO II - CAPÍTULO 3: OS PRIMEIROS PASSOS

Na biblioteca, **Mathilde de La Mole** entra por uma porta secreta escondida entre as lombadas, procurando um volume de Voltaire, e se contraria ao encontrar **Julien Sorel**. Norbert o leva a cavalgar, e Julien cai em plena Rue du Bac; no jantar conta a queda com tanta simplicidade que diverte o **Marquês de La Mole** e faz Mathilde rir e pedir detalhes. O jovem Tanbeau, sobrinho do acadêmico, tenta dividir a biblioteca com Julien e é repreendido pelo marquês.

Julien volta a montar com Norbert, mas, apesar da bondade de todos, sente-se isolado numa família cujos hábitos não assimila, enquanto **Abade Pirard** parte para a paróquia.

Cap. III. Julien, depois da cavalgada e do jantar: “Apesar de tanta bondade, Julien sentiu-se logo totalmente isolado no meio dessa família. Todos os hábitos lhe pareciam estranhos e ele não conseguia assimilá-los. Suas trapalhadas faziam a alegria dos criados.”

Cap. III. O padre Pirard, ao partir para a paróquia: “Se Julien for um frágil caniço, que se quebre; se for um homem de caráter, que se arranje sozinho”

Para pensar: Mathilde tenta em vão dissimular uma gargalhada com a queda de Julien e, indiscreta, quer saber detalhes; ele conta tudo com simplicidade e acaba rindo com ela. O que essa simplicidade consegue que um cálculo mais fino talvez não conseguisse?

Para pensar: Julien se sente "totalmente isolado" numa família que o trata com bondade, e suas trapalhadas fazem a alegria dos criados. O que torna a bondade de todos insuficiente para que ele se sinta acolhido?

LIVRO II - CAPÍTULO 4: A MANSÃO DE LA MOLE

Para se orientar no **O salão de La Mole**, **Julien Sorel** anota os nomes e o caráter dos frequentadores: aduladores da marquesa, dois viscondes e cinco barões que conduzem a conversa, tudo regido pela regra de não falar de política nem de nada que seja estabelecido. Atrás da poltrona da marquesa, **Mathilde de La Mole** preside uma roda onde Croisenois, Caylus, Luz e Norbert zombam de quem chega, como Descoulis, Sainclair e o barão Bâton, enquanto Julien assiste de uma cadeira de palha. Passam o conde Chalvet, o barão de Tolly, que fraudou uma eleição, e o jovem Tanbeau, que pede dez anos de prisão para o poeta Béranger.

O **Abade Pirard**, que chama aquilo de covil, avisa Julien de que o **Marquês de La Mole** não gosta de escrevinhadores, e Julien queima um manuscrito seu. A noite acaba com a zombaria contra o conde de Thaler, herdeiro riquíssimo de um banqueiro de reis, e a visão cura Julien de toda inveja.

Cap. IV. Os anfitriões do palácio de La Mole: “No fundo, os anfitriões experimentavam muito orgulho e muito tédio; estavam acostumados à maledicência para se distrair, para que pudessem esperar verdadeiros amigos.”

O tédio aqui não é falha, é a regra de proteção do grupo: qualquer ideia viva é lida como grosseria, porque uma ideia obriga a tomar posição, e tomar posição é o único luxo que essa gente não pode se permitir em público.

Não há cem mil escudos de renda nem condecoração que possa lutar contra essa norma de salão. Uma ideia viva, mínima que fosse, parecia uma grosseria.

Cap. IV. A opinião como tirano, numa fala de salão: “Por que querem que eu tenha hoje a mesma opinião de três semanas atrás? Nesse caso, minha opinião seria meu tirano.”

Cap. IV. No salão de La Mole: “Isso é mesmo um covil — dizia, como Basílio⁶⁷ —, só vejo entrar gente viciosa.”

Ao explicar por que Julien nunca poderá escrever (“o marquês não gosta de escrevinhadores”), Pirard cita o duque de Castries sobre D'Alembert e Rousseau: “Essa gente quer refletir sobre tudo e não tem nem mil escudos de renda”. O julgamento é claro: pensar em público é coisa de quem não tem certificado de nascimento para se dar ao luxo de errar.

Para pensar: Julien anota o nome e o caráter dos frequentadores do salão para se orientar, e o narrador diz que ali uma ideia viva, mínima que fosse, “parecia uma grosseria”. Que tipo de sociedade precisa proibir a ideia, e o que ela protege com isso?

Para pensar: Pirard chama o salão de covil e avisa que o marquês não gosta de escrevinhadores, e Julien sobe ao quarto e queima um manuscrito seu. O que ele sacrifica nessa hora, e o que o gesto lembra de outros momentos em que escondeu ou queimou algo que era seu?

LIVRO II · CAPÍTULO 5: A SENSIBILIDADE E UMA GRANDE PIEDADE

Meses depois, Julien Sorel fiscaliza as terras do Marquês de La Mole na Bretanha e na Normandia, redige a correspondência do processo Abade de Frilair, estuda teologia e ganha um cavalo do marquês. Abade Pirard o leva a sociedades de jansenistas, onde conhece o conde Altamira, liberal condenado à morte em seu país e, ao mesmo tempo, devoto. Em casa, a amabilidade graduada do salão lhe dá um tédio mortal, as relações com Norbert esfriam e ele se impõe nunca dirigir a palavra a Mathilde de La Mole. O marquês lhe confia os negócios mais difíceis, e a marquesa só se anima quando anunciam o barão de La Joumate, que sonharia ter como genro.

Cap. V. Epígrafe do capítulo, atribuída a Faublas: “Uma ideia mais viva parece uma grosseria, tal nos acostumamos com palavras vazias. Infeliz daquele que inventa ao falar! FAUBLAS⁷⁰”

Cap. V. O que a religião significava para Julien: “Julien surpreendeu-se; a ideia de religião estava indiscutivelmente ligada, em seu espírito, à hipocrisia e à esperança de ganhar dinheiro.”

Altamira é baseado em Di Fiori, amigo real de Stendhal condenado à morte em Nápoles em 1799 e refugiado em Paris (nota 71 do tradutor).

Cap. V. As aulas de equitação em Paris: “Quando dispunha de algum tempo livre, em vez de empregá-lo a ler como antigamente, corria ao treino de equitação e pedia os cavalos mais manhosos. Nos passeios com o mestre de equitação, era quase invariavelmente jogado ao chão.”

Cap. V. O narrador sobre os ricos de alma elevada: “Os homens ricos que têm a alma elevada buscam nos negócios o divertimento, não os resultados.”

Para pensar: O conde Altamira, condenado à morte em seu país, é liberal e ao mesmo tempo devoto, e Julien se surpreende, pois a ideia de religião estava, para ele, ligada "à hipocrisia e à esperança de ganhar dinheiro". O que a figura de Altamira abala na imagem que Julien faz da fé?

Para pensar: O salão de La Mole dá a Julien um "tédio mortal", e ele se impõe nunca dirigir a palavra a Mathilde. Por que ele escolhe o silêncio como defesa, e o que se ganha, e o que se perde, com essa escolha?

LIVRO II - CAPÍTULO 6: MODO DE PRONUNCIAR

Num café da Rue Saint-Honoré, um homem de sobrecasaca insulta **Julien Sorel** e lhe atira cartões de visita, e Julien, com o tenente Liévin como testemunha, vai à casa do cavalheiro Charles de Beauvoisis, cujo nome está nos cartões, e encontra um janota que não é o homem do café. Ao sair, reconhece no cocheiro de Beauvoisis o insultador (ele roubara os cartões), derruba-o a chicotadas, e o duelo acontece: Julien leva uma bala no braço e volta na carruagem do adversário, achando a conversa deles mais divertida que a do salão. Para fugir do ridículo, Beauvoisis espalha que Julien é filho natural de um amigo do **Marquês de La Mole**, boato que o marquês decide tornar consistente e que o manda à Ópera para livrá-lo dos modos provincianos.

Depois do duelo, na carruagem, Julien descobre algo que o salão de La Mole (ver **O salão de La Mole**) nunca lhe deu: gente da mesma casta que se permite rir da procissão de Corpus Christi e contar anedotas picantes sem medo do ridículo. A diferença entre o tédio da mansão de La Mole e a leveza de Beauvoisis não é de classe, é de risco: quem já nasceu seguro pode se dar ao luxo da indecência.

Esses senhores, ainda que muito nobres, pensou Julien, não são enfadonhos como as pessoas que vão jantar na mansão do sr. de La Mole; e percebo por quê, [...] Eles se permitem ser indecentes.

Para pensar: Depois do duelo, na carruagem do adversário, Julien acha a conversa mais divertida do que a do salão de La Mole e conclui que aqueles senhores "se permitem ser indecentes". Por que o tédio de uns e a leveza de outros pertencem à mesma classe, e o que isso diz sobre o que o medo faz com as pessoas?

Para pensar: Para fugir do ridículo, Beauvoisis espalha que Julien é filho natural de um amigo do marquês, e o boato passa sem dificuldade. O que o episódio mostra sobre o valor da origem numa sociedade que diz medir tudo pelo nascimento?

LIVRO II - CAPÍTULO 7: UMA CRISE DE GOTA

Com o Marquês de La Mole preso em casa por uma crise de gota e Mathilde de La Mole e a mãe em Hyères, Julien Sorel vira companhia de leitura do velho fidalgo, que lhe dá um traje azul: vestido assim, à noite, é tratado como irmão caçula do conde de Chaulnes, filho do velho duque, e de manhã, de preto, volta a ser secretário. Julien reorganiza a contabilidade dos negócios do marquês e recusa, de traje preto, dividir com ele os ganhos da Bolsa. Mandado a Londres por dois meses, aprende o dandismo com o príncipe Korasoff e visita o filósofo Philip Vane, preso, e ao voltar recebe do marquês uma condecoração. Ela traz a Paris o barão de Valenod, nomeado prefeito de Verrières no lugar de Rênal: Julien pede ao marquês a direção do asilo de mendicidade para o pai e dá a loteria de Verrières ao velho Cholin, sem saber que o posto era pedido para o geômetra Gros.

Se é possível apegar-se a um belo cocker spaniel, pensava o marquês, por que me envergonho tanto de me apegar a esse padrezinho? Ele é original. Trato-o como a um filho. Pois bem! Onde está a inconveniência?

Cap. VII. O príncipe Korasoff, em Londres, sobre o século: “faça sempre o contrário do que esperam que faça. Eis, por minha honra, a única religião da época.”

Cap. VII. Julien, depois de dar a loteria de Verrières a Cholin e saber que o posto era pedido para Gros: “será necessário cometer outras tantas injustiças se quiser vencer, e ainda saber escondê-las sob belas palavras sentimentais”

Para pensar: O marquês compara o afeto por Julien ao que se pode ter por "um belo cocker spaniel" e se pergunta onde está a inconveniência. Que tipo de apego é esse, e que lugar ele reserva a Julien na casa?

Para pensar: Depois de dar a loteria de Verrières ao velho Cholin sem saber que o posto era pedido para outra pessoa, Julien conclui que "será necessário cometer outras tantas injustiças" se quiser vencer. O que esse aprendizado muda no modo como ele vê o poder e o próprio mérito?

LIVRO II - CAPÍTULO 8: QUAL A CONDECORAÇÃO MAIS HONROSA

Julien Sorel volta da propriedade de Villequier, que pertencera a Boniface de La Mole, e encontra a marquesa e Mathilde de La Mole, chegadas de Hyères; já dândi, é de frieza absoluta com ela, que o convida ao baile do duque de Retz. No baile, Mathilde, rodeada de admiradores, discute Rousseau com Julien e se entedia com Croisenois. Ao ver o conde Altamira, condenado à morte, ela formula a máxima de que só a condenação à morte honra um homem e passa a medir os pretendentes por ela, até concluir que a origem nobre tira a força de caráter.

O baile acontece numa Paris que, na ficção, ainda vive sob a monarquia de Restauração, mas a nota 80 da edição, do editor original, mostra que a página foi composta em 25 de julho de 1830 e só impressa em 4 de agosto, porque a Revolução de Julho estourou no intervalo: o livro descreve uma sociedade que, no momento em que era escrito, já estava caindo.

Mathilde formula, ali, a frase que vai guiar toda a sua conduta no resto dos capítulos 1 a 15 do Livro II:

Acho que só a condenação à morte honra um homem [...], é a única coisa que não se compra.

Mais de um século depois, um comissário soviético cita a frase em Stalingrado, atribuindo-a ao próprio Stendhal, em *As Benevolentes* – 3 Courante – Stalingrado, de *As Benevolentes*:

“Conhece o escritor francês Stendhal? Então certamente terá lido esta frase: A meu ver, apenas a condenação à morte enobrece um homem. É a única coisa que não se compra.” (Courante)

As Benevolentes – 3 Courante – Stalingrado

Cap. VIII. Mathilde no baile, medindo os pretendentes: “Qual dentre eles, pensava, poderia fazer-se condenar à morte, mesmo supondo todas as condições favoráveis?”

Cap. VIII. Mathilde e a sua máxima: “Eis aí, pensou Mathilde, uma bela prova de minha máxima: a origem nobre tira a força de caráter sem a qual não é possível fazer-se condenar à morte!”

Cap. VIII. Mathilde no baile: “Onde está o prazer para mim, acrescentou com tristeza, se, após seis meses de ausência, não o encontro no baile que causa inveja a todas as mulheres de Paris? E ainda por cima estou aqui cercada de todas as homenagens de uma sociedade que não poderia imaginar mais bem-composta. Não há aqui, da burguesia, mais do que alguns pares e talvez um ou dois Julien. E, no entanto, acrescentou com uma tristeza crescente, que vantagens a sorte não me concedeu: ilustração, fortuna, juventude, ai de mim!, tudo, exceto a felicidade.”

“a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter, comparou a um tonel furado, por isso mesmo que nunca revela saciedade”

Górgias

O mito tem dois recipientes furados, e o segundo é o que carrega a água: os não iniciados, no Hades, “carregam água para o tonel furado num crivo também cheio de furos. Por esse crivo ele entendia a alma, como me explicou quem me contou a história. Comparou a alma dos insensatos a um crivo que é cheio de furos, pois nada consegue reter, visto carecer de fé e memória.”

Górgias

O mito serve a Sócrates para uma escolha entre duas vidas, e a temperança é o nome da que não vaza: Cálicles deveria “em vez de uma vida intemperante e insaciável preferires a bem ordenada e que se satisfaz com o que o dia presente lhe oferece”

Górgias

Para pensar: No baile, Mathilde diz que só a condenação à morte honra um homem, porque é “a única coisa que não se compra”. Por que essa lhe parece a única honra verdadeira, e o que a máxima dela deixa de fora?

Para pensar: Cercada de homenagens, Mathilde pensa que a sorte lhe deu tudo, “exceto a felicidade”. O tédio dela é o de quem tem demais, ou o de quem foi educada para não precisar desejar nada?

LIVRO II - CAPÍTULO 9: O BAILE

Mathilde de La Mole ouve Julien Sorel dizer a Altamira "Sim, Danton é que era homem!" e passa a seguir a conversa dos dois: Altamira conta que o embaixador Araceli pediu sua extradição, que o Tosão de Ouro de Araceli custou a vida de trinta liberais afogados, e que a própria irmã dançou ao saber da execução do marechal Ney. Julien responde que quem quer o fim quer os meios, e Altamira lhe dá o diagnóstico da sociedade que pune o pensamento. Na volta, Julien passa a noite lendo a história da Revolução e, na biblioteca, no dia seguinte, perguntas de Mathilde o levam a perguntar se o homem que quer expulsar a ignorância e o crime deveria passar como a tempestade.

Cap. IX. Mathilde observando Julien no baile: "Nunca se refere a si mesmo! Não é como Caylus ou Croisenois. Esse Sorel parece um pouco meu pai imitando à perfeição Napoleão no baile."

Cap. IX. Na conversa com o conde Altamira, no baile: "tudo que se faz é sem prazer e sem reter na memória, até mesmo os crimes. Posso mostrar-lhe neste baile uns dez homens que vão para o inferno como assassinos. Eles já esqueceram o crime, e o mundo também."

Altamira confirma o diagnóstico com um exemplo cru: sua própria irmã dançou ao saber da execução do marechal Ney. "Não há mais paixões verdadeiras no século XIX: é por isso que o tédio impera na França. Praticam as maiores crueldades, mas sem crueldade." Julien responde com uma frase que vai voltar, mais tarde, como profecia sobre si mesmo:

quem quer o fim quer os meios; se eu não fosse insignificante e tivesse algum poder, mandaria enforcar três homens para salvar a vida de quatro.

Pouco antes, na mesma conversa, Altamira tinha colocado Julien e a si mesmo no mesmo banco dos réus sociais, por crimes opostos.

O senhor e eu, nesse jantar, seremos os únicos sem mancha de sangue, mas eu serei desprezado e quase odiado como um monstro sanguinário e jacobino, e o senhor, desprezado simplesmente como homem do povo, um intruso na boa sociedade.

Mais tarde, ainda no baile, Altamira nomeia o mecanismo que pune quem pensa nesse mundo, e o mecanismo que descreve não é de etiqueta, é de polícia.

Por aqui, tudo o que tem algum valor pelo espírito, a congregação o entrega à polícia correcional; e a boa sociedade aplaude.

As duas falas fecham o argumento que o resto dos capítulos 1 a 15 do Livro II só ilustra: a aristocracia parisiense não tolera nem o revolucionário estrangeiro nem o plebeu ambicioso pelo mesmo motivo, os dois vieram de fora da linhagem que a classe usa para se justificar, e o instrumento que pune o pensamento fora dessa linhagem, a congregação delatando à polícia, é o mesmo que, capítulos adiante, vai condenar Julien num tribunal.

Cap. IX. Julien, depois dessa conversa: “o homem que quer expulsar a ignorância e o crime da terra deveria passar como a tempestade e espalhar o mal ao acaso?”

Para pensar: Altamira diz que não há mais paixões verdadeiras no século XIX e que se praticam as maiores crueldades "mas sem crueldade", e cita a própria irmã, que dançou ao saber da execução do marechal Ney. O que ele quer dizer, e como o exemplo sustenta a tese?

Para pensar: Julien diz que "quem quer o fim quer os meios" e que, com poder, mandaria enforcar três homens para salvar quatro; depois se pergunta se quem quer expulsar a ignorância e o crime deveria "passar como a tempestade". Que moral ele está testando, e o que o texto deixa em aberto?

LIVRO II - CAPÍTULO IO: A RAINHA MARGARIDA

Julien Sorel chega ao jantar e vê Mathilde de La Mole de luto fechado, a única de preto na família. O acadêmico lhe conta que é 30 de abril, dia em que Boniface de La Mole e Coconasso foram decapitados na Place de Grève, em 1574, e que a rainha Margarida de Navarra, amante de La Mole, teria enterrado ela mesma a cabeça dele. Nas semanas seguintes, Mathilde passeia com Julien no jardim, lê Brantôme e D'Aubigné e confessa amar o século das guerras da Liga Santa, enquanto Julien oscila entre suspeitar de uma mistificação e achar que ela o corteja.

Mathilde já viu nessa história, antes de Julien chegar à casa, o modelo de amor que aceita: "As guerras da Liga Santa são os tempos heroicos da França [...] Cada um então lutava para conseguir aquilo que desejava [...] Amo aquele século." Ao que Julien completa, sem se dar conta do efeito, "Cujo herói foi Boniface de La Mole". Mathilde responde: "Pelo menos ele foi amado como se deve ser. Que mulher hoje não teria horror de tocar na cabeça do amante decapitado?"

Mathilde não descobre Julien por acaso: ela já tinha, havia anos, um roteiro pronto (a paixão que desafia a morte, o herói decapitado, a rainha corajosa) e passa os capítulos 1 a 15 do Livro II procurando um ator para o papel que falta. Julien é escolhido porque parece o único homem à sua volta capaz de recusar o script do casamento de conveniência.

O episódio é histórico (D'Aubigné e Brantôme confirmam o amor de Margarida e La Mole, nota 89 do tradutor); a lenda da cabeça enterrada por Margarida é o núcleo que Alexandre Dumas vai transformar, quinze anos depois, em *A rainha Margot*.

Cap. X. Julien olhando Mathilde: “Meu Deus, como é bela! Como seus grandes olhos azuis me agradam, vistos de perto e fitando-me como sempre fazem! Que diferença entre essa primavera e a do ano passado, quando eu vivia infeliz, sustentando-me na força da vontade, em meio a trezentos hipócritas sujos e malvados! Eu era quase tão mau quanto eles.”

Cap. X. Nota 88 da edição, sobre a origem histórica da rainha Margarida: “Os acontecimentos narrados em seguida são rigorosamente históricos. As aventuras e os amores de La Mole e Coconasso serviram de mote, quinze anos depois de lançado o livro de Stendhal, para o romance *A rainha Margot*, de Alexandre Dumas.”

Para pensar: Mathilde, de luto no dia 30 de abril, diz amar o século das guerras da Liga Santa e lamenta que nenhuma mulher de hoje tocaria na cabeça do amante decapitado. O que ela procura numa história

de séculos atrás, e o que o presente lhe nega?

Para pensar: Julien compara a primavera atual à do ano anterior, vivida entre trezentos hipócritas, e acrescenta: "Eu era quase tão mau quanto eles". O que essa autoavaliação revela do modo como ele julga o próprio passado?

LIVRO II - CAPÍTULO II: O IMPÉRIO DE UMA MOÇA

Mathilde de La Mole reina sobre o salão por epigramas e se entedia com as cartas todas iguais que recebe de Croisenois, Caylus e dos outros, e as compara, desfavoravelmente, aos atos de grandeza do tempo do Império. Ao se divertir passeando com **Julien Sorel**, decide, num lampejo de alegria, que está amando, e conclui que só um amor heroico a livrará do tédio de sua classe.

O amor de Mathilde nasce como projeto antes de nascer como sentimento: ela decide amar porque precisa de uma grande paixão para escapar do tédio de sua classe, e só depois de decidir escolhe o objeto que melhor cumpre os requisitos (pobreza, orgulho, energia, ausência de nascimento). É a mesma lógica fria do salão, voltada contra o próprio salão.

Cap. XI. Mathilde, ao decidir que ama Julien: "Tenho a felicidade de amar!, pensou, um dia, com um arroubo de incrível alegria. Estou amando, estou amando, é claro!"

Para pensar: Depois de se divertir passeando com Julien, Mathilde decide, num "arroubo de incrível alegria", que está amando. Dá para chamar de amor um sentimento que nasce como decisão?

Para pensar: Mathilde se entedia com as cartas todas iguais de Croisenois, Caylus e dos outros, e as compara, desfavoravelmente, aos atos de grandeza do tempo do Império. O que o tédio dela revela sobre o que a sua classe perdeu, e por que o remédio é procurado no passado?

LIVRO II - CAPÍTULO 12: SERÁ UM DANTON

Mathilde de La Mole imagina o amor por **Julien Sorel** como o de Margarida de Valois por La Mole, sem contrato nem tabelião, e conclui que, se ele fosse nobre, seria apenas uma aliança desigual. No dia seguinte, ao elogiá-lo para Croisenois e Norbert, ouve do irmão que, se a revolução recomeçar, Julien os mandará à guilhotina; depois do susto, ela decide que é o maior dos elogios ("Será um Danton!"). Quando Caylus e os outros atacam Julien, ela os desmonta, e a incerteza se ama ou não passa a ocupar seus dias e a expulsar o tédio.

Se, apesar de sua pobreza, Julien fosse nobre, meu amor não passaria de uma tolice vulgar, apenas uma aliança desigual; isso eu não aceitaria; não haveria o que caracteriza as grandes paixões: a enorme dificuldade a ser vencida e a obscura incerteza dos acontecimentos.

Para pensar: Mathilde pensa que, se Julien fosse nobre, o amor dela seria "uma aliança desigual", sem "a enorme dificuldade a ser vencida" que caracteriza as grandes paixões. Por que ela precisa de obstáculo para amar, e o que isso diz sobre a natureza da paixão dela?

Para pensar: Ao ouvir do irmão que, se a revolução recomeçar, Julien os mandará à guilhotina, Mathilde decide que é o maior dos elogios ("Será um Danton!"). O que a leva a tomar por elogio aquilo que ameaça a própria classe?

LIVRO II - CAPÍTULO 13: UMA CONSPIRAÇÃO

Julien Sorel volta a surpreender Norbert e Mathilde de La Mole falando dele e suspeita de uma mistificação; descobre, com fios de crina sobre os volumes de Voltaire, que alguém na casa os lê às escondidas, e passa a ver em Mathilde uma Catarina de Médici. Decidido a partir para o Languedoc, recebe dela, na véspera, uma declaração de amor, e a alegria de ter vencido Croisenois não o impede de temer uma armadilha: adia a viagem, manda copiar a carta e envia o original, escondido numa Bíblia, a um empregado de Fouqué. Responde a Mathilde com a prudência de um diplomata e vai à Ópera.

Julien só consegue admirar Mathilde depois de a transformar, na imaginação, numa Catarina de Médici, isto é, depois de vesti-la com o mesmo molde de cálculo e perversidade que ele aprendeu a temer e a respeitar em Maslon, Abade de Frilair e Castanède no seminário (ver *O seminário de Besançon*). Ele não sabe amar sem primeiro desconfiar.

Cap. XIII. Julien: "Que bobagem; cada um por si nesse deserto de egoísmo que chamam de vida."

Cap. XIII. Julien, ao receber a declaração, pensando em Croisenois: "nossos méritos, os meus e os do marquês, foram sopesados, e o pobre carpinteiro do Jura venceu."

Para pensar: Julien só consegue admirar Mathilde depois de imaginá-la como uma Catarina de Médici, e, ao receber a declaração, teme uma armadilha, manda copiar a carta e envia o original escondido numa Bíblia. O que o impede de aceitar ser amado?

Para pensar: Ao receber a declaração, Julien pensa que "o pobre carpinteiro do Jura venceu", e antes repetia que cada um é por si "nesse deserto de egoísmo que chamam de vida". Que tipo de vitória ele sente, e sobre quem?

LIVRO II - CAPÍTULO 14: PENSAMENTOS DE UMA MOÇA

Mathilde de La Mole escreveu depois de lutar contra o orgulho e contra o medo da desonra, e teme sobretudo desagradar a Julien Sorel. Para forçar o desfecho, ele manda descer à noite uma mala pesada; de manhã entrega a resposta, e ela se recusa a ouvi-lo e foge. Julien escreve então uma segunda resposta, zombeteira, anunciando a partida, que Mathilde recebe na escada de olhos risonhos. Às cinco horas ela lhe atira um bilhete: "Preciso falar-lhe: devo lhe falar esta noite [...] Pegue a grande escada do jardineiro perto do poço; coloque-a contra minha janela e suba até meu quarto."

Cap. XIV. Mathilde, sobre a coragem dos pretendentes: "Desafiam o perigo à frente de um esquadrão brilhante de aço, mas, e o perigo solitário, singular, imprevisto, verdadeiramente torpe?"

Cap. XIV. Mathilde, diante do poder que daria a Julien: “Quais serão suas pretensões, se algum dia tiver todo o poder sobre mim? Pois bem! Direi como Medeia: Em meio a tantos perigos, resta-me EU.”

Para pensar: Mathilde pensa que os pretendentes desafiam o perigo "à frente de um esquadrão brilhante de aço", mas recuam diante do "perigo solitário, singular, imprevisto". Que tipo de coragem ela cobra deles, e será que ela própria a tem?

Para pensar: Mathilde imagina que, se Julien um dia tiver todo o poder sobre ela, dirá como Medeia: "resta-me EU". O que essa citação diz da imagem que ela faz de si mesma e do tipo de entrega que aceita?

LIVRO II - CAPÍTULO 15: SERÁ UMA CONSPIRAÇÃO

Julien Sorel lê o bilhete como possível armadilha e oscila ao longo da tarde: recusar seria uma covardia aos olhos de Mathilde de La Mole e aos seus. Copia as duas últimas cartas, esconde as cópias num volume de Voltaire, leva os originais ao correio e escreve a Fouqué instruções para publicar um relato se lhe acontecer algo. No jantar, com medo, estuda o rosto dos criados e a palidez de Mathilde; examina o peso da escada e passa uma noite horrível.

Cap. XV. Julien evoca o Cid, de Corneille, na voz do velho d. Diego: “Mas a honra é só uma!”

Cap. XV. Julien diante do convite de Mathilde: “se recusar, eu mesmo vou me desprezar depois. Por toda a vida pensarei nessa história com alguma dúvida e, para mim, uma dúvida assim é a mais humilhante das desgraças. Não foi o que passei por causa do amante de Amanda? Acho que me perdoaria mais facilmente um crime bem claro; uma vez confessado, não pensaria mais nisso.”

A mesma lógica de honra aristocrática que ele despreza no salão é o que, no fim, o empurra escada acima.

Ele decide ir, comparando o risco ao de um duelo:

há defesa para tudo, como diz meu mestre de armas; mas Deus, que quer acabar logo com isso, faz com que um dos dois se esqueça de se defender.

Cap. XV. Julien vendo Mathilde pálida: “Ele quase se apaixonou. Pallida morte futura,¹⁰⁴ pensou. (Sua palidez anuncia seus grandes desígnios.)”

Cap. XV. Nota 104 da edição: “Citação da Eneida, de Virgílio.”

Para pensar: Julien pensa que, se recusar o convite, se desprezará depois, pois "uma dúvida assim é a mais humilhante das desgraças". A honra que ele despreza no salão é a mesma que o empurra escada acima, e o que isso diz sobre os valores dele?

Para pensar: Julien compara o risco da noite a um duelo: "há defesa para tudo, como diz meu mestre de armas; mas Deus [...] faz com que um dos dois se esqueça de se defender". O que essa imagem diz de como ele entende o amor?

LIVRO II - CAPÍTULO 16: UMA HORA DA MANHÃ

Desconfiado de uma emboscada, **Julien Sorel** faz um reconhecimento militar do jardim e, à uma e cinco da madrugada, sobe a escada até o quarto de **Mathilde de La Mole**, de pistola na mão, mais assustado que apaixonado. A cena é friíssima: Mathilde negocia a escada e a corda com sangue-frio de estrategista, e Julien não sente ternura: percebe que não triunfa sobre Croisenois, apenas o sucede, e só chega, pela razão, à alegria do amor-próprio. Ela cumpre a resolução que tomara, a de pertencer a ele inteiramente se ele ousasse chegar até ali, e a noite termina sem queixa nem ternura. Julien só escapa depois de esperar de pé num armário de acaju, quando a mãe de Mathilde se levanta, e cavalga pela floresta mais espantado que feliz.

O narrador marca a diferença explicitamente, e é o eixo de todos os capítulos 16 a 30 do Livro II: o que aconteceu ali não foi a volúpia da alma que Julien conheceu junto da **Madame de Rênal**, foi dever para ela e ambição para ele.

Não era, é verdade, aquela volúpia da alma que encontrara algumas vezes junto da sra. de Rênal. Nada havia de terno em seus sentimentos nesse primeiro momento. Era a alegria mais viva da ambição, e Julien era sobretudo ambicioso.

Mathilde, do lado dela, está cumprindo um roteiro que se impôs a si mesma, e o narrador não deixa dúvida.

Na verdade, seu entusiasmo era um pouco deliberado. O amor apaixonado, mais do que uma realidade, ainda era um modelo que se imitava.

Para pensar: Se os dois sabem, cada um a seu modo, que estão representando um papel, o que resta para chamar aquilo de amor, e por que o texto ainda insiste em chamar?

Para pensar: Julien pensa que não está triunfando sobre Croisenois como imaginava, que "apenas vou sucedê-lo", e logo se consola com a raiva que o rival sentirá por ter um sucessor. De que a vaidade dele se alimenta mais, do amor de Mathilde ou da derrota dos outros?

LIVRO II - CAPÍTULO 17: UMA VELHA ESPADA

Mathilde de La Mole não aparece ao jantar e, nos dias seguintes, finge não ver **Julien Sorel**, que procura o motivo e conclui que não é escrúpulo religioso, é interesse de casta.

Nas situações cotidianas ela não acredita em religião, Julien pensou, apenas aprecia sua grande utilidade junto aos interesses de sua casta.

Brigam de vez na sala de jogos, e Julien, que só então descobre amá-la, decide partir para o Languedoc e reserva lugar na mala-posta. Ao esperar o marquês na biblioteca, encontra Mathilde e lhe pergunta se não o ama mais, e ela responde que tem horror de ter se entregado ao primeiro que apareceu.

Julien se lança sobre uma velha espada medieval que enfeita a biblioteca, e o efeito sobre Mathilde é o oposto do que se esperaria: ao vê-lo recuar, lembrando do **Marquês de La Mole**, seu benfeitor, e pendurar a arma de volta com um gesto lento, ela o fita sem ódio e foge, com medo de recair.

A cena convoca, sem nomear, a memória de sangue da própria família de Mathilde: o século de Carlos IX e Henrique III é o século em que um antepassado dos La Mole foi decapitado por conspirar contra o trono, e é exatamente esse imaginário de morte nobre que a excita.

Então estive a ponto de ser morta por meu amante!, dizia consigo. Essa ideia a transportava para os belos tempos do século de Carlos IX e de Henrique III.

O marquês, informado da partida, manda que Julien nunca fique mais de duas ou três horas ausente e o declara detido na mansão.

Para pensar: Por que quase ser morta reacende o desejo de Mathilde com mais força do que qualquer declaração de amor teria?

Para pensar: Julien conclui que, para Mathilde, a religião serve aos "interesses de sua casta". Ele, que usou a batina como disfarce, está em condições de julgá-la, e o que o seu diagnóstico diz sobre ele?

LIVRO II - CAPÍTULO 18: MOMENTOS CRUÉIS

Encantada por ter estado a ponto de ser morta, **Mathilde de La Mole** procura **Julien Sorel** depois do jantar e o leva a passear no jardim, onde passa a lhe fazer confidências sobre os rapazes por quem sentiu entusiasmo, Croisenois, Caylus e Luz. Não é só confissão, é prazer de vê-lo sofrer: ao falar, ela redescobre em si um resto de inclinação por eles, e Julien a ouve na mesma alameda onde esperara soar uma hora para entrar no quarto dela. A intimidade cruel dura oito dias.

Um dia, desvairado de amor e de dor, Julien lhe diz que ela já não o ama mais, ele que a adora, e comete o que o narrador chama de pior tolice possível.

Suas palavras tão francas, mas tão estúpidas, mudaram tudo num átimo: Mathilde, com a certeza de ser amada, desprezou-o por completo.

Julien passa a evitá-la e a vigiá-la de uma janelinha em cima da mansão, de persiana fechada, enquanto o **Marquês de La Mole** o julga doente. Uma brincadeira do marquês sobre a próxima viagem dele faz Mathilde pensar que ele pode partir por muito tempo, e ela, sem poder voltar aos rapazes brilhantes, calcula que ao lado de um homem como Julien, a quem só falta a fortuna que ela tem, desempenhará um grande papel.

Para pensar: Por que a declaração mais franca de Julien, a que deveria comovê-la, faz Mathilde passar do prazer de torturá-lo ao desprezo?

Para pensar: Julien ouve as confidências de Mathilde na mesma alameda onde esperara soar uma hora para entrar no quarto dela e depois a vigia por uma janelinha, de persiana fechada. O que o faz aceitar o papel de ouvinte e de vigia, e o que isso mostra do poder que ela tem sobre ele?

LIVRO II - CAPÍTULO 19: A ÓPERA BOUFFE

Sozinha, Mathilde de La Mole reconstrói para si mesma, com argumentos, por que valeu a pena ter cedido: não foram o bigode nem a elegância de Julien Sorel a cavalo, foram as ideias dele sobre o futuro da França e a revolução inglesa de 1688.

Ela chega a se imaginar como a sra. Roland ao lado de um Julien no papel de Roland, o casal girondino que a Revolução Francesa destruiu em 1793.

Se houver uma revolução, por que Julien Sorel não faria o papel de Roland e eu, aquele da sra. Roland?

Cap. XIX. Nota 108 da edição, sobre os Roland: “O político e economista Jean-Marie Roland (1734-93), líder dos girondinos, casou com Manon Roland (1754-93), ela também importante figura da Revolução Francesa. Foi ela que, antes de ser guilhotinada, disse a famosa frase: “Oh, liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!””

No meio de tanto cálculo, um gesto escapa ao controle: rabiscando distraída, Mathilde desenha sem querer o perfil de Julien.

Um dos perfis que acabara de fazer espantou-a, maravilhou-a: era impressionantemente parecido com Julien. É a voz do céu! Eis um dos milagres do amor, exclamou extasiada, sem que o suspeitasse, fez seu retrato.

Para pensar: Esse desenho involuntário é a prova de que existe, afinal, alguma coisa espontânea sob o cálculo, ou é só mais um material que a própria Mathilde vai usar para se convencer de sua paixão?

Na Ópera italiana, uma ária cantada sobre melodia digna de Cimarosa, em que a heroína diz que deve ser punida por amar demais, a arreata. Em casa, alegando febre, ela repete a cantilena ao piano pela noite e conclui ter vencido a própria paixão.

Mas o próprio texto avisa o leitor: esse amor é antes de tudo cerebral, e o narrador dá a ele um nome técnico.

O amor cerebral é sem dúvida mais espírituoso que o verdadeiro amor, mas só tem alguns instantes de entusiasmo; ele se conhece demais, ele se julga sem cessar; em vez de extraviar o pensamento, só se constrói por força dos pensamentos.

Cap. XIX. O narrador, em defesa do romance: “Pois bem, senhor, um romance é um espelho que se leva ao longo de uma grande estrada. Tanto pode refletir, a seus olhos, o azul do céu como a imundície do lamaçal da estrada. Por acaso o homem que leva o espelho em sua bagagem poderia ser acusado de imoral? O espelho mostra a sujeira e o senhor acusa o espelho? O senhor deveria acusar o longo caminho onde se forma o lamaçal e, sobretudo, o inspetor das estradas que deixa a água apodrecer e o lodo se acumular.”

No dia seguinte Mathilde se empenha em desagradar a Julien em tudo, e ele, sem entender a manobra, chega a pensar no suicídio. Quando soa uma hora, ele torce um elo da corrente que prende a escada

do jardineiro e sobe de novo ao quarto de Mathilde, que se lança em seus braços, jura servidão e, depois que ele desce, lhe atira da janela uma mecha de cabelo cortada como sinal de obediência. É a segunda vitória e o segundo desmoronamento: no almoço do dia seguinte, penteada para mostrar o corte, ela o chama de meu senhor, e no outro, penteada para escondê-lo, o trata com olhos educados e calmos.

Para pensar: O narrador defende que "um romance é um espelho que se leva ao longo de uma grande estrada" e que se deve acusar o lamaçal, não o espelho. Que responsabilidade ele recusa, qual assume, e como isso se aplica ao que o leitor acabou de ler sobre Mathilde e Julien?

LIVRO II - CAPÍTULO 20: O VASO JAPONÊS

À noite, **Mathilde de La Mole** recompõe a roda de Croisenois, Luz e Caylus em torno do canapé azul e evita o jardim, que lhe lembra **Julien Sorel**, a quem ninguém dirige a palavra no salão. Uma manhã, às sete, ela entra na biblioteca depois de saber que ele queria lhe falar e declara que não o ama mais, humilhando-o com um desprezo calculado enquanto ele tenta em vão se justificar.

No dia seguinte, ao apanhar para a sra. de La Mole uma brochura rara, Julien derruba um velho vaso de porcelana azul, antiguidade japonesa de família, e, diante de Mathilde, o lê como imagem do próprio amor.

Julien a Mathilde, diante do vaso quebrado: "está destruído para sempre, assim como o sentimento que um dia imperou em meu coração; peço-lhe que aceite minhas desculpas por todas as loucuras que ele me levou a fazer"

A sra. de La Mole comenta que o sr. Sorel parece orgulhoso e satisfeito com o estrago, e Mathilde reconhece nisso o sentimento que o anima, o que põe fim à alegria que a cena da biblioteca lhe dera. Julien, em vez de esfriar, vê o amor crescer, e vinte e quatro horas depois do vaso é um dos homens mais infelizes que existem.

Para pensar: Diante do vaso quebrado, Julien diz a Mathilde que ele "está destruído para sempre, assim como o sentimento que um dia imperou em meu coração". Ele fala a verdade, mente, ou usa a mentira para dizer a verdade?

Para pensar: A sra. de La Mole comenta que Julien parece orgulhoso e satisfeito com o estrago, e Mathilde reconhece nisso o sentimento que o anima. Por que o orgulho dele, e não o sofrimento, é o sinal que ela sabe ler?

LIVRO II - CAPÍTULO 21: A NOTA SECRETA

O **Marquês de La Mole**, rejuvenescido, testa a memória de **Julien Sorel** e lhe dá uma missão: decorar o resumo do que for dito numa reunião secreta e levá-lo, em quatro páginas, a uma figura importante, sem ser notado por ninguém. Julien prova a memória recitando a primeira página do La Quotidienne e se veste de modo antiquado para a ocasião.

A ordem sobre o que Julien fará naquele salão é dada sem rodeios.

vou levá-lo a um salão onde doze pessoas estarão reunidas; o senhor deverá anotar o que cada um disser.

De fiacre, sem saber a rua, ele chega a um salão forrado de veludo verde, onde se reúnem aos poucos um homem enorme que não é nomeado, um presidente de olhos de javali e o jovem bispo de Agde, que o reconhece da cerimônia de Bray-le-Haut e o embaraça. Sem ordem do marquês, Julien aponta penas para disfarçar e ouve, constrangido, coisas bem estranhas.

Para pensar: O marquês testa a memória de Julien com um número inteiro do La Quotidienne, até os anúncios, antes de lhe confiar uma missão secreta. Por que o talento que serviu à hipocrisia no seminário é agora o que o torna útil à conspiração, e o que o marquês arrisca ao confiar nele?

Para pensar: No salão da reunião, Julien observa que pessoas "de fisionomia tão medíocre" são incumbidas de "interesses tão elevados". O que o contraste entre rostos e missões sugere sobre o poder que ele vê pela primeira vez de perto?

LIVRO II - CAPÍTULO 22: A DISCUSSÃO

Cap. XXII. Esse trecho de Napoleão, tirado de *O Memorial de Santa Helena*, é a epígrafe do capítulo XXII, "A discussão", e vem assinado "NAPOLEÃO, MEMORIAL":

Em Paris, obtém-se consideração pela carruagem, não pela virtude.

O duque chega, repreende o laçao e abre a sessão: **Julien Sorel** recita a primeira página do jornal, é mandado ao aposento vizinho e chamado de volta para anotar o que cada um disser, numa ata que chega a vinte e seis páginas. No meio dela, o narrador interrompe o relato num diálogo fingido entre autor e editor sobre o lugar da política no romance.

"A política", continua o autor, "é uma pedra amarrada no pescoço da literatura e que, em menos de seis meses, a faz submergir. A política, entre os interesses da imaginação, é um tiro de pistola no meio de um concerto. Esse ruído é dissonante sem ser enérgico. Não se harmoniza com o som de nenhum instrumento. Essa política vai ofender mortalmente metade dos leitores e aborrecer a outra metade, que a achou bem mais interessante e vibrante no jornal da manhã." "Se seus personagens não falarem de política", continua o editor, "não serão mais franceses de 1830, e seu livro não será mais um espelho conforme o senhor queria..."

É a chave que autoriza a leitura política do romance inteiro: o próprio livro admite, por dentro, que sem a conspiração do marquês, sem o salão que despreza ideias, sem a carreira que Julien constrói servindo a esse mundo, os personagens deixariam de ser franceses de 1830 e o romance deixaria de ser o espelho que o autor queria construir.

O relator, homem de ar paternal e vários coletes, expõe que a Inglaterra, arruinada pelos quarenta bilhões gastos contra a revolução, já não tem dinheiro para pagar uma nova campanha das potências do continente, e é interrompido por um general que serviu a Napoleão e agora cobiça uma

condecoração. O **Marquês de La Mole** toma a palavra, cobra do general ao menos uma companhia de homens prontos a lutar pela causa e propõe formar em cada departamento uma tropa de quinhentos homens devotados, metade deles fidalgos, paga com um quinto da renda de cada nobre.

É o retrato mais explícito do romance sobre a conspiração ultrarrealista da Restauração: o marquês trata a defesa do trono como questão de tropa própria, e não de ideias.

Que cada um de nós sacrifique um quinto de seus rendimentos para formar essa pequena tropa devotada de quinhentos homens por departamento.

Um clérigo de alta dignidade corta o debate, pedindo que cessem as verdades desagradáveis, e o nome do duque, apresentado como o cirurgião do doente, é enfim dito.

Para pensar: No meio da ata, o narrador interrompe o relato para dizer que a política num romance é "um tiro de pistola no meio de um concerto", e o editor responde que sem ela os personagens não seriam mais franceses de sua época. A quem o livro dá razão, e o que essa discussão diz sobre o romance que se está lendo?

Para pensar: O marquês propõe formar em cada departamento uma tropa de quinhentos homens devotados, metade deles fidalgos, paga com um quinto da renda de cada nobre. O que o plano revela do que ele entende por defender o trono, e quem fica de fora dessa defesa?

LIVRO II - CAPÍTULO 23: O CLERO, OS BOSQUES, A LIBERDADE

Na continuação da reunião, um cardeal sustenta que não se forma na França um partido armado sem o clero, ao qual é preciso conceder tudo, a começar pelos bosques.

O cardeal: "Cinquenta mil padres repetem as mesmas palavras no dia indicado pelos chefes, e o povo, que, afinal de contas, fornece os soldados, há de se comover mais com a voz de seus padres do que com os versinhos do mundo"

O primeiro-ministro, sr. de Nerval, que o cardeal quer fora do ministério, declara que tem uma missão do céu e a cumprirá, e sai às quinze para as duas depois de estudar o rosto de **Julien Sorel** num espelho. O jovem bispo de Agde propõe, com ardor de fanático, imolar Paris, e a reunião termina às três da manhã.

O documento final dessa noite tem nome, e é o que dá título ao capítulo XXI.

A nota secreta que o marquês redigiu, baseada na longa ata de vinte e seis páginas escrita por Julien, só ficou pronta às quinze para as cinco.

No dia seguinte Julien parte sozinho numa caleche, com passaporte falso, e assim que sai da vista do **Marquês de La Mole** só pensa no desprezo de **Mathilde de La Mole**. Num vilarejo perto de Metz o encarregado da posta alega não haver cavalos, e o cantor napolitano Geronimo, que Julien encontra na cozinha da estalagem, lhe revela que há mais de doze escondidos. À noite o padre Castanède, ao lado do encarregado da posta, revista a bagagem e os bolsos de Julien, que finge dormir, enquanto o

cantor, que bebera o vinho adulterado com láudano, fica meio asfixiado. Julien parte só, recita as quatro páginas ao grande personagem num café de última categoria, recebe a ordem de estar de novo ali no dia 22 e segue para Estrasburgo, onde o padre Castanède, chefe da polícia da congregação na fronteira, não o reconhece.

Para pensar: O marquês confia a Julien a missão que nem o próprio filho saberia cumprir, decorar quatro páginas e percorrer cem léguas sem ser descoberto, mas nunca o convida a opinar sobre a conspiração, só a transportá-la: o que isso diz sobre o lugar que a política reserva ao mérito de Julien, mesmo quando esse mérito é indispensável?

Para pensar: O cardeal sustenta que sem o clero não se forma na França um partido armado e que é preciso conceder-lhe tudo: "Cinquenta mil padres repetem as mesmas palavras no dia indicado pelos chefes". O que o cardeal entende por força, e como isso conversa com a Igreja que Julien conheceu até aqui?

LIVRO II - CAPÍTULO 24: ESTRASBURGO

Obrigado a esperar oito dias em Estrasburgo, Julien Sorel só encontra em sua alma Mathilde de La Mole, senhora de sua felicidade e de sua imaginação. Passeando a cavalo perto de Kehl, reencontra o príncipe Korasoff, o amigo de Londres que o iniciara nas regras da fatuidade, e, ao confessar estar apaixonado e rejeitado, recebe dele a receita: ver a amada todos os dias sem parecer frio nem zangado, cortejar uma mulher das relações dela sem dar sinal de paixão e reservar a paixão ardente para as cartas, que Korasoff lhe fornece prontas.

O método de Korasoff é o oposto exato do que funcionou com a Madame de Rênal: ali Julien venceu pela sinceridade involuntária de um rapaz pobre e orgulhoso; aqui ele só consegue segurar Mathilde fingindo, com técnica de terceiro, o desapego que nunca sentiu.

lembre-se do grande princípio do século: mostre-se o contrário do que esperam do senhor. Aja exatamente tal como agia oito dias antes de ser honrado com seus favores.

"A vida do homem oscila, como uma pêndula, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos."

Dores do Mundo - Parte 1 - As dores do mundo

Korasoff fornece até o material bruto da farsa, cinquenta e três cartas de amor já escritas, prontas para qualquer tipo de mulher.

Tenho aqui comigo seis maços de cartas de amor manuscritas. Há carta para todo tipo de mulher, inclusive para a de mais elevada virtude.

Julien recusa a prima rica que Korasoff lhe oferece em casamento, mas aceita o método inteiro: o alvo falso será a marechala de Fervaques, dama devota e viúva que frequenta a casa de La Mole. Com a resposta à nota secreta, ele volta a Paris.

Para pensar: Um método de sedução copiado de um estrangeiro que nunca amou ninguém a sério pode produzir amor de verdade em quem o aplica, ou só produz mais um personagem para Julien representar?

Para pensar: Korasoff oferece a Julien a mão de uma prima rica de Moscou e a promessa de fazê-lo coronel em dois anos, e Julien pensa: "Não me casarei com os milhões que Korasoff me oferece", mas segue os conselhos dele. Que ambição ele recusa aí, e qual preserva?

LIVRO II - CAPÍTULO 25: O MINISTÉRIO DA VIRTUDE

De volta a Paris, **Julien Sorel** relata a missão ao **Marquês de La Mole** e corre à casa do conde Altamira, que o leva a d. Diego Bustos, ex-pretendente da marechala de Fervaques. Os dois liberais, Altamira e o espanhol Bustos, descrevem-na como vingativa e jesuítica, e Bustos empresta a Julien quatro cartas escritas por ela, para que conheça seu estilo.

Bustos formula o enigma de que depende, segundo ele, todo o futuro de Julien.

d. Diego Bustos, sobre a marechala: "Todo o seu futuro, senhor apaixonado, depende deste grande problema: será uma beata cansada de seu ofício e má por ser infeliz?"

Julien segue à risca a orientação do príncipe: veste-se de modo simples, observa as mãos de **Mathilde de La Mole**, que tremem ao vê-lo, e se instala junto da marechala de modo que Mathilde não veja seus olhos. À noite vai à Ópera Bouffe, a um camarote ao lado da marechala, e passa a manter um diário do cerco. Mathilde, que o esquecera durante a viagem e se dispunha a aceitar o casamento com o marquês de Croisenois, muda de ideia ao vê-lo: se voltar às convenções, é com Julien que deve se casar.

Nos dias seguintes, a intriga do cordão azul aproxima a marechala do marquês de La Mole, que pode vir a ser ministro, e Julien, que então poderia esperar um bispado, só pensa em reconquistar Mathilde em cinco ou seis anos de desvelos.

Para pensar: Bustos formula o enigma de que dependeria todo o futuro de Julien: a marechala seria "uma beata cansada de seu ofício e má por ser infeliz"? Por que Julien aceita basear um plano de conquista no retrato que dois adversários dela fazem?

Para pensar: Mathilde, que o esquecera durante a viagem e se dispunha a aceitar o casamento com Croisenois, muda de ideia assim que vê Julien de novo. O que a faz desejar de novo quem parece não desejá-la, e o que isso mostra sobre o amor dela?

LIVRO II - CAPÍTULO 26: O AMOR MORAL

A marechala estranha o encanto da família com o padrezinho deles, que só sabe prestar atenção, e **Julien Sorel** vê nela um exemplo de calma patricia, incapaz de emoção viva. Quando **Mathilde de La Mole**, intrigada com a constância com que ele se esconde dela, se muda para uma mesinha ao lado da poltrona de Fervaques, Julien fala muito bem, mas só para atingir a alma de Mathilde, e a marechala nem o acompanha. Mathilde, irritada, jura não ouvi-lo mais.

Na pasta de couro da Rússia em que Korasoff guardou as cinquenta e três cartas, Julien lê que a primeira deve ser enviada oito dias após o primeiro encontro, copia-a, cai de sono na segunda página e termina rindo da homilia sobre a virtude. Uma nota a lápis ensina o ritual da entrega.

O ritual da carta, nas instruções de Korasoff: “Levar essas cartas pessoalmente: a cavalo, de gravata preta, casaca azul. Entregar a carta ao porteiro com ar contrito; profunda melancolia no olhar. Se avistar alguma criada, enxugar os olhos furtivamente. Dirigir a palavra à criada.”

Julien cumpre tudo fielmente, e por um mês o melhor momento do seu dia é recolher o cavalo, quando a silhueta de Mathilde aparece à janela. Fervaques, à noite, age como se não tivesse recebido a carta, mas conclui que o jovem tem distinção e a unção de um Massillon.

Para pensar: A marechala acha o "padrezinho" da família encantador porque ele só sabe prestar atenção, e Julien vê nela a calma patricia de quem não conhece emoção viva. Por que a atenção silenciosa rende mais a Julien do que qualquer discurso, e o que isso diz do meio que ele quer conquistar?

Para pensar: Julien copia as cartas de Korasoff, cai de sono no meio da cópia e ri da homilia sobre a virtude, e ainda assim cumpre fielmente o ritual de entrega, com ar contrito. O que acontece com uma pessoa que executa um papel que ela mesma acha ridículo?

LIVRO II - CAPÍTULO 27: OS MELHORES CARGOS DA IGREJA

Pela primeira vez a ideia de bispado se associa ao nome de **Julien Sorel**, na cabeça de uma mulher que um dia distribuirá os melhores cargos da Igreja. Julien copia a segunda carta sem pensar no sentido e percebe que as cartas da própria marechala, que Bustos lhe emprestara, são igualmente vagas: só enxerga ali um medo abominável do ridículo. Durante quinze dias repete o ritual de transcrever, entregar a carta e recolher o cavalo na esperança de ver o vestido de **Mathilde de La Mole**, enquanto suas frases pitorescas e sentimentais ganham torneado mais refinado.

Quando Fervaques o convida para jantar, Julien encontra no salão três dos presentes à redação da nota secreta, entre eles o bispo tio da marechala, que distribui os benefícios e nada lhe recusa. O jantar é medíocre e a conversa exasperante.

Cap. XXVII. No jantar da marechala, sobre a conversa à mesa: “Depois de escutar uns três minutos, nos perguntamos o que é pior, se a grandiloquência de quem fala ou a sua abominável ignorância.”

Pelas maledicências do pequeno Tanbeau, que se desfaz em calúnias contra ele, Julien intui pela primeira vez que a marechala, sem responder, vê com indulgência o sentimento que as cartas ditam. O **Abade Pirard** lhe faz longos sermões sobre o sucesso, porque o austero jansenista rivaliza com o salão jesuítico, restaurador e monárquico da marechala.

Para pensar: Julien se aproxima do que sempre quis, uma mulher cujo tio bispo distribui os melhores cargos da Igreja, e o jantar é medíocre e a conversa exasperante. O que a distância entre o prêmio e o prazer diz sobre a ambição dele?

Para pensar: Lendo as cartas vagas da marechala, Julien conclui que "só o que percebo de verdadeiro é um medo abominável do ridículo". O que o medo do ridículo explica sobre a alta sociedade que ele quer conquistar?

LIVRO II - CAPÍTULO 28: MANON LESCAUT

As instruções de Korasoff mandam nunca contradizer de viva voz a pessoa a quem se escreve. Numa noite na Ópera, no camarote de Fervaques, **Julien Sorel** elogia o balé de Manon Lescaut só porque o acha insignificante, e a marechala, que costuma professar desprezo pelos romances, diz que o balé é bem inferior ao livro do abade Prévost, antes de lembrar que Bonaparte o julgou escrito para os lacaios. Julien deduz que alguém quis comprometê-lo junto à marechala, falando-lhe de seu entusiasmo por Napoleão, e na despedida ouve o recado.

Cap. XXVIII. A marechala de Fervaques a Julien, na Ópera: “Quando se despidia da marechala no vestíbulo da Ópera, ela disse: — Lembre-se, senhor, que quem me ama não deve amar Napoleão; pode no máximo aceitá-lo como uma necessidade imposta pela Providência. De resto, aquele homem não tinha a alma suficientemente elegante para sentir as obras-primas das artes.”

Ele continua copiando as cartas de Korasoff sem prestar atenção ao que transcreve, e o texto expõe o mecanismo com uma piada cruel.

Copiando distraído, Julien esquece de trocar as cidades do original por equivalentes parisienses, e a marechala percebe.

tinha copiado linha por linha, sem prestar atenção no que escrevia e, aparentemente, esquecer de substituir as palavras "Londres" e "Richmond", que constavam do original, por "Paris" e "Saint-Cloud".

Julien se salva com uma frase sobre a distração de sua alma exaltada, e a marechala, impressionada com o contraste entre a levandade da conversa e a profundidade quase apocalíptica das cartas, não o abandona. **Mathilde de La Mole**, que se esforça por não pensar nele, impressiona-se com a perfeita falsidade dele, um maquiavelismo que a espanta, e Julien, que a vê todos os dias e sabe pelas cartas ditadas pelo **Marquês de La Mole** que ela está às vésperas de se casar com Croisenois, olha para as pistolas com carinho, mas decide seguir a política russa até o fim.

Para pensar: Se toda palavra que Julien diz à marechala é, no relato do próprio narrador, mentira ou disfarce, o que exatamente Mathilde está admirando quando se impressiona com o maquiavelismo dele?

Para pensar: A marechala diz a Julien que "quem me ama não deve amar Napoleão". Por que, num salão devoto, a admiração por Napoleão vira exame de lealdade, e o que isso muda para quem a guardava em segredo?

LIVRO II - CAPÍTULO 29: O TÉDIO

Depois de ler sem prazer as longas cartas de **Julien Sorel**, a sra. de Fervaques começa a se envolver, e o narrador dá a razão: o tédio de uma vida que só ambiciona o efeito sobre o

público.

O tédio, não a sedução, é o que abre a fechadura de Fervaques, o mesmo tédio de que **Mathilde de La Mole**, perto de Julien, se livrara desde o capítulo XII.

O tédio de um modo de vida que só ambiciona o efeito sobre o público, sem que no fundo do coração haja uma satisfação real com esse tipo de sucesso, tornara-se tão intolerável desde que pensava em Julien

Num rompante, a marechala responde a Julien, que devolve cópias fiéis das cartas russas, e ela nem nota que não há relação entre uma coisa e outra.

Mathilde encontra sobre a mesa de Julien a carta que o porteiro acabara de trazer, exige explicações, chora e, ao abrir a gaveta dele, descobre que as cartas de Fervaques dormem ali sem ser abertas.

Ficou como que gelada de horror encontrando oito ou dez cartas não abertas, em tudo semelhantes àquela que o porteiro acabara de trazer.

Antes disso, com a lembrança de Korasoff, Julien enrijecera os braços para não abraçar o corpo dócil que se oferecia a ele. Agora, caída a seus pés, ela pede perdão e diz que não pode mais viver sem seu amor, e Julien pensa:

Aí está essa orgulhosa, a meus pés!, pensou Julien.

Para pensar: O narrador atribui o envolvimento da marechala ao tédio de uma vida que "só ambiciona o efeito sobre o público". Então é o tédio, e não a sedução, que abre a fechadura de Fervaques, e o que isso diz sobre o que as cartas copiadas por Julien fazem nela?

Para pensar: Mathilde descobre na gaveta de Julien as cartas de Fervaques sem abrir e cai a seus pés, e ele pensa: "Aí está essa orgulhosa, a meus pés!". O que Julien sente nesse instante, amor, vitória ou as duas coisas, e como o texto indica?

LIVRO II - CAPÍTULO 30: UM CAMAROTE NA ÓPERA BOUFFE

Mais surpreso que feliz, **Julien Sorel** aplica a política russa, falar pouco e agir pouco, e deita **Mathilde de La Mole** de volta no divã sem dizer palavra. Ela, chorando, lhe pergunta se a marechala lhe roubou o coração e implora uma resposta. Julien diz que também tem orgulho, que pode amar a marechala e que nada lhe garante que a posição agora restituída sobreviva mais de dois dias, e ela responde oferecendo o excesso do seu amor e do seu sofrimento. Ele já ia ceder quando percebe uma verdade que o narrador nomeia.

É o contraste central dos capítulos 16 a 30 do Livro II, dito sem rodeios: a **Madame de Rênal** amava por impulso do coração; Mathilde só se permite amar depois de encontrar uma justificativa racional para o próprio sentimento, e é exatamente por isso que ela precisa de motivo (orgulho, coragem, ameaça, ciúme) a cada capítulo para se entregar de novo.

A sra. de Rênal encontrava razões para fazer o que seu coração lhe ditava; essa moça da alta sociedade só deixa o coração se comover depois de encontrar boas razões para que se comova.

Julien resiste até o limite físico do que consegue suportar, e sai da cena sem dar a ela a palavra que faltava.

Retirou as mãos que Mathilde estreitava nas suas e, com um respeito inegável, afastou-se um pouco dela. A coragem de um homem não pode ir mais além.

Para pensar: Se Julien vence por pura disciplina de método, sem sentir por um segundo o desapego que finge, essa vitória é dele ou é do príncipe Korasoff, que nunca aparece na cena?

Cap. XXX. Julien, depois de resistir a Mathilde: “Seu amor e sua felicidade aumentavam à medida que se afastava do momento da batalha; já estava se culpando. Como pude resistir-lhe?, pensava. E se ela não quiser mais me amar? Qualquer coisa pode mudar essa alma ativa e devo convir que a tratei de um modo horrível.”

À noite, Julien vai ao camarote de Fervaques na Ópera Bouffe, onde, escondido atrás dos chapéus, chora diante do desespero de Carolina no Matrimônio secreto, e a marechala, comovida, lhe diz que as sras. de La Mole estão na terceira fila. Julien vê Mathilde de olhos brilhantes de lágrimas: ela convencera a mãe a ir à Ópera para saber se ele passaria a noite com a marechala.

Para pensar: Depois de resistir a Mathilde, Julien se culpa: "Como pude resistir-lhe?". Por que o amor dele cresce à medida que se afasta do momento da batalha, e o que isso diz sobre o que ele ama nela?

LIVRO II - CAPÍTULO 31: AMEDRONTÁ-LA

No camarote da Ópera Bouffe, Mathilde de La Mole chora e pede "garantias" a Julien Sorel, que se obriga ao silêncio para não trair a própria emoção. Em casa, depois de duas horas forçando a leitura das Memórias de Santa Helena, ele decide amedrontá-la, e no dia seguinte só aparece à biblioteca às nove horas, quando ela o espera desde as oito. Mathilde se oferece para partir com ele para Londres e se perder, e Julien responde em tom glacial que não há garantia de que ela o amará por oito dias. A frieza cede junto às madressilvas do jardim, onde a lembrança do desespero passado o faz chorar, e ele disfarça o deslize dizendo que aquelas frases ternas foram elaboradas antes, para uma mulher que o amava e o aborrecia. Mathilde ri do gosto dele pela sra. de Fervaques, e o único aborrecimento dela é que ele continue copiando as cartas russas para a marechala.

Antes da frase, Julien tenta se acalmar com o livro de Napoleão, e o livro não segura a cabeça dele; é esse o livro que ele joga longe na linha seguinte.

Abriu, num gesto apaixonado, as Memórias de Santa Helena, de Napoleão, e durante duas longas horas se forçou a lê-las; apenas os olhos liam, pouco lhe importava, forçava-se.

A frase expõe o método antes de qualquer sentimento: Julien trata o próprio amor como campo de batalha porque nunca aprendeu outra gramática de vínculo.

AMEDRONTÁ-LA, exclamou de repente, jogando o livro ao longe. O inimigo só vai me obedecer à medida que eu o amedrontar, então não vai se atrever a me desprezar.

Para pensar: Depois de forçar a leitura das Memórias de Santa Helena, Julien exclama: "O inimigo só vai me obedecer à medida que eu o amedrontar". Por que ele chama Mathilde de inimigo, e o que a escolha da palavra mostra sobre como ele ama?

Para pensar: A frieza de Julien cede junto às madressilvas, onde a lembrança do desespero passado o faz chorar, e ele disfarça dizendo que aquelas frases ternas foram elaboradas antes, para outra mulher. Por que ele prefere confessar uma mentira a confessar a emoção?

LIVRO II - CAPÍTULO 32: O TIGRE

Julien Sorel só se entrega à felicidade quando Mathilde de La Mole não pode ler seu olhar, e cumpre a regra de lhe dizer de vez em quando uma palavra dura; ela, que pela primeira vez ama, é submissa com ele e cada vez mais ativa com todos os outros. Descobre-se grávida e, por honra, quer contar ao pai, e Julien, assustado, consegue com uma ordem que ela adie a carta até a terça seguinte. Ele confessa a Mathilde que o que mais teme é ser afastado dela, e ela fica feliz por julgar que, dos dois, é quem mais ama. Na terça, o Marquês de La Mole encontra à meia-noite uma carta de oito páginas, escrita para um homem impulsivo, em que a filha assume a culpa por ter seduzido o rapaz e propõe viver com ele na Suíça como sra. Sorel. Enquanto Julien se pergunta o que o marquês escreveria para prescrever sua conduta, o criado de quarto o chama às pressas: o senhor marquês está fora de si.

O capítulo abre com a imagem que lhe dá o nome: Julien convive com uma paixão que ele mesmo criou, e só a mantém dócil com a pistola carregada sobre a mesa, que é a frieza calculada.

Um viajante inglês relatou a intimidade em que vivia com um tigre; tinha-o criado e o acariciava, mas sempre mantinha em sua mesa uma pistola carregada.

A confissão que antecede esta frase, de que ficar longe dela é a única infelicidade que ele teme, é dita por um Julien desvairado de amor, e mesmo assim o narrador a chama de papel: nele, o cálculo e o sentimento deixam de se separar.

Julien incorporara seu papel com tanta aplicação que chegara a fazê-la pensar que, dos dois, era ela quem amava mais.

Para pensar: O narrador compara Julien a um viajante inglês que criou um tigre e o acariciava, "mas sempre mantinha em sua mesa uma pistola carregada". Quem é o tigre nessa imagem, quem é o viajante, e o que a pistola protege?

Para pensar: Julien incorporou tão bem o papel que Mathilde passa a achar que, dos dois, é ela quem mais ama. O que ele ganha, e o que perde, ao ser amado apenas pelo personagem que representa?

LIVRO II - CAPÍTULO 33: O INFERNO DA FRAQUEZA

O **Marquês de La Mole**, furioso e torturado pela ideia de que a filha vai se chamar sra. Sorel e não será duquesa, cobre **Julien Sorel** de insultos, e Julien responde ao modo de Tartufo. Julien escreve um bilhete de suicídio, oferece ao marquês o trabalho de matá-lo e vai ao jardim, onde descobre que ama a vida e deve mantê-la por seu filho. Na manhã seguinte, confessa tudo ao **Abade Pirard**, a quem expõe três saídas possíveis, a morte, o duelo ou o exílio, enquanto **Mathilde de La Mole**, que viu o bilhete, jura ao pai que será publicamente a viúva Sorel, manda Julien para Villequier por prudência e rejeita todos os planos de um parto clandestino. Pirard, que nesse tempo se torna o aliado mais útil de Mathilde, convence o marquês de que só um casamento público é prudente. Num momento de enternecimento o marquês manda à filha um título de dez mil libras de renda para Julien, mas a alma dele ainda não se acostuma a desistir do título de duquesa para a filha.

Epígrafe do capítulo, de Mirabeau: “Lapidando esse diamante, um joalheiro inábil apagou algumas de suas centelhas mais vivas. Na Idade Média, ou melhor, ainda no tempo de Richelieu, o francês tinha a força de vontade. MIRABEAU”

Depois do bilhete de suicídio, o primeiro motivo concreto para viver que Julien encontra é o filho que Mathilde espera, e é essa ideia nova que, segundo o narrador, faz dele uma criatura prudente.

Mas, por Deus, eu amo a vida... Devo mantê-la por meu filho.

Para pensar: Quando o marquês o cobre de insultos, Julien pensa em Tartufo, "seu mestre", cujo papel sabia de cor, e lembra que Tartufo também se perdeu por uma mulher. O que a lembrança de Tartufo revela do jeito como Julien lê a própria situação?

Para pensar: Pirard, a quem Julien expõe três saídas, a morte, o duelo ou o exílio, torna-se o aliado mais útil de Mathilde e convence o marquês de que só um casamento público é prudente. Por que o austero jansenista se empenha por essa união, e o que isso diz do que ele valoriza?

LIVRO II - CAPÍTULO 34: UM HOMEM DE ESPÍRITO

Um mês passa sem que a negociação avance, porque o **Marquês de La Mole** alterna entusiasmos de três dias e não consegue perdoar; num deles, escreve doando as terras do Languedoc, que rendem vinte mil e seiscentos francos, para a filha e para **Julien Sorel**. Escondido no presbitério do **Abade Pirard**, Julien vê **Mathilde de La Mole** quase todo dia, e a fortuna inesperada o torna ambicioso, enquanto ela, impaciente, ameaça deixar a casa paterna e se casar pelas mãos de Pirard. Depois de pensar em fazer Julien desaparecer e, no mesmo dia, em dar-lhe uma fortuna e até o pariato, o marquês envia uma patente de tenente dos hussardos para o cavaleiro Julien Sorel de La Vernaye, com ordem de partir em vinte e quatro horas para Estrasburgo. Mathilde exige que o casamento seja público dentro de um mês, mas o pai responde que se retrata de

tudo se não for obedecido, e ela cede e esconde a carta de Julien. Ao saber que é tenente e que mudou de nome, Julien conclui que seu romance está terminado.

Abstenha-se de fazer novas loucuras; eis uma patente de tenente dos hussardos para o senhor cavaleiro Julien Sorel de La Vernaye. [...] Que ele parta nas próximas vinte e quatro horas para apresentar-se em Estrasburgo, onde fica seu regimento.

O nome novo é a realização literal do projeto do livro inteiro: Julien deixa de ser Sorel, filho de carpinteiro, e vira La Vernaye, oficial. Mas o romance já deixa claro que essa vitória social não vai durar.

Afinal de contas, pensou, meu romance está terminado, e o mérito é todo meu.

Para pensar: O marquês alterna entusiasmos de três dias e não consegue perdoar: ora pensa em fazer Julien desaparecer, ora em lhe dar fortuna e até o pariató. O que o vaivém mostra da luta entre a vaidade de classe e a afeição que ele sente por Julien?

Para pensar: Ao receber a patente e o nome de La Vernaye, Julien pensa: "meu romance está terminado, e o mérito é todo meu". Por que ele chama a própria vida de romance, e o que o narrador sugere ao pôr a frase no ponto mais alto da ascensão dele?

LIVRO II - CAPÍTULO 35: UMA TORMENTA

O Abade Pirard entrega a Julien Sorel vinte mil francos do Marquês de La Mole e uma versão da origem dele em que o pai verdadeiro fica de fora. Em Estrasburgo, tenente do décimo quinto regimento de hussardos, Julien impõe respeito pela impassibilidade, já calcula o posto seguinte e manda quinhentos francos ao Abade Chélan para os pobres. Um bilhete de Mathilde de La Mole ("Tudo está perdido") o faz correr até Paris, onde ela lhe mostra a carta do marquês, que recusa o casamento com quem seduz uma moça por ser rica, e a carta da Madame de Rênal, escrita em resposta ao pedido de informações. Julien diz que o marquês é justo, deixa Mathilde na rua e parte para Verrières. Julien não responde por carta: compra pistolas, entra na igreja de Verrières (ver A igreja de Verrières) durante a missa e atira duas vezes na mulher que mais amou, errando o primeiro tiro; no segundo, ela cai.

Junto com os vinte mil francos do marquês, o Abade Pirard traz a fórmula que apaga o pai da biografia nova: o Sorel pai passa a ser só o carpinteiro que cuidou do menino.

O sr. de La Vernaye talvez julgue conveniente dar um presente ao sr. Sorel, carpinteiro em Verrières, que cuidou dele em sua infância

Em Estrasburgo, dois dias depois da patente, a vitória já não basta: "Mal se tornara tenente, por favor e havia dois dias, já calculava que para ser comandante em chefe aos trinta anos, ao mais tardar, como todos os grandes generais, era necessário ser mais do que tenente aos vinte e três anos."

“a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter, comparou a um tonel furado, por isso mesmo que nunca revela saciedade”

Górgias

O enredo de Stendhal aqui se apoia num fato real do noticiário francês dos anos 1820, o caso Antoine Berthet, cujo processo Stendhal leu na Gazette des Tribunaux e que lhe serviu de inspiração para Julien (nota 110 da edição). Para não tocar na vida privada, explica a nota final do próprio livro, o autor inventou uma cidadezinha, Verrières, e pôs o bispo, o júri e o tribunal em Besançon, cidade real onde nunca esteve.

Pobre e ambicioso, foi com a ajuda da mais consumada hipocrisia e pela sedução de uma mulher fraca e infeliz, que esse homem tentou alcançar uma posição e chegar a ser alguém.

A igreja está como Julien a viu no **capítulo 5 do Livro I**, no dia do papel sobre Louis Jenrel: as janelas cobertas de carmesim.

Julien entrou na igreja nova de Verrières. Todas as janelas altas do edifício estavam veladas por cortinas carmesim.

O tiro não é vingança fria, é o único ato do livro inteiro sem cálculo algum: a mão treme antes, "não posso, dizia consigo mesmo, fisicamente, não posso". É a explosão do que Julien reprimiu havia anos, e é também o gesto que destrói de vez a possibilidade de ascensão social, a única coisa que ele perseguira até ali.

Julien não a reconhecia mais tão bem; atirou uma vez e errou; atirou uma segunda vez, ela caiu.

Para pensar: A versão da origem de Julien combinada com o marquês deixa de fora o pai verdadeiro: Sorel passa a ser só o carpinteiro que cuidou do menino. O que a nova biografia compra, e o que ela apaga?

Para pensar: Depois de ler a carta que o descreve como "pobre e ambicioso" que tentou subir "com a ajuda da mais consumada hipocrisia", Julien compra pistolas e vai à igreja de Verrières. Por que ele responde com um tiro, e o que o gesto mostra sobre o limite do cálculo que o guiou até ali?

LIVRO II - CAPÍTULO 36: DETALHES TRISTES

Preso na própria igreja, **Julien Sorel** é levado à prisão e dorme; a **Madame de Rênal**, cuja primeira bala atravessou o chapéu e a segunda quebrou o ombro, sobrevive, e manda a criada Elisa subornar o carcereiro para que ele trate Julien com humanidade. Ao juiz, Julien declara a premeditação e diz merecer a morte; depois escreve a **Mathilde de La Mole** uma carta de despedida em que lhe proíbe responder e a manda casar-se com Croisenois um ano após sua morte. Só quando o carcereiro Noiroud lhe conta que a sra. de Rênal não morreu, Julien cai de joelhos, chorando, e começa a se arrepender. Transferido à noite para Besançon, é alojado no alto de um torreão gótico, onde, sem ambição, pensa na sra. de Rênal e descarta por ora o suicídio, porque Napoleão viveu.

Julien trata o próprio processo como formalidade que ele se apressa em encerrar: confessa a premeditação, cita o artigo do código e deixa o juiz tão espantado que ele tenta multiplicar as perguntas para pegá-lo em contradição.

comprei e mandei carregar as pistolas na loja de fulano, o armeiro. O artigo 1342 do código penal é claro, eu mereço a morte e a estou esperando.

O narrador marca o instante exato em que o arrependimento nasce: depois da carta de despedida a Mathilde, quando o carcereiro lhe diz que a sra. de Rênal está viva.

Só então Julien começou a se arrepender do crime cometido.

Para pensar: Ao juiz, Julien declara a premeditação, cita o artigo do código e diz merecer a morte, e só começa a se arrepender quando sabe que a sra. de Rênal está viva. O que a ordem desses movimentos diz sobre o que ele entende por culpa?

Para pensar: Antes de saber que a sra. de Rênal sobreviveu, Julien escreve a Mathilde uma carta de despedida em que a manda casar-se com Croisenois um ano depois de sua morte. Que tipo de gesto é esse, generoso, vaidoso ou frio?

LIVRO II - CAPÍTULO 37: UM TORREÃO

No torreão de Besançon, Julien Sorel recebe o Abade Chélan, trazido da montanha de Liveru, tão envelhecido que mal consegue falar e que devolve os quinhentos francos dos pobres; a visita mergulha Julien numa tristeza em que ele vê a morte em toda a sua feiura. Depois vem Fouqué, que quer vender todos os bens para subornar o carcereiro e fazer o amigo fugir, e a dedicação dele devolve a Julien a força que a aparição de Chélan amortecera. Os interrogatórios se multiplicam sem que as respostas de Julien, que repete ter matado com premeditação, os encurtem, porque o juiz é antes de tudo um formalista. Fouqué procura o vigário-geral, o Abade de Frilair, que recusa o dinheiro das missas e pensa em fazer de Julien um mártir e em se reconciliar por esse meio com o Marquês de La Mole. A única coisa que Julien teme entre ele e a morte é a visita do pai.

Chélan chega da montanha de Liveru, onde vive retirado com o sobrinho, traz de volta os quinhentos francos que Julien mandara para os pobres de Verrières, e mal consegue falar; para Julien, é ver a morte em toda a sua feiura.

A mão do tempo se abatera sobre aquele homem outrora tão enérgico. Parecia a sombra de si mesmo, pensou Julien.

Para pensar: O abade Chélan chega tão envelhecido que mal consegue falar, e a visita deixa Julien com a visão da morte "em toda a sua feiura", enquanto a dedicação de Fouqué lhe devolve a força. Por que a lealdade do amigo o fortalece e a presença do velho padre o abate?

Para pensar: O vigário-geral Frilair recusa o dinheiro das missas e pensa em fazer de Julien um mártir para se reconciliar com o marquês. Que uso a rede clerical dá a um condenado, e o que isso diz sobre a relação entre fé e interesse no livro?

LIVRO II - CAPÍTULO 38: UM HOMEM PODEROSO

Julien Sorel espera o pai, mas quem entra no torreão é Mathilde de La Mole, vestida de camponesa e viajando sob o nome de sra. Michelet; ele lhe descreve o futuro que imagina para ela, casada com Croisenois, e ela, que subornou um secretário de juiz para entrar, propõe que morram juntos. Mathilde conclui que em Besançon tudo depende do Abade de Frilair e, depois de oito dias de pedidos, consegue vê-lo, confessa que é filha do Marquês de La Mole e pergunta se é possível fazer Julien fugir. O vigário-geral, ao ler as cartas do ministro da Guerra para o sr. de La Vernaye e ao perceber que Mathilde é amiga da marechala de Fervaques, enxerga uma via rápida para o episcopado. Frilair diz que, entre os trinta e seis jurados sorteados, contaria com oito ou dez amigos e poderia fazer com que absolvam, e depois a tortura sugerindo que o tiro nasceu de ciúme da Madame de Rênal. Dá a entender que dispõe do ministério público e que trabalhará pessoalmente pelo menos trinta jurados.

O sistema descrito é real na França da Restauração: o júri de assises era sorteado entre trinta e seis notáveis do departamento, e o padre de Frilair diz poder manipular boa parte dessa lista para condenar ou absolver a seu favor.

Ainda que sortegassem quatro ou cinco vezes seguidas uma lista de trinta e seis jurados entre os notáveis habitantes deste departamento [...] eu poderia considerar falta de sorte se, em cada lista, eu não contasse oito ou dez amigos, e dos mais inteligentes do grupo.

A cena em que Mathilde visita o palácio episcopal e se sente em Paris ao ver o luxo do padre de Frilair mostra que a aristocracia parisiense e o clero provinciano falam a mesma língua de poder, ainda que Stendhal os oponha o tempo todo como mundos rivais.

Mathilde sentiu-se em Paris.

Para pensar: No palácio episcopal do vigário-geral Frilair, Mathilde "sentiu-se em Paris". O que a frase sugere sobre a relação entre a aristocracia parisiense e o clero provinciano, que o livro tantas vezes opõe?

Para pensar: Frilair afirma que, entre os trinta e seis jurados sorteados, contaria com oito ou dez amigos, e que poderia trabalhar pessoalmente pelo menos trinta. O que vira a justiça num lugar em que o sorteio já tem dono?

LIVRO II - CAPÍTULO 39: A INTRIGA

Ao sair do palácio episcopal, Mathilde de La Mole envia um mensageiro à sra. de Fervaques, pedindo à rival que consiga do bispo uma carta de próprio punho para o vigário-geral e que venha pessoalmente a Besançon, gesto heroico de uma criatura orgulhosa e ciumenta. Sua

devoção sem medida, feita de projetos extravagantes, ouro esbanjado e carcereiros comprados, cansa **Julien Sorel**, que sente remorso por não retribuí-la, e Fouqué acaba por achá-la inconstante. A ambição morre em Julien e a lembrança de Vergy e de Verrières ocupa o lugar dela, e Mathilde, que adivinha em parte o que se passa, torna-se ainda mais apaixonada e passa a pensar em suicídio. Julien lhe pede que deixe o filho com uma ama em Verrières, sob a vigilância da **Madame de Rênal**, e, para suavizar o pedido, aconselha-a a se casar um dia com o marquês de Croisenois. Para de repente, ao pensar que a sra. de Rênal vai adorar seu filho daqui a quinze anos, quando Mathilde já o tiver esquecido.

Mathilde, mesmo entregando fortuna e influência para salvá-lo, nunca deixa de precisar de plateia: a devoção dela é real, mas sempre com a ideia de um público e dos outros.

Julien julgava-se pouco digno de tanta devoção; na verdade, estava cansado de heroísmo. Teria sido sensível a uma ternura simples, ingênua e quase tímida, ao passo que a alma ativa de Mathilde precisava sempre da ideia de um público e dos outros.

O narrador desmonta o nome que Julien dá ao que sente: o que ele chama de remorso é amor, e a frase seguinte do texto o diz sem rodeio.

A ambição estava morta em seu peito, outra paixão ressurgira das cinzas; ele a chamava de remorso por ter atirado na sra. de Rênal.

Para pensar: Mathilde pede à rival Fervaques que consiga do bispo uma carta e venha a Besançon, e o narrador diz que a alma ativa dela "precisava sempre da ideia de um público e dos outros". Esse heroísmo é menos verdadeiro por ter plateia?

Para pensar: O narrador diz que a ambição morreu em Julien e que outra paixão ressurgiu das cinzas, "ele a chamava de remorso" por ter atirado na sra. de Rênal. Por que ele recusa o nome do que sente, e o que a palavra "remorso" lhe permite evitar?

LIVRO II - CAPÍTULO 40: A TRANQUILIDADE

Julien Sorel vive no torreão numa tranquilidade que o deixa indiferente até à presença de **Mathilde de La Mole**: diz ao juiz e ao advogado que houve crime com premeditação e recusa com fúria a sugestão do advogado de alegar ciúme. Pede que não lhe falem do processo e passa os últimos dias fumando charutos no terraço e pensando em Vergy, enquanto Mathilde, pela correspondência da marechala de Fervaques com o vigário-geral, faz chegar até lá a palavra "bispado" e uma anotação do bispo, à margem de uma carta da sobrinha, favorável a Julien. O **Abade de Frilair**, na véspera do sorteio dos trinta e seis jurados, lamenta a lei jacobina que os multiplicou e, no dia seguinte, conta cinco congregados da cidade e os srs. **Valenod**, Moirod e Cholin, por quem responde. A **Madame de Rênal**, que prometera ao marido não deixar a cama, vai a Besançon e escreve a cada um dos trinta e seis jurados uma carta em que lhes pede que declarem não incontestável a premeditação.

Julien na prisão: “Contudo, é estranho que eu só tenha conhecido a arte de gozar a vida depois de ver seu termo se aproximar.”

Frilair confia em Valenod como num subordinado, e é essa confiança que o desfecho do julgamento desmente.

Os cinco primeiros são autômatos. Valenod é meu agente, Moirod deve-me tudo; Cholin é um imbecil que tem medo da sombra.

Para pensar: Na prisão, Julien pensa que só conheceu "a arte de gozar a vida" depois de ver seu termo se aproximar. Por que a felicidade chega quando o futuro some, e o que ele passa a fazer com os dias que lhe restam?

Para pensar: Julien recusa com fúria a sugestão do advogado de alegar ciúme e insiste em dizer que houve premeditação. Por que ele prefere uma defesa que o condena a uma que talvez o salvasse, e o que protege com essa escolha?

LIVRO II - CAPÍTULO 41: O JULGAMENTO

Na véspera do julgamento, Mathilde de La Mole leva ao Abade de Frilair a carta em que o bispo pede a absolvição, e ele garante um veredicto de absolvição, porque conta com ela para chegar ao bispado, citando seis amigos devotados entre os doze jurados, o barão Valenod e os dois administrados deste, e um industrial rico que aspira a um fornecimento do Ministério da Guerra. Julien Sorel, decidido a deixar só o advogado falar, desce da prisão no meio de uma multidão que lhe inspira, para sua surpresa, uma terna compaixão, e entra num tribunal onde as mulheres ocupam as tribunas, entre elas a sra. Derville. O advogado comove a plateia, e Julien só retém as lágrimas ao surpreender um olhar insolente de Valenod. Passada a meia-noite, quando o presidente lhe pergunta se tem algo a acrescentar, ele se levanta e, num discurso que faz a plateia chorar, assume a premeditação, nega ser julgado por seus pares e diz que querem puni-lo por sua origem; a sra. Derville desmaia. Perto das duas da manhã, Valenod lê a declaração unânime de culpa por homicídio com premeditação, a pena de morte é pronunciada, e Julien só gostaria de dizer à Madame de Rênal que se julga justamente condenado.

O júri é trabalhado por cálculo político antes de qualquer audiência, e para absolver.

Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é incontestável e, sobretudo, se houve premeditação, conto com seis amigos devotados a minha causa, e dei-lhes a entender que dependia deles levar-me ao bispado.

Entre esses amigos, Frilair conta com o barão de Valenod, que ele fez prefeito de Verrières e que dispõe de mais dois jurados. É justamente Valenod quem lê o veredicto de culpa em nome do júri, e depois Mathilde conta a Julien que ele, já com a nomeação de governador no bolso, ousou zombar de Frilair e condená-lo.

É a peça que falta para entender por inteiro o discurso de Julien à tribuna: quando ele diz aos jurados que não é julgado por seus pares, o júri à sua frente já não é o corpo imparcial que a lei desenhou, é

uma maioria trabalhada por um clérigo em troca de um cargo eclesiástico, e o discurso de classe dá a Valenod o pretexto para romper o acordo e condenar. A acusação de classe do discurso tem, debaixo dela, uma manipulação de classe muito concreta, e é ela que vira contra Julien.

Besançon inteira se aglomera para o julgamento, movida mais por curiosidade romântica do que por sede de justiça, e o discurso em que Julien vira a lógica da própria defesa contra si mesmo é o ponto mais citado de todo o romance.

No início do discurso, antes de qualquer defesa, Julien nomeia a distância de classe entre ele e os jurados, em vez de pedir clemência.

Senhores, não tenho a honra de pertencer à sua classe, os senhores veem em mim um camponês que se revoltou contra a baixaza de sua sorte.

Ele então recusa a graça, aceita a pena e converte a própria condenação em acusação: não é o crime que a sociedade vai punir com mais rigor, é a origem.

Não tenho ilusões, a morte me espera: ela será justa. Fui capaz de atentar contra a vida da mulher mais digna de todo o respeito, de todas as homenagens. A sra. de Rênal foi como uma mãe para mim. Meu crime é atroz e foi premeditado. Mereço, portanto, a morte, senhores jurados. Mas, ainda que fosse menos culpado, vejo homens que, sem levar em conta o que minha juventude possa merecer da piedade, vão querer punir em mim e desencorajar para sempre essa classe de jovens que, nascidos numa classe inferior e de alguma forma oprimidos pela pobreza, têm a sorte de conseguir uma boa educação e a audácia de se misturar ao que o orgulho dos ricos chama de boa sociedade.

Em seguida nega aos doze homens do banco o próprio direito de julgá-lo como igual, o gesto mais coerente de toda a sua trajetória de hipócrita involuntário.

Este é meu crime, senhores, e, na verdade, será punido ainda mais severamente por não ser julgado por meus pares. Não vejo nos bancos dos jurados nenhum camponês enriquecido, mas apenas burgueses indignados...

O barão de Valenod, agora nomeado governador, preside a leitura do veredito "num passo grave e teatral": o mesmo homem que Julien desprezara desde Verrières por servilismo e cobiça é quem pronuncia sua condenação à morte por homicídio premeditado.

O senhor barão de Valenod adiantou-se num passo grave e teatral, seguido por todos os jurados.

Julien diante da sentença: "Apenas estas palavras: Julgo-me justamente condenado."

Para pensar: Julien diz aos jurados que não é julgado por seus pares e que querem punir nele a origem, e a sra. Derville desmaia. O discurso é de defesa, de acusação ou de testamento, e a quem ele fala de fato?

Para pensar: Julien declara que se julga justamente condenado e, no mesmo discurso, denuncia a classe que o julga. Por que ele aceita a pena e denuncia o tribunal ao mesmo tempo, e as duas atitudes cabem juntas?

LIVRO II - CAPÍTULO 42

Levado a uma cela de condenados, **Julien Sorel** ensaia o que diria à **Madame de Rênal** se a visse antes do fim, imagina o Deus dos cristãos e o de Fénelon, ri da própria saída sobre ser guilhotinado em três dias e lembra o verso de Venceslas sobre o cadafalso. De manhã, **Mathilde de La Mole** o acorda furiosa porque **Abade de Frilair** a traiu, e Julien trata o caráter dela com o sangue-frio de um pianista habilidoso e se recusa a apelar, porque agora se sente com coragem para morrer sem provocar risos e não sabe se a terá dentro de dois meses. Mathilde, ofendida, o cobre de imprecações, e ele a escuta pensando na sra. de Rênal chorando ao ler a notícia da execução. A srta. de La Mole chama o advogado Félix Vaneau, antigo capitão do Exército da Itália, que combate a resolução por formalidade e lembra a Julien que ele tem dois dias inteiros para apelar. Julien lhe aperta a mão e sente mais amizade pelo advogado do que por Mathilde.

Julien na prisão, pensando na sra. de Rênal: “Depois de uma ação dessas, como persuadi-la de que é a ela que amo, unicamente? Pois, afinal, quis matá-la por ambição ou por amor a Mathilde.”

Para pensar: Julien recusa apelar porque "neste momento me sinto com coragem para morrer sem provocar muitos risos às minhas custas", e ninguém garante que a terá dali a dois meses. Que ideia de coragem é essa, e o que ela mostra sobre o que importa a ele no fim?

Para pensar: Julien se pergunta como persuadir a sra. de Rênal de que é só a ela que ama, se "quis matá-la por ambição ou por amor a Mathilde". O que a pergunta mostra sobre a incerteza que ele tem dos próprios motivos?

LIVRO II - CAPÍTULO 43

Uma hora depois, **Julien Sorel** acorda com lágrimas escorrendo por sua mão e julga que é **Mathilde de La Mole** de novo, mas é a **Madame de Rênal**, que vem suplicar que ele apele; ele se atira a seus pés, os dois se perdoam e Julien condiciona a apelação ao juramento de que ela não atentará contra a própria vida. No reencontro contam um ao outro o que cada um ignorava, e a carta ao **Marquês de La Mole** se esclarece: foi escrita pelo jovem padre conselheiro espiritual dela e depois copiada por ela. Ao cabo de três dias, o **Monsieur de Rênal** manda a carruagem e ordena que a mulher volte a Verrières. Um padre intrigante e malsucedido entre os jesuítas de Besançon se instala na rua, à porta da prisão, reza ladainhas ajoelhado na lama diante de uma multidão que lhe responde, e Julien, humilhado com a ideia de que o nome dele está sendo repetido, recebe-o. No quarto de hora seguinte, sente medo da morte pela primeira vez e se livra do padre pedindo-lhe uma missa de quarenta francos.

No reencontro, os dois contam um ao outro o que cada um ignorava, e a autoria da carta ao marquês se esclarece:

A carta para o sr. de La Mole tinha sido escrita pelo jovem padre que era conselheiro espiritual da sra. de Rênal e, depois, fora copiada por ela.

No reencontro, pela primeira vez desde o início do romance, Julien já não calcula nada: é a inversão final do livro, a única coisa verdadeira que ele teve, depois de uma vida inteira de cálculo social e hipocrisia necessária, só aparece quando já não há mais futuro a construir com ela.

Não poderíamos passar dois meses juntos de uma maneira deliciosa? Dois meses são muitos dias. Nunca terei sido tão feliz.

Diante do padre que faz da porta da prisão um palco, Julien exclama contra a província inteira, e sua raiva mostra o quanto o escândalo público, o olho dos outros, ainda pesa nele.

Ó minha pátria! Como ainda és bárbara!

Para pensar: Diante do padre intrigante que reza de joelhos na lama à porta da prisão, Julien exclama: "Ó minha pátria! Como ainda és bárbara!". O que a raiva dele mostra sobre quanto o olhar dos outros ainda pesa em quem está prestes a morrer?

Para pensar: Julien condiciona a apelação ao juramento de que a sra. de Rênal não atentará contra a própria vida. Por que ele faz esse pedido, e o que ele revela do que sabe dela e de si mesmo?

LIVRO II - CAPÍTULO 44

Livre do padre, Julien Sorel chora porque vai morrer e lamenta que a Madame de Rênal não esteja em Besançon para ouvir a confissão de sua fraqueza. Mathilde de La Mole lhe conta o que o Abade de Frilair disse sobre Valenod e sobre o discurso, e ele a manda embora, e depois Fouqué, porque precisa ficar sozinho. No dia seguinte o velho carpinteiro, Sorel pai, chega com as censuras, e Julien o desarma ao falar de suas economias e do testamento, e o pai ainda apresenta a conta das despesas de educação. Depois da visita, Julien faz entrar na cela dois galerianos e champanhe, conclui que não existe direito natural e que os salões vivem de crimes iguais aos dos galerianos, e, numa noite em que pensa em se matar, passa em revista a religião e a hipocrisia até concluir que o que o isola é a ausência da sra. de Rênal, e ri como Mefistófeles. Quando Fouqué chega, Julien está forte e resolutivo, como um homem que vê claro em sua alma.

Mathilde conta depois a Julien o que houve dentro do arranjo de Frilair, que era para absolvê-lo:

Ela lhe contou que, no dia do julgamento, o sr. de Valenod, tendo no bolso sua nomeação para governador, ousara zombar do padre de Frilair e dar-se o prazer de condenar Julien à morte.

O velho Sorel visita o filho no calabouço e começa pelas censuras; Julien só o desarma dizendo que fez economias, e o pai, ao ouvir que o resto do dinheiro será dele, ainda apresenta a conta.

Há ainda as despesas de sua alimentação e de sua educação, que eu adiantei e das quais não está lembrando

Julien sobre o direito natural: "Não existe um direito natural: essa expressão não passa de uma tolice antiga digna do promotor que me acusou naquele dia, e cujo antepassado foi enriquecido por um

confisco de Luís XIV. Só há um direito quando existe uma lei que proíba fazer alguma coisa sob pena de punição.”

Depois da visita, Julien julga o pai sem raiva, e mede o consolo que ele vai tirar do dinheiro.

A esse preço, dirá seu olhar, qual dentre vocês não ficaria encantado em ter um filho guilhotinado?

Julien diante da morte: “Assim também eu, que morrerei aos vinte e três anos. Deem-me mais uns cinco anos de vida, para viver com a sra. de Rênal. E pôs-se a rir como Mefistófeles: Que loucura ficar discutindo esses grandes problemas!”

Para pensar: Na cela, Julien conclui que "não existe um direito natural" e que só há direito onde uma lei proíbe sob pena de punição. Por que uma ideia dessas lhe vem justamente ali, e o que ela devolve ao julgamento que o condenou?

Para pensar: O velho Sorel visita o filho condenado e apresenta a conta das despesas de alimentação e de educação que adiantou. Por que o romance reserva essa cena ao pai, e o que ela fecha em relação ao modo como ele tratou Julien desde o início do livro?

LIVRO II - CAPÍTULO 45

Julien Sorel pede a Fouqué um confessor jansenista inacessível à intriga, e a Madame de Rênal volta a Besançon, consegue autorização para vê-lo duas vezes por dia e o encontra sem amor-próprio algum, contando-lhe todas as suas fraquezas. Mathilde de La Mole, enciumada, atormenta Julien com cenas quase diárias, e a morte de Croisenois em duelo faz Julien tentar convencê-la a aceitar o sr. de Luz. Julien recusa a conversão com alarde que o confessor lhe aconselha como meio de obter clemência e proíbe a sra. de Rênal de ir a Saint-Cloud atirar-se aos pés do rei. Na manhã da execução, sob um lindo sol, ele morre sem afetação, tendo pedido a Fouqué que ponha Mathilde e a sra. de Rênal na mesma carruagem, e tendo exigido da sra. de Rênal o juramento de que viveria para o filho de Mathilde. Fouqué compra o corpo para a gruta da montanha que domina Verrières, e Mathilde beija a cabeça de Julien, acompanha o enterro e manda adornar a gruta com mármore italianos. A sra. de Rênal cumpre o juramento e não atenta contra a própria vida, mas morre três dias depois, abraçada aos filhos.

Diante da sra. de Rênal, Julien confessa as fraquezas que escondera de Mathilde e de Fouqué: é a inversão do método dos capítulos do cerco, e o texto chama de amor aquilo que não precisa de cálculo nem de pose.

Julien não tinha o menor amor-próprio perante ela e lhe contou todas as suas fraquezas.

Nas visitas da sra. de Rênal à prisão, Julien faz a conta do que a ambição lhe tomou nos bosques de Vergy:

quando poderia ter sido tão feliz em nossos passeios nos bosques de Vergy, uma impetuosa ambição transportava minha alma para regiões imaginárias. [...] Não, eu morreria sem conhecer a felicidade se você não tivesse vindo me ver nesta prisão.

Depois da execução, Mathilde reencena de propósito a lenda de Margarida de Navarra, a rainha que teria enterrado com as próprias mãos a cabeça do amante, Boniface de La Mole, o antepassado da família: o narrador diz que a lembrança de Boniface de La Mole e de Margarida de Navarra lhe dava coragem.

Quando Fouqué criou coragem para olhar, ela havia posto, numa pequena mesa de mármore, diante de si, a cabeça de Julien e beijava-a na testa...

A sra. de Rênal cumpre o que jurou, não atenta contra a própria vida, e o livro fecha as duas mulheres em espelho invertido: Mathilde, que orna a gruta com mármore e faz do enterro uma cerimônia de lenda, sobrevive; a sra. de Rênal, que nunca pediu nada para si, cumpre a letra do juramento e morre de qualquer forma, sem cena, sem discurso.

A sra. de Rênal se manteve fiel a sua promessa. Não tentou de modo algum atentar contra sua vida; mas, três dias depois morreu abraçada aos filhos.

Para pensar: Na manhã da execução, Julien pede a Fouqué que ponha Mathilde e a sra. de Rênal na mesma carruagem e exige da sra. de Rênal o juramento de viver para o filho de Mathilde. Por que o último pedido dele junta as duas mulheres, e o que ele faz com o amor de cada uma?

Para pensar: Mathilde entra no quarto onde Fouqué vela o corpo, põe a cabeça de Julien numa pequena mesa de mármore e a beija na testa. Isso é amor, teatro ou as duas coisas, e o que muda no modo de lembrar Julien conforme se responde?

AMBIÇÃO

A ambição de **Julien Sorel** tem modelo antes de ter objeto. O livro que o pai lhe derruba no riacho é **O Memorial de Santa Helena** (Livro I, cap. 4), e no capítulo seguinte o narrador explica a escolha que organiza o romance: a carreira das armas que fez Bonaparte já não está aberta a um filho de carpinteiro, e Julien conclui, por cálculo e não por fé, que é preciso ser padre (cap. 5). O título nomeia as duas escadas, **A farda e a batina**, e ele sobe pela segunda sem deixar de sonhar com a primeira: desfila como guarda de honra e por um instante se sente ordenança de Napoleão (cap. 18), e chega a Besançon suspirando por não entrar ali como subtenente (cap. 24).

A ambição contamina tudo o que toca. Decide a recusa da sociedade com Fouqué, medida pela idade em que Bonaparte já tinha feito o essencial (cap. 12), e entra no amor: depois da primeira noite com a **Madame de Rênal**, o narrador avisa que o amor de Julien ainda é ambição (cap. 16). No seminário ela muda de método, porque ali o mérito é suspeito e é preciso fabricar uma personalidade (caps. 26 e 27), e rende a primeira promoção (cap. 29) e o chamado a Paris (cap. 30). No Livro II o horizonte cresce: o bispado associado ao nome dele na cabeça da marechala de Fervaques (cap. 27), as terras do Languedoc, o nome de cavaleiro de La Vernaye e a patente de tenente de hussardos (cap. 34). Dois dias depois, ele já calcula o posto seguinte (cap. 35).

O tiro na igreja de Verrières interrompe a escalada no ponto mais alto. No torreão de Besançon, Julien percebe que já não pensa no que o ocupava quinze dias antes (cap. 36), e o narrador diz sem rodeio que a ambição morreu e que o remorso que ocupa o lugar dela é outra paixão (cap. 39). Em volta dele a ambição dos outros continua a trabalhar: **Abade de Frilair** vê no processo uma via rápida para o episcopado (cap. 38). Nas visitas da sra. de Rênal à prisão, o próprio Julien faz a conta do que a ambição lhe tomou nos bosques de Vergy (cap. 45).

A ambição de Julien é quase toda imitação: ele não quer coisas, quer ter sido alguém, e a régua é sempre a de outro homem, morto em Santa Helena. Por isso nenhuma vitória o satisfaz por mais de dois dias, e por isso o livro só consegue encerrá-la com a morte à vista. Stendhal não a condena como vício; mostra que ela ocupa o lugar exato onde estaria a felicidade, e que Julien só descobre isso quando já não há futuro para calcular.

A escolha que dá título ao livro, feita por cálculo e com a régua de Napoleão:

A frase que resume o eixo do livro inteiro não usa as palavras "vermelho" e "negro", mas é elas: "Hoje em dia vemos padres de quarenta anos recebendo cem mil francos de vencimentos, ou seja, três vezes mais do que os famosos generais de divisão de Napoleão. [...] É preciso ser padre."

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

A mesma régua decide a recusa da sociedade com Fouqué:

"Ora, eu perderia covardemente sete ou oito anos! Chegaria assim aos vinte e oito, mas, com essa idade, Bonaparte já havia realizado seus maiores feitos!"

Livro I, capítulo 12: Uma viagem

E entra até no primeiro amor:

Em poucos dias o cálculo cede, e o narrador marca a virada com uma frase que resume todo o livro: “Seu amor ainda era ambição; era a alegria de ele, pobre criatura infeliz e tão desprezada, possuir uma mulher tão nobre e tão bela.”

Livro I, capítulo 16: O dia seguinte

No ponto mais alto da subida, a vitória já não basta:

Em Estrasburgo, dois dias depois da patente, a vitória já não basta: “Mal se tornara tenente, por favor e havia dois dias, já calculava que para ser comandante em chefe aos trinta anos, ao mais tardar, como todos os grandes generais, era necessário ser mais do que tenente aos vinte e três anos.”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

Na prisão, o narrador anuncia o fim dela e dá nome ao que fica no lugar:

“A ambição estava morta em seu peito, outra paixão ressurgira das cinzas; ele a chamava de remorso por ter atirado na sra. de Rênal.”

Livro II, capítulo 39: A intriga

CLASSE SOCIAL

Verrières tem régua própria, e o narrador a escreve em maiúsculas no capítulo 2 do Livro I: dar lucro. **Monsieur de Rênal** compra terreno e ergue muros para ser respeitado (cap. 1), contrata o preceptor porque **Valenod** acaba de comprar dois cavalos normandos (cap. 3) e trata **Julien Sorel** de criado (cap. 7). Julien, filho de um serrador que despreza nele a leitura (cap. 4), entra na casa recusando ser criado e perguntando com quem comerá (cap. 5), e odeia a sociedade que o admite na outra ponta da mesa (cap. 7).

A fronteira passa também pelo amor. Ao dizer “tão bem-nascidos” dos filhos dela, Julien sente que, aos olhos da **Madame de Rênal**, ele não é (cap. 13), e quando um elogio a Napoleão lhe escapa, ela franze a testa porque aquilo soa a pensamento de criado (cap. 17). Em Paris a régua passa do dinheiro ao nascimento: o **Marquês de La Mole** desanima diante de um erro de ortografia (Livro II, cap. 2), o salão converte toda ideia viva em grosseria (cap. 4), e um traje azul basta para fazê-lo, à noite, irmão caçula de um conde, enquanto de manhã, de preto, volta a ser secretário (cap. 7).

Mathilde de La Mole inverte a régua sem aboli-la: para ela a origem nobre tira a força de caráter (cap. 8), e é por Julien não ser nobre que o amor deixa de ser uma aliança desigual (cap. 12). Quando a gravidez obriga o marquês a escolher, ele não suporta ver a filha chamar-se sra. Sorel em vez de duquesa (cap. 33) e resolve o problema inventando um nome, La Vernaye (cap. 34), e uma origem em que o carpinteiro aparece só como quem cuidou do menino (cap. 35). No tribunal, Julien nomeia a linha que o romance traçou desde Verrières: não é julgado por seus pares, e querem puni-lo pela origem (cap. 41). Na prisão, o pai, **Sorel pai**, ainda lhe apresenta a conta da educação (cap. 44).

O livro mostra duas réguas, e Julien não cabe em nenhuma. Em Verrières o talento vale enquanto der lucro; em Paris vale enquanto se disfarçar de nascimento. O romance recusa a saída que a época

prometia: nem o dinheiro da província nem o mérito posto a serviço da nobreza apagam a linha, e a única vez em que Julien a enfrenta de frente é quando desiste de se defender. O discurso ao júri é a primeira fala pública dele sem cálculo, e é a que o condena.

A régua da província, escrita em maiúsculas pelo narrador:

O narrador entrega a chave da cidade numa única frase maiúscula, que funciona como epígrafe interna do capítulo II: “Eis a grande palavra que decide tudo em Verrières: DAR LUCRO. Por si só representa o pensamento habitual de mais de três quartos dos habitantes.”

Livro I, capítulo 2: Um prefeito

A linha aparece dentro do próprio amor, no franzir de sobrancelhas da sra. de Rênal:

O franzir de sobrancelhas mostra a Julien de que lado ela foi educada: “Ela é boa e gentil, tem por mim uma afeição viva, mas foi criada em campo inimigo.”

Livro I, capítulo 17: O primeiro-adjunto

Em Paris, a régua é outra, e nenhum dinheiro a compra:

“Não há cem mil escudos de renda nem condecoração que possa lutar contra essa norma de salão. Uma ideia viva, mínima que fosse, parecia uma grosseria.”

Livro II, capítulo 4: A mansão de La Mole

Mathilde ama justamente a distância que o salão não perdoa:

“Se, apesar de sua pobreza, Julien fosse nobre, meu amor não passaria de uma tolice vulgar, apenas uma aliança desigual; isso eu não aceitaria; não haveria o que caracteriza as grandes paixões: a enorme dificuldade a ser vencida e a obscura incerteza dos acontecimentos.”

Livro II, capítulo 12: Será um Danton

E no tribunal Julien a nomeia antes de qualquer defesa:

“Senhores, não tenho a honra de pertencer à sua classe, os senhores veem em mim um camponês que se revoltou contra a baixaza de sua sorte.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

APARÊNCIA E REALIDADE

O narrador dá nome ao método de **Julien Sorel** já no capítulo 5 do Livro I, e chama a palavra de horrível: hipocrisia. Julien decora o Novo Testamento em latim e o livro de Maistre sobre o papa sem acreditar num nem noutro, porque memória e encenação são as armas que tem, e a recitação lhe vale o título de senhor na casa do prefeito (cap. 6). Verrières inteira vive do que se vê: a tirania da opinião abre o romance (cap. 1), e o jovem bispo de Agde ensaia bênçãos diante do espelho (cap. 18).

O amor também começa como papel. Julien vai ao quarto da **Madame de Rênal** pensando no personagem que deve representar (cap. 15) e, no dia seguinte, estuda cada gesto do almoço (cap. 16).

Ela aprende a fingir para salvá-lo e dita o plano da carta anônima falsa que desvia a suspeita do marido para **Valenod** (caps. 20 e 21). No seminário a hipocrisia deixa de ser escolha e vira sistema: ali uma cara de fé cega vale mais que saber, e Julien compõe uma personalidade inteira (cap. 26), sem conseguir esconder a lógica que lhe vale o apelido de Martinho Lutero (cap. 27).

Paris profissionaliza a máscara. Korasoff ensina a fazer sempre o contrário do que esperam (Livro II, cap. 7) e depois entrega o cerco pronto, com seis maços de cartas de amor (cap. 24); Julien as copia para a marechala de Fervaques sem pensar no sentido (cap. 27), e ela responde sem notar que não há relação entre uma carta e outra (cap. 29). **Mathilde de La Mole**, do outro lado, ama por um modelo que imita (cap. 16).

O livro não opõe a máscara a um rosto verdadeiro que estaria sempre por baixo dela. Mostra que os raros momentos reais de Julien acontecem quando ele se esquece de fingir, sob a tília (Livro I, cap. 9) e na gruta (cap. 12), e que o fim só chega quando a máscara já não serve para nada: na prisão ele passa em revista a religião e a hipocrisia (Livro II, cap. 44), recusa a conversão com alarde que lhe renderia clemência e conta à sra. de Rênal todas as suas fraquezas (cap. 45). A hipocrisia lhe deu a carreira; o que ela lhe custou foi a única coisa que ele descobre ter querido.

O nome do método, apresentado pelo narrador como resultado de um raciocínio:

Antes disso, no mesmo capítulo, vem a explicação do método: “A palavra surpreende os leitores? Até chegar a essa palavra horrível, a alma do jovem camponês teve de percorrer um bom caminho.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

O momento em que a máscara cai, e Julien agrada exatamente por isso:

Cap. IX. Na noite no jardim, depois de segurar a mão da sra. de Rênal: “— Para falar a verdade, estou me sentindo um pouco indisposta, mas o ar fresco me faz bem. Essas palavras confirmaram a felicidade de Julien, que nesse momento era extrema: falou, esqueceu de fingir, pareceu um homem amabilíssimo às duas amigas que o escutavam.”

Livro I, capítulo 9: Uma noite no campo

No seminário, a regra do lugar, descoberta com amargura:

Julien percebe que seus primeiros passos foram equivocados: a ciência e a lógica, que o distinguiram em Verrières, aqui não valem, e o momento em que ele entende a regra do lugar está nesta constatação amarga: “Então a ciência não vale nada aqui? [...] Meu único mérito consistia em [...] captar essas baboseiras. [...] E eu era tolo em me orgulhar!”

Livro I, capítulo 26: O mundo ou o que falta ao rico

O que Korasoff chama de grande princípio do século:

“lembre-se do grande princípio do século: mostre-se o contrário do que esperam do senhor. Aja exatamente tal como agia oito dias antes de ser honrado com seus favores.”

Livro II, capítulo 24: Estrasburgo

E o lado de Mathilde, que também imita:

“Na verdade, seu entusiasmo era um pouco deliberado. O amor apaixonado, mais do que uma realidade, ainda era um modelo que se imitava.”

Livro II, capítulo 16: Uma hora da manhã

AMOR

A **Madame de Rênal**, casada aos dezesseis anos, nunca sentira nada parecido com o amor (Livro I, cap. 7), e o descobre quase sem perceber: a alegria desproporcional quando **Julien Sorel** recusa Elisa (cap. 8), a mão que fica na dele sob a tília (cap. 9), o terror da palavra adultério (cap. 11). Julien começa do outro lado, por dever e por vaidade, com plano escrito (caps. 13 e 14), e o narrador avisa que, mesmo apaixonado, o amor dele ainda é ambição (cap. 16). A doença do filho caçula torna os dois mais sombrios (cap. 19), e a carta anônima acaba por separá-los (cap. 23).

Mathilde de La Mole é a experiência oposta. Ela decide amar para escapar do tédio de sua classe (Livro II, cap. 11), escolhe Julien justamente porque ele não é nobre (cap. 12) e faz de cada passo uma prova de coragem: a escada à uma da manhã (cap. 16), as confidências cruéis (cap. 18), a declaração de que já não o ama (cap. 20). O narrador chama esse sentimento de amor cerebral (cap. 19), e Julien só a reconquista fingindo, com as cartas de Korasoff (caps. 24 a 29). O contraste entre os dois amores é ele mesmo quem formula (cap. 30).

A carta da sra. de Rênal ao **Marquês de La Mole** desfaz o casamento e leva ao tiro na igreja de Verrières (cap. 35). Na prisão a ordem se inverte: a devoção de Mathilde cansa Julien (cap. 39), a sra. de Rênal escreve aos jurados (cap. 40) e vem suplicar que ele apele (cap. 43). No fim, Mathilde beija a cabeça do amante e manda ornar a gruta com mármore; a sra. de Rênal morre três dias depois dele, abraçada aos filhos (cap. 45).

Os dois amores são o experimento central do romance, e Stendhal não diz qual vale mais: o fim só mostra para qual dos dois Julien volta. Um nasce sem saber que é amor, o outro nasce de um projeto e de uma leitura; um vive de impulso, o outro precisa de motivo novo a cada capítulo. Julien passa o livro apostando no segundo, que confirma a ambição dele, e só descobre na cela que o primeiro era o único lugar onde não precisava calcular. O tiro é o ponto onde as duas linhas se cruzam: ele mesmo não sabe dizer se atirou por ambição ou por amor a Mathilde (cap. 42), e é o amor pela sra. de Rênal que sobrevive ao tiro.

O ponto de partida da sra. de Rênal, que não sabia o que era amar:

Cap. VII. O narrador sobre a formação sentimental da sra. de Rênal: “A sra. de Rênal, rica herdeira de uma tia devota, casada aos dezesseis anos com um bom fidalgo, nunca na vida sentira ou vira nada que se parecesse minimamente com o amor.”

Livro I, capítulo 7: As afinidades eletivas

A primeira noite sob a tília, do lado dela:

Cap. IX. Na mesma noite, do lado dela: “Quanto à sra. de Rênal, de mãos dadas com Julien, esta não pensava em nada, deixava-se viver.”

Livro I, capítulo 9: Uma noite no campo

O nome que o narrador dá ao amor de Mathilde:

“O amor cerebral é sem dúvida mais espiritualizado que o verdadeiro amor, mas só tem alguns instantes de entusiasmo; ele se conhece demais, ele se julga sem cessar; em vez de extraviar o pensamento, só se constrói por força dos pensamentos.”

Livro II, capítulo 19: A Ópera Bouffe

O contraste dos dois amores, pensado pelo próprio Julien:

“A sra. de Rênal encontrava razões para fazer o que seu coração lhe ditava; essa moça da alta sociedade só deixa o coração se comover depois de encontrar boas razões para que se comova.”

Livro II, capítulo 30: Um camarote na Ópera Bouffe

O fim da sra. de Rênal, sem cena e sem discurso:

“A sra. de Rênal se manteve fiel a sua promessa. Não tentou de modo algum atentar contra sua vida; mas, três dias depois morreu abraçada aos filhos.”

Livro II, capítulo 45

POLÍTICA

O subtítulo, crônica de 1830, avisa que a matéria é a França da Restauração, e a política entra no romance desde Verrières. **Monsieur de Rênal** teme as censuras que a imprensa liberal vai publicar (Livro I, cap. 2), o cura **Abade Chélan** se diz pronto a ser destituído por ter aberto a prisão ao sr. Appert (cap. 3) e acaba substituído pelo vigário Maslon (cap. 14). Por trás das disputas da cidade está a Congregação, a rede clerical que o narrador nomeia de passagem no capítulo 5 e que arruína o impressor Falcoz (cap. 21), faz de **Valenod** um dependente do vigário-geral **Abade de Frilair** (cap. 22) e fica com a casa do município no leilão (cap. 23).

O seminário reproduz a disputa em ponto menor: o padre Castanède ensina que o governo só tem poder legítimo por delegação do papa (cap. 27), e a guerra entre Frilair e **Abade Pirard**, que serve ao **Marquês de La Mole** num processo por um terreno, decide o destino de **Julien Sorel** nos exames (cap. 29) e acaba por levá-lo a Paris.

Em Paris a política sobe de escala. **O salão de La Mole** a proíbe como assunto (Livro II, cap. 4), Altamira descreve uma sociedade em que a congregação entrega à polícia tudo o que tem valor pelo espírito (cap. 9), e o marquês leva Julien a uma reunião secreta onde se planeja uma tropa de quinhentos homens por departamento e se discute o apoio do clero (caps. 21 a 23). No meio dela, o narrador para o relato para discutir com um editor fingido se a política cabe num romance (cap. 22). O processo fecha o círculo em Besançon: Frilair vê no caso uma via para o bispado (cap. 38), conta os congregados

entre os jurados (cap. 40) e promete a absolvição; é Valenod, agora barão e prefeito, quem lê o veredicto de culpa (cap. 41).

A política não é pano de fundo, é o mecanismo que decide a vida de Julien em cada degrau: a batina é escolha política antes de ser religiosa, o emprego em Paris nasce de um processo entre um vigário e um marquês, e o júri que o condena foi contado por uma rede de favores. O editor do capítulo 22 do Livro II tem razão contra o autor, e o livro inteiro o prova: sem a política, Julien seria apenas um rapaz ambicioso, e não um francês de 1830.

A rede que decide as disputas de Verrières aparece já no capítulo 5:

O episódio das colunas de mármore nomeia o poder que decide essa disputa: “tornaram-se célebres na região, pelo ódio mortal que suscitaram entre o juiz de paz e o jovem vigário enviado de Besançon, tido como espia da congregação.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

Em Paris, Altamira dá o diagnóstico da mesma rede:

“Por aqui, tudo o que tem algum valor pelo espírito, a congregação o entrega à polícia correcional; e a boa sociedade aplaude.”

Livro II, capítulo 9: O baile

O narrador para o romance para discutir a política dentro dele:

“A política”, continua o autor, “é uma pedra amarrada no pescoço da literatura e que, em menos de seis meses, a faz submergir. A política, entre os interesses da imaginação, é um tiro de pistola no meio de um concerto. Esse ruído é dissonante sem ser enérgico. Não se harmoniza com o som de nenhum instrumento. Essa política vai ofender mortalmente metade dos leitores e aborrecer a outra metade, que a achou bem mais interessante e vibrante no jornal da manhã.” “Se seus personagens não falarem de política”, continua o editor, “não serão mais franceses de 1830, e seu livro não será mais um espelho conforme o senhor queria...”

Livro II, capítulo 22: A discussão

Na reunião secreta, o cardeal explica por que o clero é indispensável:

O cardeal: “Cinquenta mil padres repetem as mesmas palavras no dia indicado pelos chefes, e o povo, que, afinal de contas, fornece os soldados, há de se comover mais com a voz de seus padres do que com os versinhos do mundo”

Livro II, capítulo 23: O clero, os bosques, a liberdade

E o júri, contado antes da audiência:

“Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é incontestável e, sobretudo, se houve premeditação, conto com seis amigos devotados a minha causa, e dei-lhes a entender que dependia deles levar-me ao bispado.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

ORGULHO

No Livro I o orgulho é a armadura de um rapaz pobre. **Julien Sorel** recusa, ofendido, o dinheiro que a **Madame de Rênal** lhe oferece (Livro I, cap. 7), enfrenta o patrão e chama de batalha ganha o aumento arrancado (cap. 10), e faz da conquista da mulher um dever: impõe-se um prazo para lhe tomar a mão (cap. 9), decide por vaidade ser seu amante (cap. 13) e traça um plano de campanha porque o orgulho não deixa nada ao acaso (cap. 14). Em volta dele, o orgulho dos notáveis é de outra espécie: **Monsieur de Rênal** contrata o preceptor para não ficar atrás dos cavalos normandos de **Valenod** (cap. 3).

No Livro II o orgulho vira o terreno do próprio amor. **Mathilde de La Mole** mede os homens pela condenação à morte (Livro II, cap. 8), reina no salão por epigramas (cap. 11) e escreve a declaração depois de lutar contra o próprio orgulho (cap. 14). Daí em diante o caso é uma guerra em que quem ama perde: ela se entrega e logo tem horror de ter se dado ao primeiro que apareceu (caps. 16 e 17), jura servidão e a retira (cap. 19), declara que já não o ama (cap. 20). Julien só vence quando aprende a não demonstrar nada, e a cena em que ela cai a seus pés é o triunfo dele (cap. 29), seguido da decisão fria de amedrontá-la (cap. 31).

O orgulho de casta entra quando a gravidez se torna conhecida: o **Marquês de La Mole** não suporta perder o título de duquesa para a filha (cap. 33), e Mathilde responde com o gesto heroico de pedir ajuda à própria rival (cap. 39). Na prisão, Julien recusa apelar para não morrer provocando risos (cap. 42), mas diante da sra. de Rênal já não tem amor-próprio nenhum (cap. 45).

O orgulho é o que liga Julien a Mathilde e o que o separa da sra. de Rênal. Com Mathilde, cada gesto é medido pelo efeito sobre o outro, e o amor só dura enquanto a balança não pende; com a sra. de Rênal, o orgulho é o que ele precisa vencer em si mesmo para ser feliz. O livro termina com os dois movimentos lado a lado: o orgulho que ainda o faz recusar a apelação e a falta de amor-próprio diante da única pessoa a quem ele não precisa provar nada.

O orgulho de Julien desde a primeira conquista, que ele transforma em campanha:

“Seu orgulho não queria deixar nada ao acaso, nem à inspiração do momento. De acordo com as confidências de Fouqué e com o pouco que lera sobre o amor em sua Bíblia, traçou um plano de campanha bastante detalhado.”

Livro I, capítulo 14: A tesoura inglesa

A vitória sobre o patrão, contada no vocabulário da guerra:

Cap. X. Depois de arrancar o aumento, Julien sobe ao bosque e dá nome ao que fez no vocabulário do chefe que admira, a guerra: “Ganhei uma batalha, disse a si mesmo tão logo se viu no bosque e longe do olhar dos homens. Ganhei uma batalha!”

Livro I, capítulo 10: Um grande coração

Mathilde, diante do poder que daria a Julien se o amasse:

Cap. XIV. Mathilde, diante do poder que daria a Julien: “Quais serão suas pretensões, se algum dia tiver todo o poder sobre mim? Pois bem! Direi como Medeia: Em meio a tantos perigos, resta-me EU.”

Livro II, capítulo 14: Pensamentos de uma moça

O triunfo dele, no ponto mais alto da guerra de vaidades:

“Aí está essa orgulhosa, a meus pés!, pensou Julien.”

Livro II, capítulo 29: O tédio

E o fim do amor-próprio, diante da sra. de Rênal:

“Julien não tinha o menor amor-próprio perante ela e lhe contou todas as suas fraquezas.”

Livro II, capítulo 45

FELICIDADE

A felicidade, no romance, quase nunca chega onde **Julien Sorel** a procura. Ela aparece nos intervalos do cálculo: sob a tília, quando a **Madame de Rênal** se deixa viver e ele esquece de fingir (Livro I, cap. 9), e na gruta da montanha, onde, sozinho e livre da hipocrisia, ele se sente mais feliz do que jamais fora (cap. 12). Quando a conquista se cumpre, ao contrário, vem a decepção, e Julien se pergunta se ser feliz e ser amado é só aquilo (cap. 15). Na noite da escada, antes da partida para Paris, o narrador separa a felicidade divina do simples prazer obtido por artifício (cap. 30).

Mathilde de La Mole é a figura de quem tem tudo menos a felicidade. No baile ela conta o que a sorte lhe deu, ilustração, fortuna e juventude, e conclui que falta justamente o essencial (Livro II, cap. 8); quando decide amar, declara a si mesma a felicidade de amar como quem toma uma resolução (cap. 11).

A virada vem na prisão. No torreão, Julien já não pensa no que o ocupava quinze dias antes e descobre que era feliz sem saber (cap. 36); a ambição morre e a lembrança dos dias felizes de Verrières e de Vergy toma o lugar dela (cap. 39); fumando no terraço, ele estranha só ter aprendido a gozar a vida ao ver o fim se aproximar (cap. 40). O reencontro com a sra. de Rênal lhe arranca a frase que fecha o arco (cap. 43), e nas visitas dela ele diz que a ambição o levava para longe justamente quando poderia ter sido feliz nos bosques de Vergy (cap. 45).

Stendhal define a felicidade pelo avesso da ambição: ela está sempre no lugar de onde Julien saiu para subir, e só fica visível quando já não há para onde subir. A gruta, a tília e a cela têm em comum a ausência de público, e é essa a condição que o livro inteiro negou a ele. Não é uma moral de renúncia, porque ninguém no romance é feliz por virtude; é a constatação de que o cálculo e a felicidade não cabem no mesmo tempo.

A gruta, onde a felicidade vem da liberdade e não de uma conquista:

“Com a cabeça apoiada nas mãos, Julien sentiu-se mais feliz na gruta do que jamais fora em toda a vida, agitado pelos devaneios e pelo gozo da liberdade.”

Livro I, capítulo 12: Uma viagem

A conquista cumprida, que decepciona:

“Meu Deus! Ser feliz, ser amado, é só isto?”

O narrador separa a felicidade do prazer obtido por cálculo:

O narrador pesa o preço da vitória: “Se a volta aos sentimentos ternos e o eclipse dos remorsos da sra. de Rênal tivessem chegado um pouco antes, teriam sido uma felicidade divina; obtidos assim, mediante artifício, não passaram de um prazer.”

No reencontro da prisão, a frase que fecha o arco:

“Não poderíamos passar dois meses juntos de uma maneira deliciosa? Dois meses são muitos dias. Nunca terei sido tão feliz.”

E a conta final, feita diante da sra. de Rênal:

“quando poderia ter sido tão feliz em nossos passeios nos bosques de Vergy, uma impetuosa ambição transportava minha alma para regiões imaginárias. [...] Não, eu morreria sem conhecer a felicidade se você não tivesse vindo me ver nesta prisão.”

PERSONAGENS

JULIEN SOREL

Filho de carpinteiro em Verrières, memória prodigiosa, latinista de cor e leitor clandestino de Napoleão. É o protagonista, e o romance existe para acompanhar o cálculo dele por dentro, sem absolver e sem condenar.

O QUE O MOVE

Não é ganância, é lugar. Julien quer entrar num mundo que decidiu não deixá-lo entrar, e percebe cedo que a época fechou a porta pela qual entraria: a farda fazia general aos trinta no tempo de Napoleão, e o que sobrou é a batina (ver **A farda e a batina**).

A palavra para o método não é dele, é do narrador: hipocrisia, e Stendhal a escreve sem eufemismo, ciente de que ela choca.

Antes disso, no mesmo capítulo, vem a explicação do método: “A palavra surpreende os leitores? Até chegar a essa palavra horrível, a alma do jovem camponês teve de percorrer um bom caminho.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

O ressentimento vem antes da ambição, e nasce de uma comparação doméstica, não de teoria política: ele apanha em casa e vê, do lado de fora, gente que vive bem.

O próprio Julien registra, sem dramatizar, a régua que vai usar dali por diante: “Que diferença em relação a mim, pensou Julien. Ontem mesmo meu pai me bateu. Como essa gente rica é feliz!”

Livro I, capítulo 6: O tédio

Cap. VIII. Julien lendo às escondidas o livro que o guia: “Quando o sr. de Rênal estava na cidade, o que acontecia com frequência, arriscava-se a ler; dentro de pouco tempo, em vez de ler à noite, e tomando o cuidado de esconder a lâmpada num vaso de flores emborcado, pôde se entregar ao sono; de dia, no intervalo das lições das crianças, ia aos rochedos com o livro que era sua única regra de conduta e objeto exclusivo de seu arrebatamento. Encontrava nele, a um só tempo, felicidade, êxtase e consolo nas horas de desânimo.”

Livro I, capítulo 8: Pequenos acontecimentos

Cap. IX. Julien queimando o retrato de Napoleão escondido no colchão: “Toda a minha reputação destruída, aniquilada num segundo!, pensava Julien enquanto via a caixa queimar, e minha reputação é o meu único bem, é só por ela que vivo... E ainda assim, que vida, meu Deus!”

Livro I, capítulo 9: Uma noite no campo

O MÉTODO, E ONDE ELE FOI APRENDIDO

Em Verrières a conquista é encenação militar: cada gesto com a senhora de Rênal é campanha, com dever imposto a si mesmo e vitória contabilizada.

Cap. X. Depois de arrancar o aumento, Julien sobe ao bosque e dá nome ao que fez no vocabulário do chefe que admira, a guerra: “Ganhei uma batalha, disse a si mesmo tão logo se viu no bosque e longe do olhar dos homens. Ganhei uma batalha!”

Livro I, capítulo 10: Um grande coração

No seminário (ver **O seminário de Besançon**) ele descobre que mérito não é moeda, e que inteligência exposta é risco. É a lição mais dura do livro e a que muda o personagem de vez.

Julien percebe que seus primeiros passos foram equivocados: a ciência e a lógica, que o distinguiram em Verrières, aqui não valem, e o momento em que ele entende a regra do lugar está nesta constatação amarga: “Então a ciência não vale nada aqui? [...] Meu único mérito consistia em [...] captar essas baboseiras. [...] E eu era tolo em me orgulhar!”

Livro I, capítulo 26: O mundo ou o que falta ao rico

Em Paris o método se refina até a frieza pura, e ele passa a usar em Mathilde uma tática que nem sequer é sua, emprestada de um terceiro: mostrar o contrário do que se espera.

“lembre-se do grande princípio do século: mostre-se o contrário do que esperam do senhor. Aja exatamente tal como agia oito dias antes de ser honrado com seus favores.”

Livro II, capítulo 24: Estrasburgo

Cap. V. O que a religião significava para Julien: “Julien surpreendeu-se; a ideia de religião estava indiscutivelmente ligada, em seu espírito, à hipocrisia e à esperança de ganhar dinheiro.”

Livro II, capítulo 5: A sensibilidade e uma grande piedade

Julien no seminário, entre inimigos: “Seguindo as máximas que se impusera, considerou seus trezentos e vinte e um colegas inimigos, sendo o mais perigoso de todos o abade Pirard. Poucos dias depois, Julien precisou escolher um confessor e lhe apresentaram uma lista. Ah, meu Deus! Por quem me tomam?, ele pensou. Será que acham que não sei onde estou pisando? Escolheu o abade Pirard.”

Livro I, capítulo 26: O mundo ou o que falta ao rico

ONDE ELE SE DESMENTE

O personagem seria pequeno se fosse coerente. O que o salva é que o cálculo falha exatamente nos momentos decisivos: quando a carta da senhora de Rênal desfaz o casamento e o futuro que já estavam nas mãos, ele não manobra para salvar o que resta, atira nela na igreja e perde tudo de vez, e depois, preso, escolhe a paz de dois meses com a senhora de Rênal em vez de qualquer manobra para escapar.

“Não poderíamos passar dois meses juntos de uma maneira deliciosa? Dois meses são muitos dias. Nunca terei sido tão feliz.”

Livro II, capítulo 43

No tribunal ele faz o oposto do que a ambição mandaria: em vez de se defender, acusa, e transforma o próprio julgamento em acusação de classe.

“Senhores, não tenho a honra de pertencer à sua classe, os senhores veem em mim um camponês que se revoltou contra a baixaza de sua sorte.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

Julien na prisão, pensando na sra. de Rênal: “Depois de uma ação dessas, como persuadi-la de que é a ela que amo, unicamente? Pois, afinal, quis matá-la por ambição ou por amor a Mathilde.”

Livro II, capítulo 42

Julien na prisão: “Contudo, é estranho que eu só tenha conhecido a arte de gozar a vida depois de ver seu termo se aproximar.”

Livro II, capítulo 40: A tranquilidade

O TONEL FURADO, E A SAÍDA QUE SÓ A PRISÃO DÁ

Pelo Górgias, a ambição de Julien é o tonel furado: cada vitória escoia no instante em que se completa. Ele acaba de virar La Vernaye e pensa que o romance dele terminou, e dois dias depois o posto de tenente já é pouco. O arco dele, porém, não é o de Mathilde. Ela oscila sem sair do lugar; ele só encontra a vida que se satisfaz com o dia presente na prisão, quando os dias estão contados, e é essa a ironia do livro: a temperança chega quando já não há futuro a disputar.

“a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter, comparou a um tonel furado, por isso mesmo que nunca revela saciedade”

Górgias

Em Estrasburgo, dois dias depois da patente, a vitória já não basta: “Mal se tornara tenente, por favor e havia dois dias, já calculava que para ser comandante em chefe aos trinta anos, ao mais tardar, como todos os grandes generais, era necessário ser mais do que tenente aos vinte e três anos.”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

O mito serve a Sócrates para uma escolha entre duas vidas, e a temperança é o nome da que não vaza: Cálicles deveria “em vez de uma vida intemperante e insaciável preferires a bem ordenada e que se satisfaz com o que o dia presente lhe oferece”

Górgias

O pêndulo de Arthur Schopenhauer serve a ele pelo contraste. Julien não conhece o tédio de Mathilde, conhece só a falta, e sai da oscilação não pela negação da vontade, mas pelo amor recuperado pela senhora de Rênal.

“A vida do homem oscila, como uma pêndula, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos.”

Dores do Mundo - Parte 1 - As dores do mundo

O LUGAR DELE NA MÁQUINA DA RESTAURAÇÃO

O bonapartismo de Julien costuma ser lido como excentricidade de leitor solitário, e o próprio romance desmente isso: a mesma nostalgia que ele guarda escondida é o que os pedreiros do claustro dizem em voz alta, sem ler nada.

Julien ouve por acaso, no jardim, os pedreiros do claustro comentarem o recrutamento, e a conversa deles nomeia sem rodeios o que a Restauração fechou: “No tempo do outro, aí sim! Um pedreiro se tornava oficial, se tornava general, a gente via isso acontecer.”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

Ao se afastar, Julien repete baixinho a mesma nostalgia dos pedreiros, prova de que seu bonapartismo não é peculiaridade de leitura, é sentimento vivo na rua: “O único rei de que o povo se lembra!”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

Isso muda a natureza do personagem. Admirar Napoleão em 1830 não é gosto literário, é posição política proibida, e a hipocrisia dele deixa de ser vício de caráter para virar a única língua disponível a quem pensa assim e quer comer.

No seminário ele descobre que a briga não é teológica. **Abade Pirard** é jansenista e **Abade de Frilair** é o homem da congregação, e Julien é punido por estar do lado que perdeu, com uma precisão administrativa que o livro faz questão de nomear.

O alcance da rede que arma essa vingança é descrito sem meias palavras: “aquele homem hábil que organizara tão sabiamente a rede da congregação de Besançon e cujas missivas para Paris faziam tremer juizes, o governador e até os oficiais da guarnição, escrevesse, de próprio punho, o número 198 ao lado do nome de Julien.”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

Em Paris, quem lhe explica a própria posição é o conde Altamira, condenado à morte no país dele, e a frase divide a mesa em duas espécies de estrangeiro.

“O senhor e eu, nesse jantar, seremos os únicos sem mancha de sangue, mas eu serei desprezado e quase odiado como um monstro sanguinário e jacobino, e o senhor, desprezado simplesmente como homem do povo, um intruso na boa sociedade.”

Livro II, capítulo 9: O baile

A carreira dele chega ao ponto mais alto quando vira instrumento político, e não quando vira genro: no capítulo XXI do Livro segundo, o **Marquês de La Mole** o leva a uma reunião conspirativa de que ele redige a ata, e é a nota secreta tirada dela, a de uma conjura ultrarrealista, que Julien decora e transporta.

“vou levá-lo a um salão onde doze pessoas estarão reunidas; o senhor deverá anotar o que cada um disser.”

Livro II, capítulo 21: A nota secreta

“A nota secreta que o marquês redigiu, baseada na longa ata de vinte e seis páginas escrita por Julien, só ficou pronta às quinze para as cinco.”

Livro II, capítulo 23: O clero, os bosques, a liberdade

E o fecho é a mesma máquina fechando a mão sobre ele. O discurso ao júri é acusação de classe, e o júri que o ouve tinha sido arranjado pelo padre de Frilair, que contava com seis jurados e lhes deu a entender que o bispado dependia deles. O arranjo era para salvá-lo, e quem o desfaz é Valenod, o agente do próprio Frilair, que já tem no bolso a nomeação para governador e se dá o prazer de condenar o antigo rival.

“Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é incontestável e, sobretudo, se houve premeditação, conto com seis amigos devotados a minha causa, e dei-lhes a entender que dependia deles levar-me ao bispado.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

“Ela lhe contou que, no dia do julgamento, o sr. de Valenod, tendo no bolso sua nomeação para governador, ousara zombar do padre de Frilair e dar-se o prazer de condenar Julien à morte.”

Livro II, capítulo 44

Julien é condenado, portanto, por um tribunal que funciona exatamente como a carreira que ele tentou escalar. É a ironia mais dura do livro, e ela só aparece quando se lê o processo como política, e não como desfecho romanesco.

POR QUE ELE REAPARECE FORA DO LIVRO

Julien é o modelo do arrivista moderno, e a discussão que ele abre não envelheceu: quando a hipocrisia é a única língua disponível para quem não nasceu no lugar certo, ela é defeito de caráter ou resposta racional? É o mesmo terreno de Rodion Românovitch Raskólnikov em Crime e Castigo, com uma diferença que vale a comparação: Raskólnikov mata por teoria e desmorona por consciência, Julien calcula por posição e desmorona por afeto.

MADAME DE RÊNAL

Mulher do prefeito de Verrières, mãe de três filhos, devota e sem nenhum treino de sociedade. Recebe em casa Julien, que o marido contrata como preceptor dos filhos, e é o primeiro amor dele, o mais verdadeiro dos dois, e o que decide o fim do livro.

O QUE ELA É, E O QUE ELA NÃO É

Não é a mulher ardilosa que a trama pediria. Ela não sabe que está se apaixonando enquanto se apaixona, e essa inconsciência é o traço que Stendhal protege do começo ao fim: onde Mathilde delibera, ela apenas obedece ao que sente.

“A sra. de Rênal encontrava razões para fazer o que seu coração lhe ditava; essa moça da alta sociedade só deixa o coração se comover depois de encontrar boas razões para que se comova.”

Livro II, capítulo 30: Um camarote na Ópera Bouffe

A felicidade dela é medida em coisa nenhuma. A pergunta abaixo, que costuma ser lembrada ao lado dela, é de Julien, não dela: ele a faz ao sair do quarto, na primeira noite, e o contraste é que ela não pergunta nada.

“Meu Deus! Ser feliz, ser amado, é só isto?”

Livro I, capítulo 15: O canto do galo

Cap. VII. O narrador sobre a formação sentimental da sra. de Rênal: “A sra. de Rênal, rica herdeira de uma tia devota, casada aos dezesseis anos com um bom fidalgo, nunca na vida sentira ou vira nada que se parecesse minimamente com o amor.”

Livro I, capítulo 7: As afinidades eletivas

Cap. VIII. A ideia que a sra. de Rênal fazia das paixões: “ela pensava nas paixões como nós pensamos na loteria: engodo certo e felicidade buscada por loucos.”

Livro I, capítulo 8: Pequenos acontecimentos

Cap. IX. Na mesma noite, do lado dela: “Quanto à sra. de Rênal, de mãos dadas com Julien, esta não pensava em nada, deixava-se viver.”

Livro I, capítulo 9: Uma noite no campo

O PAPEL DELA NA MECÂNICA DO ROMANCE

Ela é a única personagem que não calcula, e por isso funciona como régua: tudo que Julien faz ganha sentido quando comparado a alguém que age sem estratégia. Enquanto ele contabiliza vitórias, ela vive o que está acontecendo, e é justamente essa assimetria que faz o leitor perceber a frieza dele sem que o narrador precise dizer.

E é ela quem derruba tudo, num gesto que não é vingança calculada, e sim consciência religiosa cobrando a conta: a carta ao **Marquês de La Mole**, redigida pelo jovem padre que a dirigia e copiada por ela, chega às vésperas do triunfo e desfaz o casamento e o futuro inteiro.

“Pobre e ambicioso, foi com a ajuda da mais consumada hipocrisia e pela sedução de uma mulher fraca e infeliz, que esse homem tentou alcançar uma posição e chegar a ser alguém.”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

Com a doença do filho, o remorso da sra. de Rênal: “a sra. de Rênal de repente sucumbiu a um terrível remorso. Pela primeira vez, censurou-se firmemente por seu amor; pareceu compreender, como por milagre, o logro enorme a que se deixara arrastar. Embora de um caráter profundamente religioso, até então ela não pensara na dimensão de seu crime aos olhos de Deus.”

Livro I, capítulo 19: Pensar faz sofrer

O QUE ELA FAZ SEM SABER QUE É POLÍTICA

Ela é a personagem que não calcula, e nem por isso está fora da máquina: é justamente por não calcular que reproduz a régua da época com naturalidade, e o livro a mostra fazendo isso três vezes.

A primeira é ao sonhar com o futuro dos filhos, repartindo-os pelas três carreiras que a Restauração deixou abertas a quem tem nome.

A própria *Madame de Rênal*, ao pensar no futuro dos filhos, reproduz sem perceber a régua de carreiras fechadas que rege toda a cidade: “Gostava do sr. de Rênal sobretudo quando ele lhe falava de seus projetos para os filhos, destinando um deles às armas, o segundo à magistratura e o terceiro à Igreja.”

Livro I, capítulo 3: Um cura

A segunda é ao gastar toda a influência que tem para tirar Julien da batina (ver *A farda e a batina*) por um dia, e o que ela obtém é um favor tomado de filhos de fabricantes ricos, isto é, uma peça exata da economia de proteção que rege Verrières.

A *Madame de Rênal* usa toda a influência que tem para tirar Julien das roupas pretas (ver *A farda e a batina*) por um dia, e consegue mais do que imaginava: “obteve primeiro do sr. Moirod, e em seguida do subgovernador de Maugiron, que Julien fosse nomeado guarda de honra em prejuízo de cinco ou seis filhos de fabricantes muito abastados, e dos quais pelo menos dois eram de uma piedade exemplar.”

Livro I, capítulo 18: Um rei em Verrières

A terceira é a mais grave, e é o gesto que derruba o livro inteiro. A carta ao marquês não é vingança de mulher traída: quem a impõe é o confessor dela, um jovem padre recém-chegado de Dijon, que a redige; ela só a copia, abrandando os piores trechos, e mais tarde põe a culpa na religião, que age assim, uma última vez, pela mão de quem menos quer agir.

“Pobre e ambicioso, foi com a ajuda da mais consumada hipocrisia e pela sedução de uma mulher fraca e infeliz, que esse homem tentou alcançar uma posição e chegar a ser alguém.”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

“A carta para o sr. de La Mole tinha sido escrita pelo jovem padre que era conselheiro espiritual da sra. de Rênal e, depois, fora copiada por ela.”

Livro II, capítulo 43

O marido, do outro lado, mede tudo pelo cargo, e o medo dele é eleitoral antes de ser conjugal.

A ameaça que paira sobre o *Monsieur de Rênal* não é só de fortuna, é política: “O sr. de Rênal falava de política com raiva: dois ou três industriais de Verrières estavam se tornando decididamente mais ricos do que ele e queriam enfrentá-lo nas eleições.”

Livro I, capítulo 11: Uma noite

O FIM, QUE É O FECHO DO LIVRO

Depois do tiro, na prisão, é com ela que Julien tem as horas mais felizes da vida, e ele mesmo diz isso sem retórica de despedida.

“Não poderíamos passar dois meses juntos de uma maneira deliciosa? Dois meses são muitos dias. Nunca terei sido tão feliz.”

Livro II, capítulo 43

E a morte dela fecha o romance em silêncio, três dias depois, sem gesto grandioso nenhum, no contraste exato com o que Mathilde faz no mesmo capítulo.

“A sra. de Rênal se manteve fiel a sua promessa. Não tentou de modo algum atentar contra sua vida; mas, três dias depois morreu abraçada aos filhos.”

Livro II, capítulo 45

MATHILDE DE LA MOLE

Filha do **Marquês de La Mole**, jovem, riquíssima, entediada e leitora. É o segundo amor de Julien, e o oposto exato do primeiro: onde a senhora de Rênal ama sem saber, ela decide amar.

O QUE A MOVE

Tédio, e a suspeita de que a própria época não oferece nada digno de admiração. Ela cultua um ancestral executado no século XVI porque prefere a grandeza sangrenta do passado à mediocridade confortável do salão. Quem apresenta esse ancestral a Julien, porém, é o **Abade Pirard**, e falando do irmão dela, o jovem conde Norbert, que deverá desprezá-lo por ser pequeno-burguês.

“O ancestral dele era da corte e teve a honra de ter a cabeça cortada na Place de Grève, no dia 26 de abril de 1574, por causa de uma intriga política. O senhor é filho de um carpinteiro de Verrières e, ainda por cima, a serviço do pai dele.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

A régua dela para julgar um homem é explícita, e é o que torna Julien interessante aos olhos dela muito antes de qualquer afeto.

“Acho que só a condenação à morte honra um homem [...], é a única coisa que não se compra.”

Livro II, capítulo 8: Qual a condecoração mais honrosa

Cap. VIII. Mathilde no baile, medindo os pretendentes: “Qual dentre eles, pensava, poderia fazer-se condenar à morte, mesmo supondo todas as condições favoráveis?”

Livro II, capítulo 8: Qual a condecoração mais honrosa

Cap. VIII. Mathilde e a sua máxima: “Eis aí, pensou Mathilde, uma bela prova de minha máxima: a origem nobre tira a força de caráter sem a qual não é possível fazer-se condenar à morte!”

Livro II, capítulo 8: Qual a condecoração mais honrosa

Cap. VIII. Mathilde no baile: “Onde está o prazer para mim, acrescentou com tristeza, se, após seis meses de ausência, não o encontro no baile que causa inveja a todas as mulheres de Paris? E ainda por cima estou aqui cercada de todas as homenagens de uma sociedade que não poderia imaginar

mais bem-composta. Não há aqui, da burguesia, mais do que alguns pares e talvez um ou dois Julien. E, no entanto, acrescentou com uma tristeza crescente, que vantagens a sorte não me concedeu: ilustração, fortuna, juventude, ai de mim!, tudo, exceto a felicidade.”

Livro II, capítulo 8: Qual a condecoração mais honrosa

O TONEL FURADO E O PÊNDULO

O tédio dela tem duas leituras que se completam e não se confundem. Pelo Górgias, Mathilde é a não iniciada do mito: tem tudo e nada retém, porque lhe falta temperança, e a vida que ela recusa é justamente a que se satisfaz com o que o dia presente oferece. Por Arthur Schopenhauer, ela oscila entre o tédio da posse e a dor da falta: entedia-se com o que tem, deseja Julien enquanto ele é perigoso, despreza-o depois da conquista e volta a sofrer quando ele se afasta pelo método Korasoff. Com Platão a falta é dela e tem remédio; com Schopenhauer ela é só o caso extremo de uma condição humana.

“a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter, comparou a um tonel furado, por isso mesmo que nunca revela saciedade”

Górgias

O mito tem dois recipientes furados, e o segundo é o que carrega a água: os não iniciados, no Hades, “carregam água para o tonel furado num crivo também cheio de furos. Por esse crivo ele entendia a alma, como me explicou quem me contou a história. Comparou a alma dos insensatos a um crivo que é cheio de furos, pois nada consegue reter, visto carecer de fé e memória.”

Górgias

O mito serve a Sócrates para uma escolha entre duas vidas, e a temperança é o nome da que não vaza: Cálicles deveria “em vez de uma vida intemperante e insaciável preferires a bem ordenada e que se satisfaz com o que o dia presente lhe oferece”

Górgias

“A vida do homem oscila, como uma pêndula, entre a dor e o tédio, tais são na realidade os seus dois últimos elementos.”

Dores do Mundo - Parte 1 - As dores do mundo

O AMOR COMO PROJETO

Mathilde não se apaixona por Julien, ela se apaixona pela própria coragem de amar abaixo da própria classe. É amor lido antes de ser vivido, com modelo histórico, papel a desempenhar e plateia imaginária, e Stendhal o nomeia com todas as letras.

“Na verdade, seu entusiasmo era um pouco deliberado. O amor apaixonado, mais do que uma realidade, ainda era um modelo que se imitava.”

Livro II, capítulo 16: Uma hora da manhã

O narrador separa esse amor do outro por espécie, não por intensidade, e a frase é a chave de qualquer discussão sobre os dois.

“O amor cerebral é sem dúvida mais espirituoso que o verdadeiro amor, mas só tem alguns instantes de entusiasmo; ele se conhece demais, ele se julga sem cessar; em vez de extraviar o pensamento, só se constrói por força dos pensamentos.”

Livro II, capítulo 19: A Ópera Bouffe

Por isso ela só se rende quando é tratada com indiferença calculada, e a rendição vem em forma de humilhação escolhida, que é o que ela sempre quis encenar.

“Aí está essa orgulhosa, a meus pés!, pensou Julien.”

Livro II, capítulo 29: O tédio

Cap. XIV. Mathilde, diante do poder que daria a Julien: *“Quais serão suas pretensões, se algum dia tiver todo o poder sobre mim? Pois bem! Direi como Medeia: Em meio a tantos perigos, resta-me EU.”*

Livro II, capítulo 14: Pensamentos de uma moça

O QUE O ORGULHO DELA TEM DE POLÍTICO

O culto ao ancestral decapitado não é gosto mórbido isolado: é a forma que a nostalgia da nobreza toma numa casa que perdeu o poder de fato e ficou com o nome. O salão do pai vive com medo, e Julien lê esse medo no próprio mármore da porta.

“Tal ostentação desagradou a Julien. Eles têm tanto medo dos jacobinos! Veem um Robespierre e sua carroça atrás de cada sebe; estão sempre zombando de tudo e exibem dessa forma sua casa para que a canalha a reconheça, em caso de tumulto, e a pilhe.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

É essa a matéria que produz alguém como Mathilde. Numa classe que se protege do século em vez de disputá-lo, a única grandeza disponível é a do passado, e ela vai buscá-la em 1574 porque 1830 não lhe oferece nada para admirar.

E o fim confirma a leitura pelo lado prático. Quando resolve salvar Julien, ela não apela a argumento nenhum: vai ao **Abade de Frilair**, o homem da congregação em Besançon, faz chegar até ele, pela correspondência com a senhora de Fervaques, a palavra "bispado", e ele responde contando os jurados que diz ter na mão.

“Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é incontestável e, sobretudo, se houve premeditação, conto com seis amigos devotados a minha causa, e dei-lhes a entender que dependia deles levar-me ao bispado.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

A mesma máquina que ela despreza no salão é a que ela aciona sem hesitar quando precisa. É o que separa o orgulho dela do de Julien: ele quer entrar pela janela porque a porta está fechada, e ela tem a chave e finge não gostar da casa.

O FIM, E O QUE ELE REVELA

Depois da execução, ela encena o gesto que vinha ensaiando desde o começo: enterra a cabeça do amante com as próprias mãos, repetindo o culto ao ancestral do século XVI.

“Quando Fouqué criou coragem para olhar, ela havia posto, numa pequena mesa de mármore, diante de si, a cabeça de Julien e beijava-a na testa...”

Livro II, capítulo 45

O contraste com a morte silenciosa da senhora de Rênal, três dias depois e no mesmo capítulo, é a última coisa que o livro faz, e não é acidente: um amor produz cerimônia, o outro produz consequência. Stendhal não diz qual vale mais, ele põe os dois lado a lado e sai de cena.

MONSIEUR DE RÊNAL

QUEM É

Prefeito de Verrières, dono da fábrica de pregos, que fez fortuna com o comércio de ferro, e marido de **Madame de Rênal**. A nota do **capítulo 2 do Livro I** mede a grandeza dele em muros construídos e plátanos podados duas vezes por ano, dentro da régua que o narrador escreve em maiúsculas nesse capítulo.

O narrador entrega a chave da cidade numa única frase maiúscula, que funciona como epígrafe interna do capítulo II: “Eis a grande palavra que decide tudo em Verrières: DAR LUCRO. Por si só representa o pensamento habitual de mais de três quartos dos habitantes.”

Livro I, capítulo 2: Um prefeito

TRAJETÓRIA

No **capítulo 3 do Livro I**, a decisão de contratar **Julien Sorel** como preceptor nasce da disputa de prestígio com **Valenod**.

*A decisão de contratar **Julien Sorel**, no capítulo III, nasce menos do afeto que da disputa de prestígio entre os dois homens fortes da cidade: “o Valenod está muito orgulhoso dos dois belos cavalos normandos que acaba de comprar para sua caleche. Mas não tem preceptor para os filhos.”*

Livro I, capítulo 3: Um cura

Na negociação do salário do filho, quem leva a melhor é **Sorel pai**.

*Cap. V. Na negociação do salário do filho, o **Sorel pai** leva a melhor sobre o prefeito: “a astúcia do camponês venceu a astúcia do homem rico, que não precisa dela para viver.”*

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

No primeiro encontro tenta examinar o latim do preceptor com um verso de Horácio, e Julien se esquivava pela vocação.

*Cap. VI. No primeiro encontro, Julien usa a vocação como escudo contra o exame de latim do **Monsieur de Rênal**: “O amor-próprio do sr. de Rênal o deixava inquieto; em vez de pensar em examinar o preceptor, concentrava-se em procurar na memória algumas palavras latinas;*

finalmente pôde dizer um verso de Horácio. Julien só sabia o latim de sua Bíblia. Respondeu franzindo as sobrancelhas: — O santo ministério a que me destino proibiu-me de ler poeta tão profano.”

Livro I, capítulo 6: O tédio

Recusa a ideia da mulher de dar roupas a Julien. Mais adiante no mesmo capítulo, quando ela conta que Julien recusou os luíses que ela lhe oferecera, ele a repreende por tolerar a recusa de um criado e cita uma frase atribuída ao príncipe de Condé sobre as Memórias de Besenval: "Toda essa gente são nossos criados".

Cap. VII. A sra. de Rênal e o marido diante da pobreza de Julien: “o nome de Julien e a sensação de uma alegria pura e intelectual eram sinônimos para ela. Atormentada pela ideia da pobreza do rapaz, a sra. de Rênal falou com o marido sobre presenteá-lo com roupas: — Que bobagem! — ele respondeu. — Que nada! Dar presentes a um homem com o qual estamos absolutamente satisfeitos? E que nos serve direito? Só se ele se tornasse negligente seria necessário estimular seu zelo.”

Livro I, capítulo 7: As afinidades eletivas

A mulher gosta dele sobretudo quando ele fala dos projetos para os três filhos.

A própria *Madame de Rênal*, ao pensar no futuro dos filhos, reproduz sem perceber a régua de carreiras fechadas que rege toda a cidade: “Gostava do sr. de Rênal sobretudo quando ele lhe falava de seus projetos para os filhos, destinando um deles às armas, o segundo à magistratura e o terceiro à Igreja.”

Livro I, capítulo 3: Um cura

A ameaça que pesa sobre ele é de cargo, e ele fala de política com raiva.

A ameaça que paira sobre o *Monsieur de Rênal* não é só de fortuna, é política: “O sr. de Rênal falava de política com raiva: dois ou três industriais de Verrières estavam se tornando decididamente mais ricos do que ele e queriam enfrentá-lo nas eleições.”

Livro I, capítulo 11: Uma noite

Diante de uma grosseria dele, a mulher sente pela primeira vez desejo de vingança.

Cap. IX. Diante da grosseria do marido: “Pela primeira vez na vida a sra. de Rênal sentiu uma espécie de desejo de vingança contra o marido.”

Livro I, capítulo 9: Uma noite no campo

No capítulo 19 do Livro I, quando o filho Stanislas adoece, a mulher se lança aos pés dele para confessar tudo, e é detida só porque ele a acha "romanesca" e vai dormir. No capítulo 21 do Livro I, depois da carta anônima, passa a noite com uma faca de caça na mão, deliberando entre matar a mulher, expulsá-la ou fingir não saber de nada, e vence o cálculo de fortuna e reputação.

O sr. de Rênal passa a noite deliberando entre matar a mulher, expulsá-la ou fingir não saber de nada; vence o cálculo de fortuna e reputação, não a paixão nem o perdão: “Estou acostumado com Louise [...]; se eu estivesse livre para me casar amanhã, não encontraria quem a substituísse.”

O mesmo devaneio, em que ele chega a examinar a faca de caça, nomeia a rede que o protegeria se o caso chegasse a sangue: “O Código Penal está a meu favor e, o que quer que aconteça, nossa congregação e meus amigos do júri me salvarão.”

No capítulo 21 do Livro I descarrega a raiva sobre a mulher.

O sr. de Rênal descarregando a raiva sobre a mulher: “Sua negligência, sua preguiça só permitem a atividade da caça às borboletas, criaturas fracas que temos a infelicidade de ter em nossas famílias!... A sra. de Rênal o deixava falar, e ele falou bastante; ele punha a raiva para fora, como dizem na região.”

A mulher dita a Julien como fabricar uma segunda carta anônima, com palavras recortadas de livro e coladas em papel do próprio Valenod, para que o marido acredite que o autor da primeira é o rival.

No capítulo 1 do Livro II, já fora da ação, o nome dele volta na diligência para Paris: Julien o propõe como exemplo, Falcoz o comenta, e Saint-Giraud o põe no começo de uma sucessão de reinos de província.

“Bonaparte, que o céu o fulmine e sua tralha monárquica, tornou possível o reino dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reino dos Valenod e dos Maslon.”

No Livro II reaparece de longe: a mulher lhe prometera não deixar a cama e vai a Besançon assim mesmo (capítulo XL), e três dias depois do reencontro na prisão ele manda a carruagem e ordena que ela volte a Verrières (capítulo XLIII).

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Dinheiro e riqueza, Honra e reputação e Política.

Na noite da faca de caça, o sr. de Rênal decide o casamento pela mesma régua com que Verrières decide tudo: a frase com que fica com a mulher fala de costume e de substituição, e a proteção com que conta é a da congregação e dos amigos do júri. A rede clerical que, no fim do livro, decide o júri de Julien aparece aqui pela primeira vez como garantia, na cabeça de um marido traído.

RELAÇÕES

- **Madame de Rênal:** a mulher, que ele chama de Louise e cuja confissão ele não escuta.
- **Julien Sorel:** o preceptor que ele contrata para não ficar atrás do Valenod.
- **Valenod:** o rival na cidade, a quem a segunda carta anônima atribui a primeira.
- **Sorel pai:** que o vence na negociação do salário do filho.
- **Abade Chélan:** posto ao lado dele por Saint-Giraud, no "reino dos Rênal e dos Chélan".

MARQUÊS DE LA MOLE

QUEM É

Fidalgo de Paris, pai de **Mathilde de La Mole** e de Norbert, em cuja mansão **Julien Sorel** vive no Livro II como secretário. O ancestral que dá nome à família é Boniface de La Mole, decapitado em 1574 (ver **A cabeça cortada**).

TRAJETÓRIA

No **capítulo 19 do Livro I**, antes de aparecer, ele já é destinatário: depois da visita do rei, um súdito de Verrières lhe escreve pedindo um emprego pela lealdade demonstrada.

*Cholin, súdito de Verrières, escreve ao **Marquês de La Mole** para pedir emprego pela lealdade demonstrada, não pelo mérito: “Peço ao senhor marquês a agência de loteria de Verrières, que em breve certamente estará vaga de um modo ou de outro, já que o titular se acha muito doente e, aliás, vota mal nas eleições etc.”*

Livro I, capítulo 19: Pensar faz sofrer

Corre em paralelo o processo dele contra **Abade de Frilair** por uma herança de terras, no qual **Abade Pirard** o defendia havia anos. É Pirard, já em Paris a serviço do marquês, quem sugere Julien como secretário. o guia registra ainda que os quinhentos francos que Julien atribuía à sra. de Rênal vieram, na verdade, do marquês.

No **capítulo 1 do Livro II**, Pirard descreve a família a Julien: o marquês paga bem e por capricho, e o filho é descrito assim.

*Cap. I. O **Abade Pirard** descrevendo a família de La Mole: “Ele tem dois filhos, uma filha e um filho de dezenove anos, elegante por excelência, um extravagante que nunca sabe ao meio-dia o que fará às duas horas.”*

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

O nome da família está gravado em mármore negro na porta da mansão, e Julien lê nisso medo.

“Tal ostentação desagradou a Julien. Eles têm tanto medo dos jacobinos! Veem um Robespierre e sua carroça atrás de cada sebe; estão sempre zombando de tudo e exibem dessa forma sua casa para que a canalha a reconheça, em caso de tumulto, e a pilhe.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

Recebe Julien, manda arrumar vinte e duas camisas ("Eis o primeiro quarto de seu ordenado") e desanima ("É tempo perdido toda essa experiência") quando Julien escreve "isso" com um só s. Segundo Pirard, o marquês não gosta de escrevinhadores.

Cap. IV. Os anfitriões do palácio de La Mole: “No fundo, os anfitriões experimentavam muito orgulho e muito tédio; estavam acostumados à maledicência para se distrair, para que pudessem esperar verdadeiros amigos.”

Livro II, capítulo 4: A mansão de La Mole

No **capítulo 7 do Livro II** a gota o prende em casa, e Julien vira sua companhia exclusiva; à noite, de traje azul, Julien é tratado como irmão caçula do conde de Chaulnes, e de manhã, de traje preto, volta a ser secretário.

“Se é possível apegar-se a um belo cocker spaniel, pensava o marquês, por que me envergonho tanto de me apegar a esse padrezinho? Ele é original. Trato-o como a um filho. Pois bem! Onde está a inconveniência?”

Livro II, capítulo 7: Uma crise de gota

No baile, Mathilde compara Julien ao pai.

Cap. IX. Mathilde observando Julien no baile: “Nunca se refere a si mesmo! Não é como Caylus ou Croisenois. Esse Sorel parece um pouco meu pai imitando à perfeição Napoleão no baile.”

Livro II, capítulo 9: O baile

No **capítulo 17 do Livro II**, na cena da espada, Julien recua ao lembrar do marquês, seu benfeitor. Nos capítulos **XXI** a **XXIII** o marquês recruta Julien para levar uma nota conspiratória a um duque, e propõe ele mesmo, na reunião, um exército privado de fidalgos.

“vou levá-lo a um salão onde doze pessoas estarão reunidas; o senhor deverá anotar o que cada um disser.”

Livro II, capítulo 21: A nota secreta

“Que cada um de nós sacrifique um quinto de seus rendimentos para formar essa pequena tropa devotada de quinhentos homens por departamento.”

Livro II, capítulo 22: A discussão

“A nota secreta que o marquês redigiu, baseada na longa ata de vinte e seis páginas escrita por Julien, só ficou pronta às quinze para as cinco.”

Livro II, capítulo 23: O clero, os bosques, a liberdade

No **capítulo 32 do Livro II**, Mathilde lhe escreve uma carta de oito páginas sobre a gravidez. No **capítulo 33 do Livro II**, ele reage com a fúria de quem vê arruinado o sonho de dez anos de ver a filha duquesa, e no **capítulo 34 do Livro II** cede em etapas: doa terras e depois dá a Julien uma patente e um nome.

“Abstenha-se de fazer novas loucuras; eis uma patente de tenente dos hussardos para o senhor cavaleiro Julien Sorel de La Vernaye. [...] Que ele parta nas próximas vinte e quatro horas para apresentar-se em Estrasburgo, onde fica seu regimento.”

Livro II, capítulo 34: Um homem de espírito

É a ele que chega a carta da sra. de Rênal, e depois dela ele some.

“Pobre e ambicioso, foi com a ajuda da mais consumada hipocrisia e pela sedução de uma mulher fraca e infeliz, que esse homem tentou alcançar uma posição e chegar a ser alguém.”

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Classe social, Política e Poder.

O marquês dá lugar a Julien sempre por troca de roupa ou de nome: o traje azul da noite e o preto da manhã, a missão em que Julien carrega a conspiração decorada sem ser chamado a opinar sobre ela, e por fim a patente com o nome La Vernaye. Em nenhum desses passos Julien entra na casa como Sorel.

RELAÇÕES

- **Mathilde de La Mole**: a filha, cuja carta de oito páginas o leva a ceder.
- **Julien Sorel**: o secretário, depois o tenente Julien Sorel de La Vernaye.
- **Abade Pirard**: o abade que o defendia no processo e que lhe indica Julien.
- **Abade de Frilair**: a parte contrária no processo da herança.
- **Madame de Rênal**: a autora da carta que chega a ele às vésperas do casamento.

ABADE CHÉLAN

QUEM É

Cura de Verrières, com oitenta anos no começo do livro, ameaçado de destituição por ter recebido na prisão um inspetor liberal. A nota do **capítulo 3 do Livro I** o descreve como a única figura da cidade que não mede as coisas em dinheiro, e diz que é por isso que ele perde o cargo.

TRAJETÓRIA

No **capítulo 3 do Livro I**, o retrato de abertura vem com a resposta dele ao sr. de Rênal e ao **Valenod**, que vão à casa dele expressar descontentamento: ele se mede pelos anos de batismos e casamentos na cidade.

“Há cinquenta e seis anos que estou aqui; batizei quase todos os habitantes da cidade, que não passava de um vilarejo quando cheguei. Faço todos os dias o casamento de jovens cujos avós foram casados por mim. Verrières é minha família”

Livro I, capítulo 3: Um cura

No **capítulo 7 do Livro I** ele aparece de novo, de lado, na formação da **Madame de Rênal**: como confessor, foi o único que lhe falou de amor, e falou para pintá-lo como libertinagem.

“O bom cura Chélan, seu confessor, fora o único que lhe falara do amor, a propósito do assédio do sr. Valenod, e lhe pintara um quadro tão repugnante que para ela a palavra representava a mais abjeta libertinagem.”

Livro I, capítulo 7: As afinidades eletivas

No **capítulo 18 do Livro I**, o padre Maslon recusa recebê-lo no cortejo da visita do rei.

*O ódio entre o clero ultrarrealista e o jansenismo, que vai definir todo o seminário de Besançon (ver **O seminário de Besançon**), já aparece aqui em ponto pequeno, na recusa do padre Maslon a receber o*

cura **Abade Chélan** no cortejo: “— Estarei desonrado aqui e em Besançon — o padre Maslon respondeu — se ele aparecer em meu clero. Um jansenista, santo Deus!”

Livro I, capítulo 18: Um rei em Verrières

Avisado por Elisa, ordena a **Julien Sorel** que deixe Verrières em três dias, para o seminário (ver **O seminário de Besançon**) ou para a casa do amigo Fouqué. No seminário, **Abade Pirard** aceita Julien por causa dele e lhe atribui a formação bíblica do rapaz.

O exame de teologia com o abade Pirard: “O abade Pirard submeteu Julien a um exame em teologia, e ficou surpreso com a extensão de seus conhecimentos. Seu espanto aumentou quando o interrogou sobre a Sagrada Escritura. Mas, quando chegou às questões sobre as doutrinas dos Padres da Igreja, percebeu que Julien mal conhecia os nomes de são Jerônimo, santo Agostinho, são Boaventura, são Basílio etc. etc. Com efeito, pensou o abade Pirard, eis aí a tendência fatal ao protestantismo que sempre reprovei em Chélan. Um conhecimento profundo e demasiado profundo da Sagrada Escritura.”

Livro I, capítulo 25: O seminário

No **capítulo 1 do Livro II**, Saint-Giraud põe o nome dele ao lado do de Rênal.

“Bonaparte, que o céu o fulmine e sua tralha monárquica, tornou possível o reino dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reino dos Valenod e dos Maslon.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

No **capítulo 37 do Livro II**, já muito velho, visita Julien na prisão, e a nota o põe ao lado de Fouqué como forma de afeto sem cálculo, que Julien mal sabe receber. Ele vem retirado da montanha, devolve os quinhentos francos que Julien mandara aos pobres de Verrières e quase não consegue falar.

“A mão do tempo se abatera sobre aquele homem outrora tão enérgico. Parecia a sombra de si mesmo, pensou Julien.”

Livro II, capítulo 37: Um torreão

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Religião, Formação e Dinheiro e riqueza.

Chélan é medido por três réguas diferentes no guia. Maslon o chama de jansenista, Pirard reprova nele a tendência ao protestantismo, e Saint-Giraud, olhando de fora da cidade, o põe no mesmo reino que o sr. de Rênal. Só a nota do **capítulo 3 do Livro I** o separa da régua do dinheiro, e é a mesma nota que diz que ele perde o cargo por isso.

RELAÇÕES

- **Julien Sorel**: a quem manda para o seminário e a quem visita na prisão.
- **Abade Pirard**: que aceita Julien pela recomendação dele.
- **Monsieur de Rênal**: posto ao lado dele por Saint-Giraud.

ABADE PIRARD

QUEM É

Abade do seminário (ver **O seminário de Besançon**) de Besançon que recebe, examina e protege **Julien Sorel**, e que depois passa a Paris a serviço do **Marquês de La Mole**. A nota do **capítulo 29 do Livro I** o descreve como quem trata Julien sem cálculo, apesar da severidade, e o primeiro a lhe dizer a verdade sobre o que o espera.

TRAJETÓRIA

No **capítulo 25 do Livro I**, recebe Julien sem notar a presença dele por dez minutos.

*A chegada de Julien ao seminário, diante do **Abade Pirard**: “O homem não notou a presença de Julien. Que se mantinha imóvel, de pé no meio do quarto, onde o deixara o porteiro, que ao sair fechou a porta. Dez minutos se passaram; o homem malvestido ainda escrevia. A emoção e o terror de Julien eram tamanhos que ele sentia que poderia desabar a qualquer momento. Um filósofo teria dito, enganando-se talvez: Eis a violenta impressão da feiura sobre uma alma feita para amar o que é belo.”*

Livro I, capítulo 25: O seminário

Examina-o, surpreende-se com o domínio da Escritura e estranha a ignorância dos Padres da Igreja, que atribui a **Abade Chélan**.

*O exame de teologia com o abade Pirard: “O abade Pirard submeteu Julien a um exame em teologia, e ficou surpreso com a extensão de seus conhecimentos. Seu espanto aumentou quando o interrogou sobre a Sagrada Escritura. Mas, quando chegou às questões sobre as doutrinas dos Padres da Igreja, percebeu que Julien mal conhecia os nomes de **são Jerônimo**, **santo Agostinho**, **são Boaventura**, **são Basílio** etc. etc. Com efeito, pensou o abade Pirard, eis aí a tendência fatal ao protestantismo que sempre reprovei em Chélan. Um conhecimento profundo e demasiado profundo da Sagrada Escritura.”*

Livro I, capítulo 25: O seminário

Aceita Julien por causa de Chélan, adverte-o contra sociedades secretas e, ao deixar o seminário, lhe diz sem rodeios o que o espera.

*Pirard, apesar da severidade, é quem trata Julien sem cálculo: aceitou-o por causa de **Abade Chélan**, advertiu-o contra as sociedades secretas e agora o avisa sem rodeios. É ele, o mais rígido de todos, quem primeiro diz a Julien a verdade sobre o que o espera: “seus companheiros jamais o olharão sem odiá-lo; se fingirem amá-lo, será para melhor traí-lo.”*

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

Julien, que conta os colegas como inimigos e Pirard como o mais perigoso de todos, escolhe-o como confessor.

Julien no seminário, entre inimigos: “Seguindo as máximas que se impusera, considerou seus trezentos e vinte e um colegas inimigos, sendo o mais perigoso de todos o abade Pirard. Poucos dias depois, Julien precisou escolher um confessor e lhe apresentaram uma lista. Ah, meu Deus! Por quem me tomam?, ele pensou. Será que acham que não sei onde estou pisando? Escolheu o abade Pirard.”

A disputa dele com **Abade de Frilair** é de facção, e cada um nomeia o outro pelo vocabulário dela.

O próprio abade Pirard nomeia o que o move, num pensamento que o livro não deixa em subtexto: *“Impeço o progresso do jesuitismo e da idolatria, ele pensava.”*

O adversário devolve a acusação com o mesmo vocabulário de facção: *“Este se sentiu ultrajado com a insolência, ainda por cima por parte de um jansenistazinho!”*

Com uma carta do padre Chas-Bernard em favor dele, promove Julien a explicador do Novo e do Velho Testamento. No concurso geral, Frilair rebaixa Julien ao 198º lugar por vingança contra Pirard.

O alcance da rede que arma essa vingança é descrito sem meias palavras: *“aquele homem hábil que organizara tão sabiamente a rede da congregação de Besançon e cujas missivas para Paris faziam tremer juízes, o governador e até os oficiais da guarnição, escrevesse, de próprio punho, o número 198 ao lado do nome de Julien.”*

Prestes a cair por não ter tomado partido na disputa entre facções, promove Julien antes de sair, entrega a própria demissão ao bispo e, na despedida, lhe deixa um aviso em latim sobre o sucessor.

Pirard fica com o primeiro volume do Tácito, cuja dedicatória do bispo será o para-raios de Julien no seminário, e se despede com um aviso em latim sobre o sucessor: *“Erit tibi, fili mi, successor meus tanquam leo quærens quem devoret.”* (Pois para ti, meu filho, meu sucessor será como um leão furioso, e que procura alguém para devorar.)

Já em Paris, a serviço do marquês, que defendia havia anos no processo contra Frilair, sugere Julien como secretário.

No capítulo 1 do Livro II, instrui Julien sobre a casa que o espera.

Cap. I. O **Abade Pirard** descrevendo a família de La Mole: *“Ele tem dois filhos, uma filha e um filho de dezenove anos, elegante por excelência, um extravagante que nunca sabe ao meio-dia o que fará às duas horas.”*

Solta Julien em Paris por dois dias antes de apresentá-lo à marquesa, e lhe explica que ele nunca poderá escrever, porque o marquês não gosta de escrevinhadores. É entre os jansenistas de Pirard que Julien conhece o conde Altamira.

No capítulo 34 do Livro II, é no presbitério dele que Julien se esconde enquanto o marquês resiste ao casamento com Mathilde, e no capítulo 35 do Livro II é ele quem traz a Julien os vinte mil francos do

marquês, já endereçados ao sr. de La Vernaye.

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Religião, Formação e Política.

A proteção de Pirard e a perseguição de Frilair chegam a Julien juntas: o 198º lugar no concurso é vingança contra o protetor, não contra o aluno. E o caminho de Julien até Paris continua dentro da mesma briga, porque o patrão a quem Pirard o leva é o homem que tem processo contra Frilair.

RELAÇÕES

- **Julien Sorel:** o aluno que ele examina, aceita, promove e encaminha a Paris.
- **Abade Chélan:** por cuja recomendação aceita Julien, e em quem reprova a tendência ao protestantismo.
- **Abade de Frilair:** o adversário de facção, que o chama de jansenistazinho.
- **Marquês de La Mole:** o fidalgo a quem serve e a quem defende no processo da herança.

ABADE DE FRILAIR

QUEM É

Vigário-geral de Besançon, homem da congregação, que sonha com o bispado. A nota do **capítulo 5 do Livro I** diz que a rede clerical ultrarrealista nomeada de passagem em Verrières vai encarnar de corpo inteiro nele.

O episódio das colunas de mármore nomeia o poder que decide essa disputa: “tornaram-se célebres na região, pelo ódio mortal que suscitaram entre o juiz de paz e o jovem vigário enviado de Besançon, tido como espia da congregação.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

TRAJETÓRIA

No **capítulo 29 do Livro I**, é o adversário de **Abade Pirard** na disputa de facção entre o clero ligado à congregação e o clero jansenista.

O adversário devolve a acusação com o mesmo vocabulário de facção: “Este se sentiu ultrajado com a insolência, ainda por cima por parte de um jansenistazinho!”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

No concurso geral, um examinador ligado a ele deixa Julien recitar Horácio e o reprova por “estudos profanos”; Frilair rebaixa Julien ao 198º lugar por vingança contra Pirard, disputa que corre em paralelo ao processo dele contra o **Marquês de La Mole** por uma herança de terras.

O alcance da rede que arma essa vingança é descrito sem meias palavras: “aquele homem hábil que organizara tão sabiamente a rede da congregação de Besançon e cujas missivas para Paris faziam tremer juizes, o governador e até os oficiais da guarnição, escrevesse, de próprio punho, o número 198 ao lado do nome de Julien.”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

No **capítulo 13 do Livro II**, o livro agrupa com Maslon e Frilair o padre Castanède, que Julien conhecera como vice-diretor do seminário (ver **O seminário de Besançon**); no **capítulo 23 do Livro II**, ele reaparece como agente da congregação e é quem revista a bagagem de Julien na missão da nota secreta.

No **capítulo 38 do Livro II**, **Mathilde de La Mole** negocia com ele por fora; ela se sente em Paris ao ver o luxo do palácio episcopal. Ele diz poder manipular boa parte da lista de jurados sorteados.

“Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é incontestável e, sobretudo, se houve premeditação, conto com seis amigos devotados a minha causa, e dei-lhes a entender que dependia deles levar-me ao bispado.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

Nomeia **Valenod** como o instrumento que arrasta o resto do júri.

É a peça que falta para entender por inteiro o discurso de Julien à tribuna: quando ele diz aos jurados que não é julgado por seus pares, o júri à sua frente já não é o corpo imparcial que a lei desenhou, é uma maioria trabalhada por um clérigo em troca de um cargo eclesiástico, e o discurso de classe dá a Valenod o pretexto para romper o acordo e condenar. A acusação de classe do discurso tem, debaixo dela, uma manipulação de classe muito concreta, e é ela que vira contra Julien.

Livro II, capítulo 41: O julgamento

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Poder, Religião e Justiça e lei.

Frilair é o fio que liga as três frentes de Julien: no seminário decide o lugar dele no concurso, em Paris é a parte contrária no processo do marquês, e no fim diz contar com seis jurados amigos. A mão que escreveu 198 ao lado do nome de Julien é a mesma que, pela própria boca, conta com os seis.

RELAÇÕES

- **Abade Pirard**: o adversário jansenista, punido nele pelo rebaixamento de Julien.
- **Marquês de La Mole**: a parte contrária no processo da herança.
- **Mathilde de La Mole**: que negocia com ele a salvação de Julien.
- **Valenod**: o instrumento dele no júri.
- **Julien Sorel**: rebaixado por ele no seminário e julgado pelo júri que ele diz controlar.

VALENOD

QUEM É

Diretor do asilo de mendicidade de Verrières e rival do **Monsieur de Rênal** nos símbolos de status da cidade. No fim do livro é barão, nomeado governador, e preside a leitura do veredito que condena **Julien Sorel**.

O asilo de mendicidade que o Valenod dirige em Verrières é instituição real da época: “Os abrigos para mendigos, criados por Luís XVI e extintos com a Revolução, foram revividos com Napoleão, em 1808, e paulatinamente abolidos com a Restauração. Em 1830, havia somente seis no país.”

TRAJETÓRIA

No **capítulo 3 do Livro I**, é a compra dos cavalos dele que leva o sr. de Rênal a contratar um preceptor.

A decisão de contratar Julien Sorel, no capítulo III, nasce menos do afeto que da disputa de prestígio entre os dois homens fortes da cidade: “o Valenod está muito orgulhoso dos dois belos cavalos normandos que acaba de comprar para sua caleche. Mas não tem preceptor para os filhos.”

Livro I, capítulo 3: Um cura

o guia registra que Julien, instalado como preceptor, despreza os ricos por hipocrisia e avareza, sobretudo o sr. Valenod.

No **capítulo 19 do Livro I**, a criada Elisa, despeitada, entrega a ele o caso de Julien com a sra. de Rênal, e chega uma carta anônima. No **capítulo 21 do Livro I**, a segunda carta, fabricada por Julien a mando da sra. de Rênal, é colada em papel do próprio Valenod. No **capítulo 22 do Livro I**, no jantar na casa dele, Julien pensa nos presos do outro lado da parede.

No almoço na casa de Valenod, diretor do asilo de mendicidade: “Julien, já muito pouco à vontade, pensou que do outro lado da parede da sala de jantar se encontravam pobres detentos cuja porção de carne talvez tivesse sido subtraída para comprar todo esse luxo de mau gosto com o qual queriam aturdi-lo. Talvez tenham fome agora mesmo, disse consigo mesmo; ficou com o coração apertado, não pôde comer e quase não conseguiu falar.”

Livro I, capítulo 22: Maneiras de agir em 1830

“Não estão mais cantando aquela canção desagradável. [...] Ora, com certeza! [...] mandei calar os vagabundos.”

Livro I, capítulo 22: Maneiras de agir em 1830

*O contraste com a casa dos Rênal aparece com clareza total no jantar na casa do sr. Valenod, ainda em Verrières, mas que já antecipa o seminário (ver **O seminário de Besançon**): ao pedir que calem um preso que cantava, Valenod expõe a mesma engrenagem que Julien vai encontrar em Besançon, poder que se exerce sobre quem não pode responder.*

Livro I, capítulo 22: Maneiras de agir em 1830

No **capítulo 1 do Livro II**, Saint-Giraud põe o nome dele na sucessão de reinos de província.

“Bonaparte, que o céu o fulmine e sua tralha monárquica, tornou possível o reino dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reino dos Valenod e dos Maslon.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

No **capítulo 41 do Livro II**, Abade de Frilair o nomeia como o instrumento que arrasta o resto do júri para o voto combinado.

“Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é incontestável e, sobretudo, se houve premeditação, conto com seis amigos devotados a minha causa, e dei-lhes a

entender que dependia deles levar-me ao bispado.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

É a peça que falta para entender por inteiro o discurso de Julien à tribuna: quando ele diz aos jurados que não é julgado por seus pares, o júri à sua frente já não é o corpo imparcial que a lei desenhou, é uma maioria trabalhada por um clérigo em troca de um cargo eclesiástico, e o discurso de classe dá a Valenod o pretexto para romper o acordo e condenar. A acusação de classe do discurso tem, debaixo dela, uma manipulação de classe muito concreta, e é ela que vira contra Julien.

Livro II, capítulo 41: O julgamento

Já nomeado governador, preside a leitura do veredito "num passo grave e teatral".

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Poder, Dinheiro e riqueza e Justiça e lei.

Valenod está nas duas pontas da relação de Julien com Verrières: no jantar em que Julien não consegue comer pensando nos presos do outro lado da parede, e na sessão em que é ele quem pronuncia a condenação.

RELAÇÕES

- **Monsieur de Rênal**: o rival de prestígio em Verrières.
- **Julien Sorel**: o preceptor que o despreza desde Verrières e cuja condenação ele lê.
- **Madame de Rênal**: cujo caso chega a ele pela criada Elisa.
- **Abade de Frilair**: o vigário-geral que o usa como instrumento no júri.

SOREL PAI

QUEM É

Pai de **Julien Sorel**, camponês da serraria onde o filho aparece pela primeira vez, que a nota do capítulo 4 do Livro I descreve como rude e calculista. no guia, Julien é sempre o filho de carpinteiro.

TRAJETÓRIA

No capítulo 4 do Livro I, Julien é apresentado lendo em cima de uma trave da serraria, surdo ao chamado do pai, e leva uma pancada que derruba no riacho o Memorial de Santa Helena (ver **O Memorial de Santa Helena**). A nota diz que o pai despreza no filho exatamente o que o distingue, a inteligência aplicada à leitura em vez de ao trabalho braçal.

O próprio Julien registra, sem dramatizar, a régua que vai usar dali por diante: “Que diferença em relação a mim, pensou Julien. Ontem mesmo meu pai me bateu. Como essa gente rica é feliz!”

Livro I, capítulo 6: O tédio

Na negociação do salário do filho com o **Monsieur de Rênal**, é ele quem vence.

Cap. V. Na negociação do salário do filho, o **Sorel pai** leva a melhor sobre o prefeito: “a astúcia do camponês venceu a astúcia do homem rico, que não precisa dela para viver.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

Daí em diante ele some de cena por muito tempo e volta como origem, quando alguém lembra a Julien de onde ele vem.

“O ancestral dele era da corte e teve a honra de ter a cabeça cortada na Place de Grève, no dia 26 de abril de 1574, por causa de uma intriga política. O senhor é filho de um carpinteiro de Verrières e, ainda por cima, a serviço do pai dele.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

No capítulo 35 do Livro II, quando Julien vira La Vernaye, o **Marquês de La Mole** manda dizer, pelo **Abade Pirard**, como o pai deve passar a constar: como o carpinteiro que cuidou do menino.

“O sr. de La Vernaye talvez julgue conveniente dar um presente ao sr. Sorel, carpinteiro em Verrières, que cuidou dele em sua infância”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

No capítulo 44 do Livro II, perto do fim, o pai visita o filho condenado. Começa pelas censuras, e Julien só o desarma falando das economias que fez; ao saber que fica com o resto do dinheiro, o velho ainda cobra o que gastou com o filho.

“Há ainda as despesas de sua alimentação e de sua educação, que eu adiantei e das quais não está lembrando”

Livro II, capítulo 44

Sozinho, Julien o julga sem raiva, e mede o consolo que o dinheiro vai dar ao velho diante da morte do filho.

“A esse preço, dirá seu olhar, qual dentre vocês não ficaria encantado em ter um filho guilhotinado?”

Livro II, capítulo 44

TEMAS QUE ENCARNA

Os temas-padrão que passam por ele são Família, Dinheiro e riqueza e Classe social.

O primeiro cálculo vencedor do livro não é de Julien, é do pai: a astúcia que bate o prefeito na negociação do salário é a régua do "dar lucro" aplicada ao próprio filho. Julien sai de casa contra o pai que lhe bate por ler, e leva consigo o cálculo.

RELAÇÕES

- **Julien Sorel**: o filho, que apanha dele por ler.
- **Monsieur de Rênal**: o homem rico que ele vence na negociação.

SÍMBOLOS

O MEMORIAL DE SANTA HELENA

O QUE É

O livro do culto a Napoleão Bonaparte que **Julien Sorel** guarda como o objeto que mais ama no mundo, e uma das três obras pelas quais, segundo o narrador, ele se deixaria matar. Foi o velho cirurgião-mor, veterano das campanhas napoleônicas na Itália, quem deixou a Julien os livros da formação dele.

ONDE APARECE

No **capítulo 4 do Livro I**, a pancada do pai derruba o livro no riacho, quando Julien lê em cima de uma trave da serraria, e o narrador nomeia o livro no olhar que Julien ainda lança para a água.

“olhou tristemente o riacho onde caíra o livro; de todos, era o que mais prezava, o Memorial de Santa Helena.”

Livro I, capítulo 4: Um pai e um filho

O capítulo V retrocede e explica a formação de Julien: o velho cirurgião-mor da Legião de Honra, veterano das campanhas napoleônicas na Itália, foi seu único mestre de afeto, e lhe deixou os livros; os três em que Julien crê são as Confissões de Rousseau, os boletins do Grande Exército e o Memorial de Santa Helena ("corão" é o Alcorão, a escritura dele): "A coleção de boletins do Grande Exército e o Memorial de Santa Helena completavam seu corão. Ele se deixaria matar por essas três obras. Nunca acreditara em nenhuma outra."

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

No **capítulo 9 do Livro I**, a lealdade que o livro sustenta precisa ficar escondida: Julien queima um retrato de Napoleão guardado no colchão.

Cap. IX. Julien queimando o retrato de Napoleão escondido no colchão: "Toda a minha reputação destruída, aniquilada num segundo!, pensava Julien enquanto via a caixa queimar, e minha reputação é o meu único bem, é só por ela que vivo... E ainda assim, que vida, meu Deus!"

Livro I, capítulo 9: Uma noite no campo

No **capítulo 22 do Livro II**, o livro dá a epígrafe desse capítulo, o da reunião conspirativa a que Julien assiste como secretário, e a frase escolhida é sobre Paris.

“Em Paris, obtém-se consideração pela carruagem, não pela virtude.”

Livro II, capítulo 22: A discussão

No **capítulo 31 do Livro II**, depois de ver **Mathilde de La Mole** em lágrimas no camarote da Ópera, o que ele compara a uma grande batalha vencida em parte, Julien abre o livro e se força a lê-lo por duas horas sem que a cabeça acompanhe os olhos; logo em seguida o joga longe e formula o plano de amedrontá-la.

“Abriu, num gesto apaixonado, as Memórias de Santa Helena, de Napoleão, e durante duas longas horas se forçou a lê-las; apenas os olhos liam, pouco lhe importava, forçava-se.”

Livro II, capítulo 31: Amedrontá-la

“AMEDRONTÁ-LA, exclamou de repente, jogando o livro ao longe. O inimigo só vai me obedecer à medida que eu o amedrontar, então não vai se atrever a me desprezar.”

Livro II, capítulo 31: Amedrontá-la

O QUE SIGNIFICA

a leitura da obra resume o começo do livro como a formação de Julien entre a serraria e o Memorial de Santa Helena. O livro aparece na serraria, numa epígrafe do Livro II e no capítulo XXXI.

O livro que no riacho é o bem mais precioso de Julien, no capítulo XXXI já não prende a cabeça dele, só os olhos, e é atirado longe no instante em que ele troca o modelo de Napoleão pela tática de amedrontar uma mulher. A ambição que nasceu lendo o Memorial continua, mas já não precisa dele.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Formação, Ambição.
- Personagens: Julien Sorel, Sorel pai.
- Símbolo vizinho: A farda e a batina.

A FARDA E A BATINA

O QUE É

As duas carreiras do título, segundo a leitura da obra: o vermelho é a farda, que fazia general aos trinta anos no tempo de Napoleão Bonaparte, e o negro é a batina, o que sobrou depois da Restauração para quem quer subir sem nascer em berço.

ONDE APARECE

No capítulo 3 do Livro I, a Madame de Rênal reparte os filhos entre as três portas oficiais da época.

A própria Madame de Rênal, ao pensar no futuro dos filhos, reproduz sem perceber a régua de carreiras fechadas que rege toda a cidade: “Gostava do sr. de Rênal sobretudo quando ele lhe falava de seus projetos para os filhos, destinando um deles às armas, o segundo à magistratura e o terceiro à Igreja.”

Livro I, capítulo 3: Um cura

Aos catorze anos, Julien vira a admiração por Napoleão em vocação fingida para o sacerdócio, ao ver o juiz de paz humilhado por um jovem vigário.

O episódio das colunas de mármore nomeia o poder que decide essa disputa: “tornaram-se célebres na região, pelo ódio mortal que suscitaram entre o juiz de paz e o jovem vigário enviado de Besançon, tido como espia da congregação.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

A frase que resume o eixo do livro inteiro não usa as palavras "vermelho" e "negro", mas é elas: “Hoje em dia vemos padres de quarenta anos recebendo cem mil francos de vencimentos, ou seja, três vezes mais do que os famosos generais de divisão de Napoleão. [...] É preciso ser padre.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

No capítulo 18 do Livro I, a sra. de Rênal consegue tirar Julien da batina por um dia, e ele desfila diante do rei com a farda azul-celeste da guarda de honra.

A *Madame de Rênal* usa toda a influência que tem para tirar Julien das roupas pretas (ver *A farda e a batina*) por um dia, e consegue mais do que imaginava: “obteve primeiro do sr. Moirod, e em seguida do subgovernador de Maugiron, que Julien fosse nomeado guarda de honra em prejuízo de cinco ou seis filhos de fabricantes muito abastados, e dos quais pelo menos dois eram de uma piedade exemplar.”

Livro I, capítulo 18: Um rei em Verrières

No seminário, Julien é isento do recrutamento militar por ser seminarista, e ouve os pedreiros do claustro falarem do tempo em que a farda era aberta a todos.

Julien ouve por acaso, no jardim, os pedreiros do claustro comentarem o recrutamento, e a conversa deles nomeia sem rodeios o que a Restauração fechou: “No tempo do outro, aí sim! Um pedreiro se tornava oficial, se tornava general, a gente via isso acontecer.”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

Ao se afastar, Julien repete baixinho a mesma nostalgia dos pedreiros, prova de que seu bonapartismo não é peculiaridade de leitura, é sentimento vivo na rua: “O único rei de que o povo se lembra!”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

No capítulo 7 do Livro II, a roupa divide o dia de Julien na casa de La Mole: traje azul à noite, traje preto de manhã.

“Se é possível apegar-se a um belo cocker spaniel, pensava o marquês, por que me envergonho tanto de me apegar a esse padrezinho? Ele é original. Trato-o como a um filho. Pois bem! Onde está a inconveniência?”

Livro II, capítulo 7: Uma crise de gota

No capítulo 34 do Livro II, o marquês lhe dá a patente de tenente de hussardos, e no capítulo 35 do Livro II dois dias bastam para o posto parecer pouco.

“Abstenha-se de fazer novas loucuras; eis uma patente de tenente dos hussardos para o senhor cavaleiro Julien Sorel de La Vernaye. [...] Que ele parta nas próximas vinte e quatro horas para apresentar-se em Estrasburgo, onde fica seu regimento.”

Livro II, capítulo 34: Um homem de espírito

Em Estrasburgo, dois dias depois da patente, a vitória já não basta: “Mal se tornara tenente, por favor e havia dois dias, já calculava que para ser comandante em chefe aos trinta anos, ao mais tardar, como todos os grandes generais, era necessário ser mais do que tenente aos vinte e três anos.”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

O QUE SIGNIFICA

a leitura da obra diz que Julien enuncia a escolha entre as duas cores como cálculo frio, não como vocação, e a nota do **capítulo 5 do Livro I** acrescenta que ele escolhe a batina por cálculo, não por fé, e que o livro inteiro vai cobrar essa escolha.

no guia, a farda que Julien chega a vestir nunca tem a cor do título: a da guarda de honra é azul-celeste, e o traje da noite em Paris é azul. O negro, ao contrário, é a roupa de todo dia, a batina do seminário e o traje preto da manhã de secretário. A única farda de fato, a de hussardo, chega no fim, e dura até a carta da sra. de Rênal.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Ambição, Classe social, Religião.
- Personagens: **Julien Sorel**, **Marquês de La Mole**.
- Símbolos vizinhos: **O Memorial de Santa Helena** e **O seminário de Besançon**.

A IGREJA DE VERRIÈRES

O QUE É

A igreja da cidade de **Julien Sorel**, onde o romance põe o presságio no começo e o crime no fim.

ONDE APARECE

No **capítulo 5 do Livro I**, a igreja nova, começada quando Julien tinha catorze anos, entra na decisão dele de ser padre, ao lado das sentenças do juiz de paz.

“A construção da igreja e as sentenças do juiz de paz de súbito o esclareceram”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

No mesmo capítulo, já a caminho da casa de Rênal, Julien encontra no genuflexório um papel de jornal sobre a execução de Louis Jenrel, anagrama do próprio nome.

Uma passagem breve, quase perdida no meio do capítulo, funciona como presságio: na igreja de Verrières (ver **A igreja de Verrières**), Julien encontra um papel de jornal esquecido no genuflexório, sobre a execução de um certo Louis Jenrel, anagrama do próprio nome de Julien Sorel. “Detalhes da execução e dos últimos momentos de Louis Jenrel, executado em Besançon no dia...”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

Julien reage com uma frase que soa a presságio: “Pobre infeliz [...], seu nome acaba como o meu...”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

Na saída, com as janelas cobertas de carmesim para uma festa, ele toma por sangue a água derramada perto da pia de água benta.

“Ao sair, Julien acreditou ver sangue perto da pia de água benta; era a água que se derramara: o reflexo das cortinas vermelhas que cobriam as janelas fazia com que parecesse sangue.”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

No capítulo 35 do Livro II, Julien compra pistolas, entra na igreja durante a missa e atira duas vezes em Madame de Rênal. As janelas estão de novo cobertas de cortinas carmesim.

“Julien entrou na igreja nova de Verrières. Todas as janelas altas do edifício estavam veladas por cortinas carmesim.”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

“Julien não a reconhecia mais tão bem; atirou uma vez e errou; atirou uma segunda vez, ela caiu.”

Livro II, capítulo 35: Uma tormenta

a leitura da obra registra que Antoine Berthet, o caso real por trás do enredo, atirou na antiga amante dentro da igreja da aldeia, durante a missa, em 1827.

O QUE SIGNIFICA

A nota do capítulo 5 do Livro I diz que, com o papel de jornal, Stendhal plantou o fim no início, e que o leitor de primeira viagem ainda não sabe o que a coincidência anuncia.

A igreja amarra o começo ao fim por três fios que o livro põe na mesma nave: é a construção dela que ajuda Julien a escolher a batina (ver A farda e a batina), é nela que o vermelho das cortinas faz a água parecer sangue, e é nela, sob as mesmas cortinas, que o sangue deixa de ser ilusão.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Destino e livre-arbítrio, Violência.
- Personagens: Julien Sorel, Madame de Rênal.
- Símbolo vizinho: A cabeça cortada.

O SEMINÁRIO DE BESANÇON

O QUE É

O seminário para onde Julien Sorel vai por ordem de Abade Chélan, depois da carta anônima. a leitura da obra diz que é ali que a hipocrisia deixa de ser traço de província e vira sistema de formação, e que Julien aprende a fingir por método, não por impulso.

ONDE APARECE

No capítulo 25 do Livro I, a entrada é um ritual de aniquilamento diante de Abade Pirard.

A chegada de Julien ao seminário, diante do Abade Pirard: “O homem não notou a presença de Julien. Que se mantinha imóvel, de pé no meio do quarto, onde o deixara o porteiro, que ao sair fechou a porta. Dez minutos se passaram; o homem malvestido ainda escrevia. A emoção e o terror de Julien

eram tamanhos que ele sentia que poderia desabar a qualquer momento. Um filósofo teria dito, enganando-se talvez: Eis a violenta impressão da feiura sobre uma alma feita para amar o que é belo.”

Livro I, capítulo 25: O seminário

Pirard, apesar da severidade, é quem trata Julien sem cálculo: aceitou-o por causa de *Abade Chélan*, advertiu-o contra as sociedades secretas e agora o avisa sem rodeios. É ele, o mais rígido de todos, quem primeiro diz a Julien a verdade sobre o que o espera: “seus companheiros jamais o olharão sem odiá-lo; se fingirem amá-lo, será para melhor traí-lo.”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

Julien no seminário, entre inimigos: “Seguindo as máximas que se impusera, considerou seus trezentos e vinte e um colegas inimigos, sendo o mais perigoso de todos o abade Pirard. Poucos dias depois, Julien precisou escolher um confessor e lhe apresentaram uma lista. Ah, meu Deus! Por quem me tomam?, ele pensou. Será que acham que não sei onde estou pisando? Escolheu o abade Pirard.”

Livro I, capítulo 26: O mundo ou o que falta ao rico

Julien descobre que a ciência e a lógica não o distinguem, e os colegas lhe dão um apelido.

Julien percebe que seus primeiros passos foram equivocados: a ciência e a lógica, que o distinguiram em Verrières, aqui não valem, e o momento em que ele entende a regra do lugar está nesta constatação amarga: “Então a ciência não vale nada aqui? [...] Meu único mérito consistia em [...] captar essas baboseiras. [...] E eu era tolo em me orgulhar!”

Livro I, capítulo 26: O mundo ou o que falta ao rico

O hábito de raciocinar, que ninguém avisou a Julien ser um crime: “Após ter lhe inculcado o hábito de raciocinar corretamente e de não se contentar com palavras vãs, não teve o cuidado de lhe dizer que, em quem não é muito considerado, esse hábito é um crime; pois todo bom raciocínio ofende.”

Livro I, capítulo 27: Primeira experiência da vida

“apelidaram-no MARTINHO LUTERO; sobretudo, diziam, por causa dessa lógica infernal de que se orgulhava tanto.”

Livro I, capítulo 27: Primeira experiência da vida

“Escute aqui: cada um por si neste mundo, não quero ser atingido pelo raio; Deus pode fulminá-lo como a um ímpio, como a um Voltaire.”

Livro I, capítulo 27: Primeira experiência da vida

O desânimo de Julien no seminário (ver *O seminário de Besançon*): “Poderia se tornar professor de latim; precisava de tão pouco para sua subsistência! Mas então, adeus carreira, adeus o futuro de sua imaginação: era como morrer. Eis os detalhes de um de seus tristes dias.”

Livro I, capítulo 27: Primeira experiência da vida

A exceção é o padre Chas-Bernard, diretor do cerimonial, cuja vaidade de ofício é sincera.

A exceção humana nesse mundo é o padre Chas-Bernard, diretor do cerimonial, cuja vaidade de ofício (as vestes, os castiçais, os paramentos da catedral) é ingênua e sincera, não calculada. Julien, treinado a farejar segundas intenções em todo mundo, espera o golpe que nunca vem, e conclui: “E, contudo, ele trabalhou muito, está feliz [...]. Que homem! Que exemplo para mim!”

Livro I, capítulo 28: Uma procissão

Por cima de tudo, a disputa entre Pirard e Abade de Frilair decide o lugar de Julien no concurso.

O próprio abade Pirard nomeia o que o move, num pensamento que o livro não deixa em subtexto: “Impeço o progresso do jesuitismo e da idolatria, ele pensava.”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

O alcance da rede que arma essa vingança é descrito sem meias palavras: “aquele homem hábil que organizara tão sabiamente a rede da congregação de Besançon e cujas missivas para Paris faziam tremer juizes, o governador e até os oficiais da guarnição, escrevesse, de próprio punho, o número 198 ao lado do nome de Julien.”

Livro I, capítulo 29: A primeira promoção

No capítulo 10 do Livro II, Julien mede a primavera de Paris pela do seminário.

Cap. X. Julien olhando Mathilde: “Meu Deus, como é bela! Como seus grandes olhos azuis me agradam, vistos de perto e fitando-me como sempre fazem! Que diferença entre essa primavera e a do ano passado, quando eu vivia infeliz, sustentando-me na força da vontade, em meio a trezentos hipócritas sujos e malvados! Eu era quase tão mau quanto eles.”

Livro II, capítulo 10: A rainha Margarida

No capítulo 13 do Livro II, para completar o encanto de Mathilde de La Mole, Julien a imagina uma Catarina de Médici, o ideal dos Maslon, dos Frilair e dos Castanède que ele admirara na mocidade.

Nos capítulos 38 e 41 do Livro II, Frilair, o vigário-geral de Besançon, diz controlar boa parte do júri.

“Entre as doze pessoas encarregadas de examinar se o crime de seu protegido é incontestável e, sobretudo, se houve premeditação, conto com seis amigos devotados a minha causa, e dei-lhes a entender que dependia deles levar-me ao bispado.”

Livro II, capítulo 41: O julgamento

O QUE SIGNIFICA

A nota dos capítulos 16 a 30 do Livro I diz que a diferença em relação a Verrières não é de grau, é de espécie: na casa dos Rênal Julien finge por impulso, e no seminário aprende a fingir como disciplina que se estuda e se corrige erro por erro. A nota do capítulo 22 do Livro I vê o seminário já antecipado no jantar na casa do Valenod:

O contraste com a casa dos Rênal aparece com clareza total no jantar na casa do sr. Valenod, ainda em Verrières, mas que já antecipa o seminário (ver O seminário de Besançon): ao pedir que calem um

preso que cantava, Valenod expõe a mesma engrenagem que Julien vai encontrar em Besançon, poder que se exerce sobre quem não pode responder.

Livro I, capítulo 22: Maneiras de agir em 1830

O seminário não fica para trás quando Julien parte para Paris. Ele volta como medida na primavera com Mathilde, volta como molde na desconfiança que Julien tem dela, e volta como instituição no fim, quando o vigário-geral de Besançon diz contar com seis jurados.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Formação, Aparência e realidade, Religião.
- Personagens: Julien Sorel, Abade Pirard, Abade de Frilair, Abade Chélan.
- Símbolos vizinhos: A farda e a batina e O salão de La Mole.

O SALÃO DE LA MOLE

O QUE É

O salão da mansão do Marquês de La Mole em Paris, onde a marquesa recebe. a leitura da obra diz que, se a província mede tudo por dinheiro, Paris mede por nascimento, tédio e maneiras, e que a arma que servia em Verrières não compra lugar nenhum ali.

ONDE APARECE

No capítulo 1 do Livro II, o nome da família gravado em mármore negro na porta é o primeiro sinal que Julien lê.

“Tal ostentação desagradou a Julien. Eles têm tanto medo dos jacobinos! Veem um Robespierre e sua carroça atrás de cada sebe; estão sempre zombando de tudo e exibem dessa forma sua casa para que a canalha a reconheça, em caso de tumulto, e a pilhe.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

O capítulo 4 do Livro II expõe o mecanismo do salão: cinco ou seis adutores frequentam a casa, e sem eles a marquesa ficaria exposta à solidão, e ninguém fala de nada que tenha peso.

Cap. IV. Os anfitriões do palácio de La Mole: “No fundo, os anfitriões experimentavam muito orgulho e muito tédio; estavam acostumados à maledicência para se distrair, para que pudessem esperar verdadeiros amigos.”

Livro II, capítulo 4: A mansão de La Mole

“Não há cem mil escudos de renda nem condecoração que possa lutar contra essa norma de salão. Uma ideia viva, mínima que fosse, parecia uma grosseria.”

Livro II, capítulo 4: A mansão de La Mole

Cap. IV. A opinião como tirano, numa fala de salão: “Por que querem que eu tenha hoje a mesma opinião de três semanas atrás? Nesse caso, minha opinião seria meu tirano.”

Livro II, capítulo 4: A mansão de La Mole

Cap. IV. No salão de La Mole: “Isso é mesmo um covil — dizia, como Basílio⁶⁷ —, só vejo entrar gente viciosa.”

Livro II, capítulo 4: A mansão de La Mole

Cap. V. Epígrafe do capítulo, atribuída a Faublas: “Uma ideia mais viva parece uma grosseria, tal nos acostumamos com palavras vazias. Infeliz daquele que inventa ao falar! FAUBLAS⁷⁰”

Livro II, capítulo 5: A sensibilidade e uma grande piedade

Depois do duelo, Julien encontra gente da mesma casta que não é enfadonha, e mede o salão pela diferença.

“Esses senhores, ainda que muito nobres, pensou Julien, não são enfadonhos como as pessoas que vão jantar na mansão do sr. de La Mole; e percebo por quê, [...] Eles se permitem ser indecentes.”

Livro II, capítulo 6: Modo de pronunciar

Mathilde de La Mole governa o próprio círculo com epigramas, e se entedia com as cartas iguais dos pretendentes.

No capítulo 29 do Livro II, a marechala de Fervaques, que frequenta a casa de La Mole, cede ao tédio de um modo de vida feito para o público.

“O tédio de um modo de vida que só ambiciona o efeito sobre o público, sem que no fundo do coração haja uma satisfação real com esse tipo de sucesso, tornara-se tão intolerável desde que pensava em Julien”

Livro II, capítulo 29: O tédio

A política que o salão trata como grosseria aparece em outro salão, com o próprio marquês à mesa.

“vou levá-lo a um salão onde doze pessoas estarão reunidas; o senhor deverá anotar o que cada um disser.”

Livro II, capítulo 21: A nota secreta

“Que cada um de nós sacrifique um quinto de seus rendimentos para formar essa pequena tropa devotada de quinhentos homens por departamento.”

Livro II, capítulo 22: A discussão

O QUE SIGNIFICA

A nota do capítulo 4 do Livro II diz que o tédio ali não é falha, é a regra de proteção do grupo: qualquer ideia viva é lida como grosseria, porque obriga a tomar posição. A nota do capítulo 9 do Livro II fecha o argumento:

As duas falas fecham o argumento que o resto dos capítulos 1 a 15 do Livro II só ilustra: a aristocracia parisiense não tolera nem o revolucionário estrangeiro nem o plebeu ambicioso pelo mesmo motivo, os dois vieram de fora da linhagem que a classe usa para se justificar, e o instrumento que pune o

pensamento fora dessa linhagem, a congregação delatando à polícia, é o mesmo que, capítulos adiante, vai condenar Julien num tribunal.

Livro II, capítulo 9: O baile

O marquês está nas duas salas que o livro descreve. Na da marquesa, nenhuma ideia viva é admitida; na da reunião secreta, é ele quem propõe armar quinhentos homens por departamento. A política que não entra no salão como conversa é decidida fora dele pelo dono da casa.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Classe social, Aparência e realidade, Política.
- Personagens: **Marquês de La Mole**, **Mathilde de La Mole**, **Julien Sorel**.
- Lugar: Paris.
- Símbolos vizinhos: **O seminário de Besançon** e **A cabeça cortada**.

A CABEÇA CORTADA

O QUE É

A cabeça de Boniface de La Mole, ancestral da família de **Mathilde de La Mole**, executado em 1574 por intriga política, e a lenda de que a rainha Margarida de Navarra, amante dele, a teria enterrado com as próprias mãos. No fim do romance, a cabeça é a de **Julien Sorel**.

ONDE APARECE

No **capítulo 5 do Livro I**, Julien encontra na igreja um papel de jornal sobre a execução de Louis Jenrel, anagrama do próprio nome.

*Uma passagem breve, quase perdida no meio do capítulo, funciona como presságio: na igreja de Verrières (ver **A igreja de Verrières**), Julien encontra um papel de jornal esquecido no genuflexório, sobre a execução de um certo Louis Jenrel, anagrama do próprio nome de Julien Sorel. “Detalhes da execução e dos últimos momentos de Louis Jenrel, executado em Besançon no dia...”*

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

Julien reage com uma frase que soa a presságio: “Pobre infeliz [...], seu nome acaba como o meu...”

Livro I, capítulo 5: Uma negociação

No **capítulo 1 do Livro II**, o ancestral é apresentado a Julien.

“O ancestral dele era da corte e teve a honra de ter a cabeça cortada na Place de Grève, no dia 26 de abril de 1574, por causa de uma intriga política. O senhor é filho de um carpinteiro de Verrières e, ainda por cima, a serviço do pai dele.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

Cap. X. Nota 88 da edição, sobre a origem histórica da rainha Margarida: “Os acontecimentos narrados em seguida são rigorosamente históricos. As aventuras e os amores de La Mole e Coconasso serviram de mote, quinze anos depois de lançado o livro de Stendhal, para o romance A rainha Margot, de Alexandre Dumas.”

Livro II, capítulo 10: A rainha Margarida

Mathilde se veste de preto todo 30 de abril, dia da morte de Boniface, e pergunta que mulher de hoje não teria horror de tocar na cabeça do amante decapitado. A régua dela para um homem sai daí.

“Acho que só a condenação à morte honra um homem [...], é a única coisa que não se compra.”

Livro II, capítulo 8: Qual a condecoração mais honrosa

Quando Norbert diz que, se a revolução recomeçar, Julien mandará todos para a guilhotina, Mathilde evita responder e zomba do medo do irmão, no capítulo que se chama "Será um Danton?". O medo da carroça de Robespierre é o que Julien lê na porta da casa.

“Tal ostentação desagradou a Julien. Eles têm tanto medo dos jacobinos! Veem um Robespierre e sua carroça atrás de cada sebe; estão sempre zombando de tudo e exibem dessa forma sua casa para que a canalha a reconheça, em caso de tumulto, e a pilhe.”

Livro II, capítulo 1: Os prazeres do campo

No capítulo 17 do Livro II, quase ser morta por Julien leva Mathilde ao século do ancestral, e no capítulo 19 do Livro II ela se imagina no papel da sra. Roland, que a nota da edição lembra ter sido guilhotinada.

“Então estive a ponto de ser morta por meu amante!, dizia consigo. Essa ideia a transportava para os belos tempos do século de Carlos IX e de Henrique III.”

Livro II, capítulo 17: Uma velha espada

“Se houver uma revolução, por que Julien Sorel não faria o papel de Roland e eu, aquele da sra. Roland?”

Livro II, capítulo 19: A Ópera Bouffe

Cap. XIX. Nota 108 da edição, sobre os Roland: “O político e economista Jean-Marie Roland (1734-93), líder dos girondinos, casou com Manon Roland (1754-93), ela também importante figura da Revolução Francesa. Foi ela que, antes de ser guilhotinada, disse a famosa frase: “Oh, liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!””

Livro II, capítulo 19: A Ópera Bouffe

No capítulo 45 do Livro II, depois da execução de Julien, Mathilde reencena a lenda.

“Quando Fouqué criou coragem para olhar, ela havia posto, numa pequena mesa de mármore, diante de si, a cabeça de Julien e beijava-a na testa...”

Livro II, capítulo 45

a leitura da obra registra que o caso real que sustenta o enredo, o de Antoine Berthet, terminou com o réu guilhotinado em Grenoble em 1828.

O QUE SIGNIFICA

A nota do **capítulo 10 do Livro II** diz que Mathilde já tinha um roteiro pronto, a paixão que desafia a morte, o herói decapitado e a rainha corajosa, e que passa os capítulos 1 a 15 do Livro II procurando um ator para o papel que falta; e a nota dos capítulos 1 a 15 do Livro II diz que ela precisa de um herói decapitável para não morrer de tédio.

A cabeça aparece primeiro como fato de família, depois como régua de Mathilde para julgar homens, e só no fim como objeto sobre uma mesa. Antes de tudo isso, o jornal esquecido no genuflexório já tinha posto uma execução em Besançon sob o nome anagramado de Julien.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Morte, Memória e passado, Paixão.
- Personagens: **Mathilde de La Mole**, **Julien Sorel**, **Marquês de La Mole**.
- Alexandre Dumas: a lenda de La Mole e Margarida vira, quinze anos depois, A rainha Margot.
- Símbolos vizinhos: **A igreja de Verrières** e **O salão de La Mole**.

DISCUSSÕES

LIVRO I, CAPÍTULO 1: UMA CIDADEZINHA

Stendhal abre o romance por uma cidade e só depois chega ao herói. O que o retrato de Verrières, com suas serrarias, a fábrica de pregos do prefeito e o jardim de muros em terraço, já diz sobre o tipo de mundo em que Julien terá de abrir caminho?

Rênal passa a achar que poderia ter pago menos pelo terreno desde o domingo em que viu o velho Sorel sorrir para ele de longe, e o narrador fala em "tirania da opinião". O que esse medo de um sorriso mostra sobre quem, de fato, manda numa cidade pequena?

LIVRO I, CAPÍTULO 2: UM PREFEITO

O narrador chama de "grande palavra" de Verrières a expressão "DAR LUCRO" e diz que ela resume o pensamento habitual de mais de três quartos dos habitantes. O que significa, para quem vive ali, ter uma única medida para decidir tudo?

Rênal manda podar os plátanos até o limite e, ao cirurgião-mor que reclama, responde que gosta da sombra e que, ao contrário da útil noqueira, a árvore que não dá lucro só serve para dar sombra. O que esse argumento revela sobre o jeito como ele olha para a beleza e para o que é público?

LIVRO I, CAPÍTULO 3: UM CURA

Se "dar lucro" é o critério moral de Verrières, o que dizer da hipocrisia de Julien, que também mede tudo por cálculo? A diferença entre os dois é de grau, de consciência do próprio jogo, ou de outra coisa?

Diante das queixas de Rênal e de Valenod, o cura Chélan responde com os cinquenta e seis anos em que batizou e casou os moradores e se diz pronto a ser destituído. Que tipo de autoridade é essa, que não se mede em dinheiro, e será que ela basta para proteger quem a tem?

LIVRO I, CAPÍTULO 4: UM PAI E UM FILHO

Julien é encontrado montado numa viga da serraria, lendo, surdo ao chamado do pai, e leva um golpe que derruba o livro no riacho. Por que o pai despreza no filho justamente a leitura, e o que a cena mostra sobre o que cada um dos dois chama de trabalho?

Quando Rênal propõe trezentos francos por ano, comida e roupa, Sorel pai o escuta "com aquele ar de tristeza insatisfeita" e pede para consultar o filho. O que esse jeito de negociar mostra sobre como um camponês esperto trata quem é mais rico e mais poderoso do que ele?

LIVRO I, CAPÍTULO 5: UMA NEGOCIAÇÃO

Julien admira Napoleão como modelo de ascensão por mérito próprio, mas o esconde e finge devoção. É possível separar, nele, a ambição legítima (subir por talento, numa sociedade que fecha as portas ao pobre) da ambição corrompida (subir por qualquer meio, inclusive a mentira)? Onde, neste capítulo e no anterior, o texto já mostra a fresta entre as duas?

Julien decora o Novo Testamento em latim sem acreditar nele, e o narrador pede paciência ao leitor com a "palavra horrível" a que o rapaz chegou. Ao explicar o caminho da alma de Julien até ali, o narrador o condena, o desculpa ou faz outra coisa?

LIVRO I, CAPÍTULO 6: O TÉDIO

A sra. de Rênal se apaixona pela delicadeza física de Julien antes de saber quem ele é; Julien calcula cada gesto diante dela desde o primeiro dia. O leitor deve confiar em algum ponto de espontaneidade real da parte dele, ou tudo, já no capítulo VI, é encenação?

Julien chega à casa de Rênal e logo pensa: "Como essa gente rica é feliz!". De que modo a felicidade que ele vê nos outros, e que atribui à riqueza, pode estar moldando aquilo que ele vai querer conquistar?

LIVRO I, CAPÍTULO 7: AS AFINIDADES ELETIVAS

A sra. de Rênal ama em Julien "a generosidade, a nobreza da alma, a humanidade" que ela não vê em mais ninguém à sua volta. Ela está certa sobre o caráter dele, ou está projetando num rapaz calculista as virtudes que faltam ao próprio marido?

Rênal responde à ideia de presentear Julien com roupas dizendo que não se dá presente a "um homem com o qual estamos absolutamente satisfeitos", e que só se estimula o zelo de quem se torna negligente. Que ideia de trabalho e de gratidão está embutida nessa lógica, e o que ela deixa para quem serve?

LIVRO I, CAPÍTULO 8: PEQUENOS ACONTECIMENTOS

Ao saber que Élisabeth quer casar com ele, Julien ouve de Chélan que, sendo padre, terá de "fazer fortuna neste mundo ou no outro", e para recusar a moça inventa uma calúnia contra ela. O que o conselho do cura e o meio que Julien escolhe para se livrar de Élisabeth já mostram do jeito dele de decidir?

A sra. de Rênal pensa nas paixões como nós pensamos na loteria, e o excesso de felicidade ao saber que Julien recusou a criada quase lhe tira o uso da razão. O que o texto sugere sobre a distância entre o que ela julga saber do amor e o que já está sentindo?

LIVRO I, CAPÍTULO 9: UMA NOITE NO CAMPO

Julien se impõe um prazo: quando soarem as dez horas, ou toma a mão da sra. de Rênal, ou sobe ao quarto e estoura os miolos. Por que ele trata um gesto de sedução como questão de honra, e o que isso diz sobre o que ele busca nela?

De mãos dadas com Julien sob a tília, a sra. de Rênal "não pensava em nada, deixava-se viver", enquanto ele passou o dia calculando. Que contraste o capítulo monta entre os dois, e quem, ali, está mais perto do que se costuma chamar de amor?

LIVRO I, CAPÍTULO 10: UM GRANDE CORAÇÃO

Julien enfrenta Rênal diante dos criados, arranca o aumento e, no bosque, diz a si mesmo: "Ganhei uma batalha!". Por que ele descreve uma discussão sobre salário como batalha, e o que se ganha, e o que se perde, ao enxergar a vida desse modo?

No alto da rocha, Julien inveja a força e o isolamento de um gavião e se pergunta se o destino de Napoleão será o seu. O que a imagem da ave de rapina diz sobre o tipo de grandeza que ele deseja, e o que ela deixa de fora?

LIVRO I, CAPÍTULO 11: UMA NOITE

Julien resolve tomar a mão da sra. de Rênal diante do próprio marido, que fala de política com raiva, e depois chama a vitória de "puro Napoleão". O que significa tratar uma sedução como campanha militar,

e o que o narrador parece pensar disso?

Ao descobrir que está apaixonada, a sra. de Rênal é tomada pelo terror da palavra "adultério" e resolve tratar Julien com perfeita frieza. Por que ela sente o amor primeiro como ameaça de castigo público, e o que isso mostra da educação que recebeu?

LIVRO I, CAPÍTULO 12: UMA VIAGEM

Julien recusa a sociedade de Fouqué, que lhe daria quatro mil francos por ano, dizendo que a vocação para o santo ministério não lhe permite aceitar. Que razão parece mover de fato o rapaz, e por que ele escolhe justamente a vocação como desculpa?

Sozinho e longe de qualquer olhar, Julien conhece a maior felicidade que teve até ali, feita de devaneios e do "gozo da liberdade". Por que a maior felicidade dele aparece onde não há ninguém para vê-lo, e o que isso diz sobre a vida que escolheu levar entre os outros?

LIVRO I, CAPÍTULO 13: AS MEIAS RENDADAS

De volta, Julien percebe que desde a antevéspera não pensou uma única vez na sra. de Rênal, enquanto ela, que passou a ausência em supícios, aparece de meias rendadas e sapatinhos de Paris. O que cada um revela de si por esses gestos, e por que o capítulo acentua essa diferença entre os dois?

Julien desconfia da sra. de Rênal ("Sabe Deus quantos amantes já não teve!") e, ao dizer "tão bem-nascidos", sente que aos olhos dela não é bem-nascido. De que modo a classe contamina, em Julien, a leitura que ele faz dos sentimentos dos outros?

LIVRO I, CAPÍTULO 14: A TESOURA INGLESA

Julien redige um "plano de campanha" porque seu orgulho "não queria deixar nada ao acaso", e é o plano que o deixa desajeitado diante da sra. de Rênal. Por que o cálculo atrapalha justamente onde ele mais quer ter sucesso?

A sra. de Rênal pergunta se ele não tem outro nome além de Julien, e ele não sabe o que responder; mais tarde ela lhe diz "Seja prudente, é uma ordem!". O que as duas cenas mostram sobre quem conduz a relação nesse momento, e sobre o que Julien não sabe fazer?

LIVRO I, CAPÍTULO 15: O CANTO DO GALO

Se nem a conquista da sra. de Rênal, o primeiro grande sucesso do livro, dá a Julien a felicidade que ele esperava, o que isso antecipa sobre o tipo de ambição que o move: ele quer alguma coisa em si, ou só quer não perder?

Julien chega ao quarto da sra. de Rênal trêmulo, esquece os planos, cai aos pés dela em lágrimas, e é então que ela o aceita. Por que o gesto sem cálculo é o que funciona, depois de tantos planos que só o deixaram desajeitado?

LIVRO I, CAPÍTULO 16: O DIA SEGUINTE

No almoço do dia seguinte, a conduta de Julien foi "uma obra-prima de prudência", enquanto a sra. de Rênal não conseguia fitá-lo sem corar. Que diferença essa cena marca entre amar e representar, e o que cada um dos dois arrisca ao se comportar assim?

O narrador diz que o amor de Julien "ainda era ambição", feito da alegria de possuir uma mulher tão nobre e tão bela. Esse amor vale menos por nascer da ambição, ou o romance sugere que nenhum amor nasce puro?

LIVRO I, CAPÍTULO 17: O PRIMEIRO-ADJUNTO

Quando Julien elogia Napoleão no pomar, a sra. de Rênal franze as sobrancelhas, e ele conclui que ela "foi criada em campo inimigo". Pode haver amor entre duas pessoas que veem o mundo de lados opostos, e como o capítulo mostra os dois contornando isso?

Julien aprende com a sra. de Rênal as intrigas de Verrières e descobre que a disputa pelo posto de primeiro-adjunto, travada entre devotos, esconde o interesse de quem não quer que as casas recuem com o alargamento da rua. Por que, na cidade, devoção e interesse andam juntos, e o que Julien aprende ao perceber isso?

LIVRO I, CAPÍTULO 18: UM REI EM VERRIÈRES

Julien desfila como guarda de honra, num dos cavalos normandos de Valenod, e por um instante se sente ordenança de Napoleão; depois troca a farda pela batina. O que o episódio diz sobre a relação do rapaz com as duas roupas, e o que a cidade enxerga ao vê-lo vestido assim?

Julien surpreende o jovem bispo de Agde ensaiando bênçãos diante do espelho e, em vez de se decepcionar, sai deslumbrado. O que ele vê ali, e por que o ensaio, que parece desmascarar o teatro, não abala o prestígio da Igreja aos olhos dele?

LIVRO I, CAPÍTULO 19: PENSAR FAZ SOFRER

A sra. de Rênal trata o adultério como crime e ao mesmo tempo diz que o cometeria de novo; dá para sustentar as duas coisas ao mesmo tempo, ou uma delas é para os outros ver?

Na petição de Cholin, o titular da agência de loteria deve ser substituído porque está muito doente e "vota mal nas eleições". O que o pedido mostra sobre o que Verrières entende por mérito, e o que isso significa para um rapaz como Julien, que também precisa conquistar um lugar pela aparência de devoção?

LIVRO I, CAPÍTULO 20: AS CARTAS ANÔNIMAS

A sra. de Rênal, que um capítulo antes se via condenada, escreve a Julien um plano com ordens precisas, até "arme-se de paciência e de uma tesoura". O que essa mudança mostra sobre o modo como a culpa e a ação convivem nela?

Para livrar Julien, a sra. de Rênal monta uma segunda carta anônima, recortada e colada em papel que veio da casa de Valenod, a fim de que o marido acuse o rival. O que a facilidade dessa mentira diz sobre a mulher que a inventa e sobre o mundo em que ela vive?

LIVRO I, CAPÍTULO 21: DIÁLOGO COM UM MESTRE

Rênal passa a noite imaginando matar a mulher, expulsá-la ou fingir que nada sabe, e conclui que o escândalo lhe sairia caro. O que a decisão dele mostra sobre o que ele ama e sobre o que o contém?

O narrador diz que "é a golpes de desprezo público que um marido mata sua mulher", fechando-lhe as portas dos salões. O que essa frase explica sobre o medo que move tanto a sra. de Rênal quanto o marido?

LIVRO I, CAPÍTULO 22: MANEIRAS DE AGIR EM 1830

Na casa de Valenod, Julien recita o Novo Testamento e vira moda, mas chora ao ouvir o diretor do asilo dizer que mandou calar o preso que cantava. O que esse choro revela sobre os limites da hipocrisia de Julien?

Rênal e Valenod passam a disputar Julien como preceptor, um humilhado por ver o próprio nome na última linha das coletas das confrarias, o outro dependente do vigário-geral. O que a disputa mostra sobre quem tem poder em Verrières, e o que ela torna possível para Julien?

LIVRO I, CAPÍTULO 23: DISSABORES DE UM FUNCIONÁRIO

O padre Chélan resolve o problema de Julien mandando-o embora sem discutir o pecado com ele; é proteção ou é a Igreja despachando um problema para outra porta?

Diante do cantor Geronimo, que ganha sessenta mil francos por uma esperteza de teatro, Julien pensa que "melhor ser um Geronimo do que um Rênal". O que o cantor oferece como modelo, e como ele ilumina a ideia que Julien faz de sucesso?

LIVRO I, CAPÍTULO 24: UMA CAPITAL

Julien chega a Besançon à paisana e, diante das muralhas, sonha com a farda de subtenente. Por que ele ainda vê o mundo pela farda quando está prestes a entrar para a batina?

Em Besançon, Julien recita a Nova Heloísa de cor para seduzir Amanda, quase se bate com um dos amantes dela e logo pensa que entre o seminário e a prisão "não deve haver muita diferença". Que mundo ele sente que deixa para trás, e o que ele teme encontrar?

LIVRO I, CAPÍTULO 25: O SEMINÁRIO

Julien desmaia quando o abade Pirard o encara e pergunta o nome, e o narrador cita a explicação de um filósofo, "a violenta impressão da feiura sobre uma alma feita para amar o que é belo", acrescentando que o filósofo talvez se engane. Que outra explicação o texto permite para o desmaio?

Pirard se surpreende com a extensão do conhecimento que Julien tem da Escritura, mas estranha que ele mal conheça os Padres da Igreja, e vê nisso "a tendência fatal ao protestantismo" que reprova em Chélan. Por que saber muito da Bíblia e pouco da tradição é suspeito, e o que isso mostra sobre a Igreja em que Julien está entrando?

LIVRO I, CAPÍTULO 26: O MUNDO OU O QUE FALTA AO RICO

Se hipocrisia bem-sucedida exige treinar até o modo de comer um ovo, o que sobra de Julien quando ele finalmente aprender a fazer tudo isso sem esforço?

Ao ver que no seminário a ciência vale pouco, Julien pensa: "E eu era tolo em me orgulhar!", falando de sua facilidade em captar baboseiras. O que o seminário premia que Verrières não premiava, e o que Julien perde ou ganha ao descobrir isso?

LIVRO I, CAPÍTULO 27: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DA VIDA

O narrador diz que, em quem não é muito considerado, o hábito de raciocinar é um crime, "pois todo bom raciocínio ofende", e os colegas apelidam Julien de Martinho Lutero por causa da lógica dele. Por que pensar bem é perigoso nesse lugar, e quem sai mais desprotegido, quem raciocina ou quem obedece?

Ao primeiro trovão, o colega "em olor de santidade" afasta Julien dizendo "cada um por si neste mundo". O que essa cena mostra sobre a devoção do seminário, quando posta ao lado da fé que Julien viu na sra. de Rênal?

LIVRO I, CAPÍTULO 28: UMA PROCISSÃO

Julien observa o padre Chas-Bernard, feliz com paramentos e castiçais, espera o golpe que não vem e conclui: "Que homem! Que exemplo para mim!". Por que um rapaz que desconfia de todos reconhece nesse padre algo que admira, e o que lhe falta para imitá-lo?

A sra. Derville diz a Julien que "sua presença deve causar-lhe horror", falando da sra. de Rênal, que desmaiou ao ouvir os passos dele. Ela tem razão, e o que o desmaio diz sobre o assunto?

LIVRO I, CAPÍTULO 29: A PRIMEIRA PROMOÇÃO

Pirard avisa Julien de que os companheiros jamais o olharão sem odiá-lo e que, se fingirem amá-lo, será para melhor traí-lo. Por que é o homem mais rígido do seminário quem lhe fala com franqueza, e em que essa franqueza difere do cuidado que Julien encontra nos outros?

Os pedreiros do claustro lembram que no tempo de Napoleão se tornava oficial quem era pedreiro, e Julien repete a nostalgia deles em voz baixa. O que muda quando o bonapartismo dele deixa de ser gosto de leitor e aparece como sentimento de gente do povo?

LIVRO I, CAPÍTULO 30: UM AMBICIOSO

Julien só vê no aviso de Fouqué a "pequenez de espírito de um burguês provinciano", pois ia finalmente atuar no "palco dos grandes acontecimentos". O que ele ganha, e o que perde, ao enxergar a própria vida como um palco?

Julien só vence a resistência da sra. de Rênal quando anuncia, com frieza calculada, que parte para sempre, e o narrador diz que a volta dela aos sentimentos ternos e o apagamento dos remorsos, obtidos mediante artifício, "não passaram de um prazer". Ele ganhou ou perdeu nessa noite?

LIVRO II, CAPÍTULO 1: OS PRAZERES DO CAMPO

Na diligência, Saint-Giraud diz que Bonaparte "tornou possível o reino dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reino dos Valenod e dos Maslon". Que cadeia de causas ele traça, e como Julien, que venera Napoleão, pode receber essa conta?

Diante do nome da família gravado em mármore negro sobre a porta da mansão, Julien pensa: "Eles têm tanto medo dos jacobinos!". Como esse medo explica o jeito de essa gente se exhibir, e o que ele revela sobre o mundo em que Julien vai servir?

LIVRO II, CAPÍTULO 2: INGRESSO NA SOCIEDADE

O marquês se encanta com a biblioteca e com o latim de Julien, mas se desanima ao ver que ele erra a ortografia de uma palavra, e pensa que toda a experiência foi tempo perdido. O que a cena sugere sobre o que conta como saber na casa de La Mole?

No primeiro jantar, uma discussão sobre Horácio devolve a Julien a segurança e a estima do marquês. Por que é justamente o latim, e não a conversa de salão, que lhe dá voz ali, e o que isso diz sobre o lugar que ele ocupa na casa?

LIVRO II, CAPÍTULO 3: OS PRIMEIROS PASSOS

Mathilde tenta em vão dissimular uma gargalhada com a queda de Julien e, indiscreta, quer saber detalhes; ele conta tudo com simplicidade e acaba rindo com ela. O que essa simplicidade consegue que um cálculo mais fino talvez não conseguisse?

Julien se sente "totalmente isolado" numa família que o trata com bondade, e suas trapalhadas fazem a alegria dos criados. O que torna a bondade de todos insuficiente para que ele se sinta acolhido?

LIVRO II, CAPÍTULO 4: A MANSÃO DE LA MOLE

Julien anota o nome e o caráter dos frequentadores do salão para se orientar, e o narrador diz que ali uma ideia viva, mínima que fosse, "parecia uma grosseria". Que tipo de sociedade precisa proibir a ideia, e o que ela protege com isso?

Pirard chama o salão de covil e avisa que o marquês não gosta de escrevinhadores, e Julien sobe ao quarto e queima um manuscrito seu. O que ele sacrifica nessa hora, e o que o gesto lembra de outros momentos em que escondeu ou queimou algo que era seu?

LIVRO II, CAPÍTULO 5: A SENSIBILIDADE E UMA GRANDE PIEDADE

O conde Altamira, condenado à morte em seu país, é liberal e ao mesmo tempo devoto, e Julien se surpreende, pois a ideia de religião estava, para ele, ligada "à hipocrisia e à esperança de ganhar dinheiro". O que a figura de Altamira abala na imagem que Julien faz da fé?

O salão de La Mole dá a Julien um "tédio mortal", e ele se impõe nunca dirigir a palavra a Mathilde. Por que ele escolhe o silêncio como defesa, e o que se ganha, e o que se perde, com essa escolha?

LIVRO II, CAPÍTULO 6: MODO DE PRONUNCIAR

Depois do duelo, na carruagem do adversário, Julien acha a conversa mais divertida do que a do salão de La Mole e conclui que aqueles senhores "se permitem ser indecentes". Por que o tédio de uns e a leveza de outros pertencem à mesma classe, e o que isso diz sobre o que o medo faz com as pessoas?

Para fugir do ridículo, Beauvoisis espalha que Julien é filho natural de um amigo do marquês, e o boato passa sem dificuldade. O que o episódio mostra sobre o valor da origem numa sociedade que diz medir tudo pelo nascimento?

LIVRO II, CAPÍTULO 7: UMA CRISE DE GOTA

O marquês compara o afeto por Julien ao que se pode ter por "um belo cocker spaniel" e se pergunta onde está a inconveniência. Que tipo de apego é esse, e que lugar ele reserva a Julien na casa?

Depois de dar a loteria de Verrières ao velho Cholin sem saber que o posto era pedido para outra pessoa, Julien conclui que "será necessário cometer outras tantas injustiças" se quiser vencer. O que esse aprendizado muda no modo como ele vê o poder e o próprio mérito?

LIVRO II, CAPÍTULO 8: QUAL A CONDECORAÇÃO MAIS HONROSA

No baile, Mathilde diz que só a condenação à morte honra um homem, porque é "a única coisa que não se compra". Por que essa lhe parece a única honra verdadeira, e o que a máxima dela deixa de fora?

Cercada de homenagens, Mathilde pensa que a sorte lhe deu tudo, "exceto a felicidade". O tédio dela é o de quem tem demais, ou o de quem foi educada para não precisar desejar nada?

LIVRO II, CAPÍTULO 9: O BAILE

Altamira diz que não há mais paixões verdadeiras no século XIX e que se praticam as maiores crueldades "mas sem crueldade", e cita a própria irmã, que dançou ao saber da execução do marechal Ney. O que ele quer dizer, e como o exemplo sustenta a tese?

Julien diz que "quem quer o fim quer os meios" e que, com poder, mandaria enforcar três homens para salvar quatro; depois se pergunta se quem quer expulsar a ignorância e o crime deveria "passar como a tempestade". Que moral ele está testando, e o que o texto deixa em aberto?

LIVRO II, CAPÍTULO 10: A RAINHA MARGARIDA

Mathilde, de luto no dia 30 de abril, diz amar o século das guerras da Liga Santa e lamenta que nenhuma mulher de hoje tocaria na cabeça do amante decapitado. O que ela procura numa história de séculos atrás, e o que o presente lhe nega?

Julien compara a primavera atual à do ano anterior, vivida entre trezentos hipócritas, e acrescenta: "Eu era quase tão mau quanto eles". O que essa autoavaliação revela do modo como ele julga o próprio passado?

LIVRO II, CAPÍTULO 11: O IMPÉRIO DE UMA MOÇA

Depois de se divertir passeando com Julien, Mathilde decide, num "arroubo de incrível alegria", que está amando. Dá para chamar de amor um sentimento que nasce como decisão?

Mathilde se entedia com as cartas todas iguais de Croisenois, Caylus e dos outros, e as compara, desfavoravelmente, aos atos de grandeza do tempo do Império. O que o tédio dela revela sobre o que a sua classe perdeu, e por que o remédio é procurado no passado?

LIVRO II, CAPÍTULO 12: SERÁ UM DANTON

Mathilde pensa que, se Julien fosse nobre, o amor dela seria "uma aliança desigual", sem "a enorme dificuldade a ser vencida" que caracteriza as grandes paixões. Por que ela precisa de obstáculo para amar, e o que isso diz sobre a natureza da paixão dela?

Ao ouvir do irmão que, se a revolução recomeçar, Julien os mandará à guilhotina, Mathilde decide que é o maior dos elogios ("Será um Danton!"). O que a leva a tomar por elogio aquilo que ameaça a própria classe?

LIVRO II, CAPÍTULO 13: UMA CONSPIRAÇÃO

Julien só consegue admirar Mathilde depois de imaginá-la como uma Catarina de Médici, e, ao receber a declaração, teme uma armadilha, manda copiar a carta e envia o original escondido numa Bíblia. O que o impede de aceitar ser amado?

Ao receber a declaração, Julien pensa que "o pobre carpinteiro do Jura venceu", e antes repetia que cada um é por si "nesse deserto de egoísmo que chamam de vida". Que tipo de vitória ele sente, e sobre quem?

LIVRO II, CAPÍTULO 14: PENSAMENTOS DE UMA MOÇA

Mathilde pensa que os pretendentes desafiam o perigo "à frente de um esquadrão brilhante de aço", mas recuam diante do "perigo solitário, singular, imprevisto". Que tipo de coragem ela cobra deles, e será que ela própria a tem?

Mathilde imagina que, se Julien um dia tiver todo o poder sobre ela, dirá como Medeia: "resta-me EU". O que essa citação diz da imagem que ela faz de si mesma e do tipo de entrega que aceita?

LIVRO II, CAPÍTULO 15: SERÁ UMA CONSPIRAÇÃO

Julien pensa que, se recusar o convite, se desprezará depois, pois "uma dúvida assim é a mais humilhante das desgraças". A honra que ele despreza no salão é a mesma que o empurra escada acima, e o que isso diz sobre os valores dele?

Julien compara o risco da noite a um duelo: "há defesa para tudo, como diz meu mestre de armas; mas Deus [...] faz com que um dos dois se esqueça de se defender". O que essa imagem diz de como ele entende o amor?

LIVRO II, CAPÍTULO 16: UMA HORA DA MANHÃ

Se os dois sabem, cada um a seu modo, que estão representando um papel, o que resta para chamar aquilo de amor, e por que o texto ainda insiste em chamar?

Julien pensa que não está triunfando sobre Croisenois como imaginava, que "apenas vou sucedê-lo", e logo se consola com a raiva que o rival sentirá por ter um sucessor. De que a vaidade dele se alimenta mais, do amor de Mathilde ou da derrota dos outros?

LIVRO II, CAPÍTULO 17: UMA VELHA ESPADA

Por que quase ser morta reacende o desejo de Mathilde com mais força do que qualquer declaração de amor teria?

Julien conclui que, para Mathilde, a religião serve aos "interesses de sua casta". Ele, que usou a batina como disfarce, está em condições de julgá-la, e o que o seu diagnóstico diz sobre ele?

LIVRO II, CAPÍTULO 18: MOMENTOS CRUÉIS

Por que a declaração mais franca de Julien, a que deveria comovê-la, faz Mathilde passar do prazer de torturá-lo ao desprezo?

Julien ouve as confidências de Mathilde na mesma alameda onde esperara soar uma hora para entrar no quarto dela e depois a vigia por uma janelinha, de persiana fechada. O que o faz aceitar o papel de ouvinte e de vigia, e o que isso mostra do poder que ela tem sobre ele?

LIVRO II, CAPÍTULO 19: A ÓPERA BOUFFE

Esse desenho involuntário é a prova de que existe, afinal, alguma coisa espontânea sob o cálculo, ou é só mais um material que a própria Mathilde vai usar para se convencer de sua paixão?

O narrador defende que "um romance é um espelho que se leva ao longo de uma grande estrada" e que se deve acusar o lamaçal, não o espelho. Que responsabilidade ele recusa, qual assume, e como isso se aplica ao que o leitor acabou de ler sobre Mathilde e Julien?

LIVRO II, CAPÍTULO 20: O VASO JAPONÊS

Diante do vaso quebrado, Julien diz a Mathilde que ele "está destruído para sempre, assim como o sentimento que um dia imperou em meu coração". Ele fala a verdade, mente, ou usa a mentira para dizer a verdade?

A sra. de La Mole comenta que Julien parece orgulhoso e satisfeito com o estrago, e Mathilde reconhece nisso o sentimento que o anima. Por que o orgulho dele, e não o sofrimento, é o sinal que ela sabe ler?

LIVRO II, CAPÍTULO 21: A NOTA SECRETA

O marquês testa a memória de Julien com um número inteiro do La Quotidienne, até os anúncios, antes de lhe confiar uma missão secreta. Por que o talento que serviu à hipocrisia no seminário é agora o que o torna útil à conspiração, e o que o marquês arrisca ao confiar nele?

No salão da reunião, Julien observa que pessoas "de fisionomia tão medíocre" são incumbidas de "interesses tão elevados". O que o contraste entre rostos e missões sugere sobre o poder que ele vê pela primeira vez de perto?

LIVRO II, CAPÍTULO 22: A DISCUSSÃO

No meio da ata, o narrador interrompe o relato para dizer que a política num romance é "um tiro de pistola no meio de um concerto", e o editor responde que sem ela os personagens não seriam mais franceses de sua época. A quem o livro dá razão, e o que essa discussão diz sobre o romance que se está lendo?

O marquês propõe formar em cada departamento uma tropa de quinhentos homens devotados, metade deles fidalgos, paga com um quinto da renda de cada nobre. O que o plano revela do que ele entende por defender o trono, e quem fica de fora dessa defesa?

LIVRO II, CAPÍTULO 23: O CLERO, OS BOSQUES, A LIBERDADE

O marquês confia a Julien a missão que nem o próprio filho saberia cumprir, decorar quatro páginas e percorrer cem léguas sem ser descoberto, mas nunca o convida a opinar sobre a conspiração, só a transportá-la: o que isso diz sobre o lugar que a política reserva ao mérito de Julien, mesmo quando esse mérito é indispensável?

O cardeal sustenta que sem o clero não se forma na França um partido armado e que é preciso conceder-lhe tudo: "Cinquenta mil padres repetem as mesmas palavras no dia indicado pelos chefes". O que o cardeal entende por força, e como isso conversa com a Igreja que Julien conheceu até aqui?

LIVRO II, CAPÍTULO 24: ESTRASBURGO

Um método de sedução copiado de um estrangeiro que nunca amou ninguém a sério pode produzir amor de verdade em quem o aplica, ou só produz mais um personagem para Julien representar?

Korasoff oferece a Julien a mão de uma prima rica de Moscou e a promessa de fazê-lo coronel em dois anos, e Julien pensa: "Não me casarei com os milhões que Korasoff me oferece", mas segue os conselhos dele. Que ambição ele recusa aí, e qual preserva?

LIVRO II, CAPÍTULO 25: O MINISTÉRIO DA VIRTUDE

Bustos formula o enigma de que dependeria todo o futuro de Julien: a marechala seria "uma beata cansada de seu ofício e má por ser infeliz"? Por que Julien aceita basear um plano de conquista no retrato

que dois adversários dela fazem?

Mathilde, que o esquecera durante a viagem e se dispunha a aceitar o casamento com Croisenois, muda de ideia assim que vê Julien de novo. O que a faz desejar de novo quem parece não desejá-la, e o que isso mostra sobre o amor dela?

LIVRO II, CAPÍTULO 26: O AMOR MORAL

A marechala acha o "padrezinho" da família encantador porque ele só sabe prestar atenção, e Julien vê nela a calma patricícia de quem não conhece emoção viva. Por que a atenção silenciosa rende mais a Julien do que qualquer discurso, e o que isso diz do meio que ele quer conquistar?

Julien copia as cartas de Korasoff, cai de sono no meio da cópia e ri da homilia sobre a virtude, e ainda assim cumpre fielmente o ritual de entrega, com ar contrito. O que acontece com uma pessoa que executa um papel que ela mesma acha ridículo?

LIVRO II, CAPÍTULO 27: OS MELHORES CARGOS DA IGREJA

Julien se aproxima do que sempre quis, uma mulher cujo tio bispo distribui os melhores cargos da Igreja, e o jantar é medíocre e a conversa exasperante. O que a distância entre o prêmio e o prazer diz sobre a ambição dele?

Lendo as cartas vagas da marechala, Julien conclui que "só o que percebo de verdadeiro é um medo abominável do ridículo". O que o medo do ridículo explica sobre a alta sociedade que ele quer conquistar?

LIVRO II, CAPÍTULO 28: MANON LESCAUT

Se toda palavra que Julien diz à marechala é, no relato do próprio narrador, mentira ou disfarce, o que exatamente Mathilde está admirando quando se impressiona com o maquiavelismo dele?

A marechala diz a Julien que "quem me ama não deve amar Napoleão". Por que, num salão devoto, a admiração por Napoleão vira exame de lealdade, e o que isso muda para quem a guardava em segredo?

LIVRO II, CAPÍTULO 29: O TÉDIO

O narrador atribui o envolvimento da marechala ao tédio de uma vida que "só ambiciona o efeito sobre o público". Então é o tédio, e não a sedução, que abre a fechadura de Fervagues, e o que isso diz sobre o que as cartas copiadas por Julien fazem nela?

Mathilde descobre na gaveta de Julien as cartas de Fervagues sem abrir e cai a seus pés, e ele pensa: "Aí está essa orgulhosa, a meus pés!". O que Julien sente nesse instante, amor, vitória ou as duas coisas, e como o texto indica?

LIVRO II, CAPÍTULO 30: UM CAMAROTE NA ÓPERA BOUFFE

Se Julien vence por pura disciplina de método, sem sentir por um segundo o desapego que finge, essa vitória é dele ou é do príncipe Korasoff, que nunca aparece na cena?

Depois de resistir a Mathilde, Julien se culpa: "Como pude resistir-lhe?". Por que o amor dele cresce à medida que se afasta do momento da batalha, e o que isso diz sobre o que ele ama nela?

LIVRO II, CAPÍTULO 31: AMEDRONTÁ-LA

Depois de forçar a leitura das Memórias de Santa Helena, Julien exclama: "O inimigo só vai me obedecer à medida que eu o amedrontar". Por que ele chama Mathilde de inimigo, e o que a escolha da palavra mostra sobre como ele ama?

A frieza de Julien cede junto às madressilvas, onde a lembrança do desespero passado o faz chorar, e ele disfarça dizendo que aquelas frases ternas foram elaboradas antes, para outra mulher. Por que ele prefere confessar uma mentira a confessar a emoção?

LIVRO II, CAPÍTULO 32: O TIGRE

O narrador compara Julien a um viajante inglês que criou um tigre e o acariciava, "mas sempre mantinha em sua mesa uma pistola carregada". Quem é o tigre nessa imagem, quem é o viajante, e o que a pistola protege?

Julien incorporou tão bem o papel que Mathilde passa a achar que, dos dois, é ela quem mais ama. O que ele ganha, e o que perde, ao ser amado apenas pelo personagem que representa?

LIVRO II, CAPÍTULO 33: O INFERNO DA FRAQUEZA

Quando o marquês o cobre de insultos, Julien pensa em Tartufo, "seu mestre", cujo papel sabia de cor, e lembra que Tartufo também se perdeu por uma mulher. O que a lembrança de Tartufo revela do jeito como Julien lê a própria situação?

Pirard, a quem Julien expõe três saídas, a morte, o duelo ou o exílio, torna-se o aliado mais útil de Mathilde e convence o marquês de que só um casamento público é prudente. Por que o austero jansenista se empenha por essa união, e o que isso diz do que ele valoriza?

LIVRO II, CAPÍTULO 34: UM HOMEM DE ESPÍRITO

O marquês alterna entusiasmos de três dias e não consegue perdoar: ora pensa em fazer Julien desaparecer, ora em lhe dar fortuna e até o pariató. O que o vaivém mostra da luta entre a vaidade de classe e a afeição que ele sente por Julien?

Ao receber a patente e o nome de La Vernaye, Julien pensa: "meu romance está terminado, e o mérito é todo meu". Por que ele chama a própria vida de romance, e o que o narrador sugere ao pôr a frase no ponto mais alto da ascensão dele?

LIVRO II, CAPÍTULO 35: UMA TORMENTA

A versão da origem de Julien combinada com o marquês deixa de fora o pai verdadeiro: Sorel passa a ser só o carpinteiro que cuidou do menino. O que a nova biografia compra, e o que ela apaga?

Depois de ler a carta que o descreve como "pobre e ambicioso" que tentou subir "com a ajuda da mais consumada hipocrisia", Julien compra pistolas e vai à igreja de Verrières. Por que ele responde com um tiro, e o que o gesto mostra sobre o limite do cálculo que o guiou até ali?

LIVRO II, CAPÍTULO 36: DETALHES TRISTES

Ao juiz, Julien declara a premeditação, cita o artigo do código e diz merecer a morte, e só começa a se arrepender quando sabe que a sra. de Rênal está viva. O que a ordem desses movimentos diz sobre o que ele entende por culpa?

Antes de saber que a sra. de Rênal sobreviveu, Julien escreve a Mathilde uma carta de despedida em que a manda casar-se com Croisenois um ano depois de sua morte. Que tipo de gesto é esse, generoso, vaidoso ou frio?

LIVRO II, CAPÍTULO 37: UM TORREÃO

O abade Chélan chega tão envelhecido que mal consegue falar, e a visita deixa Julien com a visão da morte "em toda a sua feiura", enquanto a dedicação de Fouqué lhe devolve a força. Por que a lealdade do amigo o fortalece e a presença do velho padre o abate?

O vigário-geral Frilair recusa o dinheiro das missas e pensa em fazer de Julien um mártir para se reconciliar com o marquês. Que uso a rede clerical dá a um condenado, e o que isso diz sobre a relação entre fé e interesse no livro?

LIVRO II, CAPÍTULO 38: UM HOMEM PODEROSO

No palácio episcopal do vigário-geral Frilair, Mathilde "sentiu-se em Paris". O que a frase sugere sobre a relação entre a aristocracia parisiense e o clero provinciano, que o livro tantas vezes opõe?

Frilair afirma que, entre os trinta e seis jurados sorteados, contaria com oito ou dez amigos, e que poderia trabalhar pessoalmente pelo menos trinta. O que vira a justiça num lugar em que o sorteio já tem dono?

LIVRO II, CAPÍTULO 39: A INTRIGA

Mathilde pede à rival Fervaques que consiga do bispo uma carta e venha a Besançon, e o narrador diz que a alma altiva dela "precisava sempre da ideia de um público e dos outros". Esse heroísmo é menos verdadeiro por ter plateia?

O narrador diz que a ambição morreu em Julien e que outra paixão ressurgiu das cinzas, "ele a chamava de remorso" por ter atirado na sra. de Rênal. Por que ele recusa o nome do que sente, e o que a palavra "remorso" lhe permite evitar?

LIVRO II, CAPÍTULO 40: A TRANQUILIDADE

Na prisão, Julien pensa que só conheceu "a arte de gozar a vida" depois de ver seu termo se aproximar. Por que a felicidade chega quando o futuro some, e o que ele passa a fazer com os dias que lhe restam?

Julien recusa com fúria a sugestão do advogado de alegar ciúme e insiste em dizer que houve premeditação. Por que ele prefere uma defesa que o condena a uma que talvez o salvasse, e o que protege com essa escolha?

LIVRO II, CAPÍTULO 41: O JULGAMENTO

Julien diz aos jurados que não é julgado por seus pares e que querem punir nele a origem, e a sra. Derville desmaia. O discurso é de defesa, de acusação ou de testamento, e a quem ele fala de fato?

Julien declara que se julga justamente condenado e, no mesmo discurso, denuncia a classe que o julga. Por que ele aceita a pena e denuncia o tribunal ao mesmo tempo, e as duas atitudes cabem juntas?

LIVRO II, CAPÍTULO 42

Julien recusa apelar porque "neste momento me sinto com coragem para morrer sem provocar muitos risos às minhas custas", e ninguém garante que a terá dali a dois meses. Que ideia de coragem é essa, e o que ela mostra sobre o que importa a ele no fim?

Julien se pergunta como persuadir a sra. de Rênal de que é só a ela que ama, se "quis matá-la por ambição ou por amor a Mathilde". O que a pergunta mostra sobre a incerteza que ele tem dos próprios motivos?

LIVRO II, CAPÍTULO 43

Diante do padre intrigante que reza de joelhos na lama à porta da prisão, Julien exclama: "Ó minha pátria! Como ainda és bárbara!". O que a raiva dele mostra sobre quanto o olhar dos outros ainda pesa em quem está prestes a morrer?

Julien condiciona a apelação ao juramento de que a sra. de Rênal não atentará contra a própria vida. Por que ele faz esse pedido, e o que ele revela do que sabe dela e de si mesmo?

LIVRO II, CAPÍTULO 44

Na cela, Julien conclui que "não existe um direito natural" e que só há direito onde uma lei proíbe sob pena de punição. Por que uma ideia dessas lhe vem justamente ali, e o que ela devolve ao julgamento que o condenou?

O velho Sorel visita o filho condenado e apresenta a conta das despesas de alimentação e de educação que adiantou. Por que o romance reserva essa cena ao pai, e o que ela fecha em relação ao modo como ele tratou Julien desde o início do livro?

LIVRO II, CAPÍTULO 45

Na manhã da execução, Julien pede a Fouqué que ponha Mathilde e a sra. de Rênal na mesma carruagem e exige da sra. de Rênal o juramento de viver para o filho de Mathilde. Por que o último pedido dele junta as duas mulheres, e o que ele faz com o amor de cada uma?

Mathilde entra no quarto onde Fouqué vela o corpo, põe a cabeça de Julien numa pequena mesa de mármore e a beija na testa. Isso é amor, teatro ou as duas coisas, e o que muda no modo de lembrar Julien conforme se responde?

LIVRO II, CAPS I-XV - PARIS E O PALÁCIO DE LA MOLE

Pergunta. Julien troca uma arena onde media tudo por dinheiro e voto por outra onde nada disso conta: o que muda, de fato, na natureza da guerra que ele trava, e o que continua sendo exatamente a mesma guerra com um vocabulário novo?

Pergunta. O **Marquês de La Mole** perdoa a falta de ortografia e não perdoa a falta de maneiras: por que a forma pesa mais que o conteúdo exatamente na classe que se define pela posse do conteúdo (livros, latim, história)?

Pergunta. Se o salão pune qualquer ideia viva com a pecha de mau gosto, que lugar sobra para uma convicção como a de Altamira, que já custou uma sentença de morte? O salão a tolera, a ignora ou precisa dela como espetáculo?

Pergunta. O marquês compara o afeto por Julien ao afeto por um cão de estimação bonito e original, dito com carinho genuíno: até que ponto essa comparação é também a medida exata do teto que Julien nunca vai furar nessa casa?

Pergunta. Mathilde decide que só a condenação à morte prova caráter, e ninguém no salão, exceto Altamira, pagou esse preço: o que significa fundar um ideal de grandeza sobre uma prova que a própria condição social de quem o formula torna quase impossível de cumprir?

Pergunta. Se Mathilde já amava a lenda antes de amar Julien, o que ela ama nele: o homem, ou o papel de Boniface de La Mole que ele, sem querer, começa a preencher?

Pergunta. Mathilde despreza o irmão e os pretendentes por não suportarem "o perigo solitário, singular, imprevisto"; mas ela mesma nunca correu risco nenhum além do risco social de uma carta indiscreta: até que ponto seu ideal de coragem é sincero, e até que ponto é mais um adorno de classe, como a fita do Tosão de Ouro do príncipe de Araceli?

Pergunta. Julien só se permite alegria depois de reler a vitória sobre Croisenois como uma paisagem de méritos, nunca como afeto correspondido: o que isso revela sobre o que ele efetivamente busca em Mathilde, o amor dela ou a prova de que pode vencer o nascimento dela?

Pergunta. Depois de nove blocos vendo Julien recusar, item por item, o valor que a aristocracia dá a si mesma (o nascimento, o duelo ritual, a fita de condecoração), ele decide agir por honra, a moeda mais aristocrática de todas: ele venceu o jogo do faubourg, ou foi absorvido por ele?

LIVRO II, CAPS XVI-XXX - MATHILDE E O ORGULHO

- O romance está descrevendo como o amor de fato funciona na aristocracia parisiense de 1830, ou está fazendo uma caricatura para valorizar por comparação o episódio de Verrières?
- Até que ponto Julien está genuinamente apaixonado por Mathilde, e até que ponto ele está apaixonado pela vitória sobre uma classe que o despreza?

LIVRO II, CAPS XXXI-XLV - O TIRO, O PROCESSO E A PRISÃO

Se a ambição de Julien nunca foi por dinheiro nem por título, como o próprio texto insiste, o que exatamente ele venceu ao virar La Vernaye? E por que essa vitória, no instante em que se completa, já soa a despedida?

Por que um homem que planeja cada gesto da própria vida escolhe, na única vez em que age sem plano, um ato que o condena? O tiro liberta Julien de quê?

Abade de Frilair ajuda Julien por cálculo de carreira, não por justiça. Isso torna a ajuda menos real, ou o romance está dizendo que, nesse mundo, não existe ajuda que não seja interessada?

Julien diz aos jurados que o crime deles é puni-lo por classe, não pelo tiro. O discurso é verdade sobre o julgamento, ou é a última e maior construção retórica de um homem que a vida inteira construiu personagens de si mesmo?

Se a felicidade de Julien só aparece quando o futuro (ambição, cálculo, plano de vida) é retirado da equação, o que isso diz sobre o preço que ele pagou, ao longo de todo o romance, por perseguir esse futuro?

A sra. de Rênal não se mata, mas morre em três dias de qualquer forma. Ela cumpriu o juramento a Julien, ou o próprio corpo dela discordou do juramento que a cabeça fez?